

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

NUNI VIEIRA JORGENSEN

**MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E FAMÍLIAS DOMICILIARES: Arranjos,  
Estratégias e Conflitos em Governador Valadares, Minas Gerais**

Belo Horizonte

2017

NUNI VIEIRA JORGENSEN

**MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E FAMÍLIAS DOMICILIARES: Arranjos,  
Estratégias e Conflitos em Governador Valadares, Minas Gerais**

Dissertação Apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Demografia da  
Universidade Federal de Minas Gerais,  
como Requisito Parcial para Obtenção do  
Título de Mestre em Demografia

Orientador: Professor Doutor Alisson Flávio Barbieri

Coorientador: Professor Doutor Gilvan Ramalho Guedes

Belo Horizonte

2017

### Ficha Catalográfica

Jorgensen, Nuni Vieira.

J82m  
2017      Migração internacional e famílias domiciliares  
[manuscrito] : arranjos, estratégias e conflitos em Governador  
Valadares, Minas Gerais / Nuni Vieira Jorgensen. – 2017.

168 f.: il., gráfs. e tabs.

Orientador: Alisson Flávio Barbieri.  
Coorientador: Gilvan Ramalho Guedes

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional.  
Inclui bibliografia (f. 139-147).

1. Migração – Teses. 2. Governador Valadares (MG) -  
Migração – Teses. 3. Demografia - Teses. I. Barbieri,  
Alisson F. (Alisson Flávio). II. Guedes, Gilvan Ramalho.  
III. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de  
Desenvolvimento e Planejamento Regional. IV. Título.

CDD: 304.8098151

*Aos meus pais, internacionalistas*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a meus pais. À minha mãe, mulher migrante. Minha melhor amiga, minha inspiração de força. Quem esteve comigo a cada passo desta pesquisa e que me faz acreditar todos os dias na construção de uma universidade humana e comprometida. Ao meu pai, meu companheiro, meu porto-seguro e a quem eu tanto admiro. Agradeço-lhe por ser o professor que me ensinou desde as contas de dividir até um pouquinho da dialética que eu tento levar para a vida e para o meu trabalho.

Ao meu companheiro, amor e amigo, Vinícius, não por entender a minha ausência, mas, sim, por se fazer presente em absolutamente todos os momentos da minha vida. Pela cumplicidade, pela serenidade, e pela força que me faz crescer a cada dia.

Aos meus orientadores. Ao Alisson, por me acolher e me introduzir à demografia em seu aspecto mais multidisciplinar. Ao Gilvan, por me apresentar à riqueza da pesquisa de campo. Agradeço aos dois, sobretudo, pela compreensão com meus erros, paciência com as minhas ansiedades, e pelos inúmeros votos de confiança ao longo dos dois anos de mestrado.

À Júlia, minha querida professora, amiga, conselheira, não só por me ajudar a colocar em prática esta dissertação, mas por me tornar capaz de fazer sozinha o que até então julgava impossível. À Sandra, pela solidariedade sem limites. Por me apresentar a GV, suas pessoas, e suas histórias e por encher de alegria cada uma das minhas visitas.

Aos meus professores. À Gisela, por tanto me guiar e me apoiar ao longo dos últimos tempos. Ao Dimitri, por me apresentar às migrações, e por compartilhar suas reflexões, as quais levo comigo nesta jornada. À Simone, por fazer-me encantar pela demografia da família. Ao mestre Zé Alberto, pela disposição em esclarecer qualquer dúvida.

Às minhas famílias. À minha avó Marlene, pelo amor, inteligência e sabedoria que tanto admiro. À Marta, pelo carinho e alegria de viver que me contagiam desde sempre. À minha família carioca – tia Cristina, tio Zé, Arthur e Carol –, que me acompanha a cada degrau. À minha família adotiva – Eunice, Alexandre e Carol –, que me dá a leveza que preciso para seguir adiante. Aos meus queridos amigos-irmãos, Luciana, Victor, Lincoln, Anna, Karine, Nathalia, Amanda, Bianca, Danilo, Lucas e Brenda, por todo amor. À Luciana, pelas reflexões sobre a dissertação e sobre a vida. Ao Victor, sem o qual eu nunca teria vencido a burocracia universitária. À Larissa, por me ajudar a enxergar minha própria força.

Aos meus colegas de coorte, que compartilharam tanto conhecimento. Agradeço especialmente à Victória, amiga de todas horas e grande exemplo de vida. Ao Tiago, pelo apoio desde o primeiro dia. À Monique e Samara, pela ajuda em cada passo.

Finalmente, agradeço a todos os meus entrevistados em Governador Valadares, que transformaram cada número do Censo em histórias de amor, luta e superação.

*“Um homem não é uma margem que apenas existe de um ou de outro lado. Um homem é uma ponte ligando as diversas margens. ”*

*(Mia Couto)*

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar negociações, arranjos e conflitos existentes em torno da migração internacional, dentro das famílias domiciliares na origem para o município de Governador Valadares, em Minas Gerais. Como referencial teórico, utilizaram-se aportes tanto da Nova Economia da Migração e Trabalho (NELM), quanto da teoria transnacionalista, em especial da literatura das famílias transnacionais. Metodologicamente, foi utilizado método misto, contendo, de um lado, a análise do quesito de emigração internacional do Censo de 2010 e do *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce* e, de outro, análise de conteúdo de 20 entrevistas semiestruturadas conduzidas no município de Governador Valadares, em 2016. Observou-se que os fluxos de valadarenses rumo aos Estados Unidos e Portugal têm características distintas em termos de sexo e idade, sugerindo que a análise da emigração internacional nessa região deva considerar as características específicas dos fluxos para cada um desses dois destinos. Além da seletividade etária e de gênero, observou-se também que os domicílios com emigrantes internacionais são significativamente diferentes daqueles sem emigrantes internacionais, em que prevalecem os arranjos monoparentais e estendidos. A partir das entrevistas qualitativas, percebeu-se que esses arranjos tanto podem ser causa como consequência do processo migratório. Finalmente, chegou-se à conclusão de que os processos de tomada de decisão de migrar são altamente complexos e, frequentemente, não envolvem um contrato entre emigrante e família domiciliar, têm motivações não-econômicas e englobam diversos tipos de conflitos intradomiciliares.

**Palavras-Chave:** Migração Internacional; Demografia das Famílias; Nova Economia da Migração e Trabalho; Transnacionalismo

## ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze the negotiations, arrangements and conflicts existing around international migration decision-making among emigrants and their family households, using as case study the city of Governador Valadares, Minas Gerais, Brazil. This has been done by using the theoretical frameworks developed by the New Economics of Labor Migration (NELM), and by the transnationalist theory, especially by the literature of transnational families. Methodologically, a mixed methods approach was carried out, using, on one hand, the collected data on international emigration of the 2010 Census and of the Survey on Migration, Vulnerability and Environmental Changes in the Rio Doce Valley; and, on the other hand, a content analysis of 20 in-depth interviews conducted in Governador Valadares, 2016. As results, it became clear that the flows towards the United States and Portugal have different sex and age selectivity, so that emigration from Governador Valadares needs to be regarded taking it account these specificities. In addition, the findings of this study show that households with international emigrants are significantly different from those without international emigrants, with the prevalence of single-parent and extended arrangements in the former. Moreover, the in-depth interviews demonstrated that these arrangements can be causes as well as consequences of the migratory processes. Finally, it was found that the decision-making processes to migrate are highly complex and often do not involve a contract between emigrant and family households; frequently have non-economic motivations; and, generally, encompass various types of intrahousehold conflicts.

**Key Words:** International Migration; Family Demography; New Economics of Labor Migration; Transnationalism

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de Observações por Variável Analisada no Censo Demográfico, Governador Valadares, 2010 .....	65
Tabela 2 - Número de Observações por Variável Analisada no Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce, 2015-2016.....	66
Tabela 3- Proporção de Emigrantes Internacionais por País de Destino, segundo Quinquênio da Emigração, Governador Valadares, Brasil, 1980-2010 .....	67
Tabela 4-Distribuição por Sexo dos Emigrantes Internacionais, segundo Destino, entre 2005 e 2010, Governador Valadares, Brasil.....	69
Tabela 5 - Idade Média ao Migrar, Segundo Destino, entre 2005 e 2010, Governador Valadares, Brasil.....	70
Tabela 6 - Distribuição dos Emigrantes Internacionais por Idade ao Migrar, segundo Destino, entre 2005-2010, Governador Valadares, Brasil.....	71
Tabela 7- Distribuição por Sexo dos Retornados Internacionais, segundo Origem, Governador Valadares, 2015-2016.....	72
Tabela 8 - Retornados de Última Etapa entre 2000 e 2010, segundo Sexo, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016 .....	73
Tabela 9 - Motivo da Migração Segundo Destino, Emigrantes Internos e Internacionais, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016 .....	77
Tabela 10- Motivo da Migração Segundo Sexo, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016 .....	78
Tabela 11- Motivo da Emigração Internacional Segundo Sexo, Retornados Internacionais, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016.....	79
Tabela 12- Motivo do Retorno, Segundo Sexo, Retornados Internacionais, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016 .....	80
Tabela 13 - Configuração Migratória dos Domicílios com ao menos um Emigrante Internacional, Governador Valadares, Brasil, 2010 .....	81
Tabela 14-Tipo de Arranjo Domiciliar, segundo Presença de Emigrante Internacional, se primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.....	82
Tabela 15-Tipo de Arranjo Domiciliar, segundo Destino dos Emigrantes Internacionais no Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.....	82
Tabela 16-Tipo de Arranjo Domiciliar, Segundo Tipo de Emigrante no Domicílio, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016 .....	84
Tabela 17 - Razão de Dependência Jovem por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil.....	85
Tabela 18-Razão de Dependência Idosa por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil.....	85

Tabela 19-Razão de Dependência Idosa por Destino dos Emigrantes Internacionais do Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil.....	85
Tabela 20-Razão de Dependência Jovem por Destino dos Emigrantes Internacionais do Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil.....	85
Tabela 21 - Corresidência de Crianças e Idosos no Domicílio, por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio, que Emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010 .....	87
Tabela 22- Proporção de Domicílios com Crianças em que pelo menos uma das Crianças têm mãe ausente, por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio que emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil .....	88
Tabela 23 - Proporção de Domicílios com Crianças em que pelo menos uma das Crianças tem mãe ausente, segundo Destino de Emigrante Internacional no Domicílio que emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010 .....	88
Tabela 24-Arranjos dos Domicílios com Emigrantes Internacionais que Emigraram a Partir de 2005 e que têm Crianças com Mães Ausentes, Governador Valadares, Brasil, 2010 .....	89
Tabela 25 – Proporção de Domicílios com Chefia de Avós, por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio que Emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010 .....	90
Tabela 26- Proporção de Domicílios com Chefia de Avós, daqueles com Emigrantes Internacionais que Emigraram a partir de 2005 e Crianças Menores de 15 anos, por Ausência Materna no Domicílio, Governador Valadares, Brasil, 2010 .....	90
Tabela 27- Proporção de Domicílios com Chefia de Avós, por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio que Emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010 .....	91
Tabela 28-Proporção de Domicílios com Geração Pulada, segundo Presença de Emigrante Internacional no Domicílio que Emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.....	92
Tabela 29 - Tipo de Domicílio Monoparental por Presença de Emigrante Internacional que Emigrou a partir de 2005 no Domicílio, Governador Valadares, Brasil .....	92
Tabela 30-Renda Domiciliar Per Capita por Número de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010. ....	94
Tabela 31– Renda Domiciliar Per Capita por Presença e Destino de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.....	94
Tabela 32 - Renda Domiciliar Per Capita por Presença e Destino de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2000, Governador Valadares, Brasil, 2010.....	96
Tabela 33-Proporção de Emigrantes que Enviaram Remessas, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016 .....	97
Tabela 35 - Proporção de Domicílios com ao Menos 1 Emigrante Internacional por Recebimento de Remessas, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016.....	98

Tabela 36 - Proporção de Emigrantes Internacionais que Enviaram Remessas, segundo Destino do Emigrante, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016.....	98
Tabela 37 - Proporção de Emigrantes Internacionais que Enviaram Remessas, segundo Sexo do Emigrante, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016.....	99
Tabela 38 - Escolaridade do Chefe de Domicílio, Segundo Número de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.....	100
Tabela 39 - Escolaridade dos Retornados Internacionais por Destino, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016 .....	101
Tabela 40 - Escolaridade do Chefe de Domicílio por Presença e Destino dos Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.....	102
Tabela 41 - Escolaridade do Chefe de Domicílio por Presença e Destino dos Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2000, Governador Valadares, Brasil, 2010.....	102

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1-Perfil dos entrevistados dos familiares cujos filhos emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1A, Governador Valadares, 2016 .....	105
Quadro 2-Perfil dos entrevistados retornados que emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1B, Governador Valadares, 2016 .....	106
Quadro 3-Perfil dos Entrevistados, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016 .....	115
Quadro 4-Perfil dos entrevistados, retornados que deixaram cônjuges ou ex-cônjuges na origem, Grupo G2B, Governador Valadares, 2016 .....	115
Quadro 5-Perfil Socioeconômico, familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, G3A, Governador Valadares, Brasil .....	126
Quadro 6-Perfil Socioeconômico, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, G3B, Governador Valadares, Brasil, 2016 .....	127
Quadro 7-Códigos referentes à decisão de emigrar, familiares cujos filhos emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1A, Governador Valadares, 2016 .....	156
Quadro 8-Códigos Referentes à Decisão de Emigrar, retornados que emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1B, Governador Valadares, 2016.....	156
Quadro 9-Códigos referentes à adaptação no destino, familiares cujos filhos emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1A, Governador Valadares, 2016 .....	157
Quadro 10-Códigos referentes à adaptação no destino, retornados que emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1B, Governador Valadares, 2016.....	157
Quadro 11-Códigos referentes ao envio e uso das remessas, familiares cujos filhos emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1A, Governador Valadares, 2016 .....	158
Quadro 12-Códigos referentes ao envio e uso das remessas, retornados que emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1B, Governador Valadares, 2016 .....	158
Quadro 13-Balanço do Projeto Migratório e Planos Futuros, familiares cujos filhos emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1A, Governador Valadares, 2016 .....	159
Quadro 14-Balanço do Projeto Migratório e Planos Futuros, retornados que emigraram antes da transição para paternidade ou casamento G1B, Governador Valadares, 2016	159
Quadro 15-Códigos Referentes à Decisão de Migrar, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016.....	160
Quadro 16-Códigos Referentes à Decisão de Migrar, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016.....	160
Quadro 17-Códigos Referentes ao Recebimento e Uso de Remessas, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016 .....	161

Quadro 18-Códigos Referentes ao Envio e Uso de Remessas, retornados que deixaram cônjuges ou ex-cônjuges na origem, G2B, Governador Valadares, 2016.....	161
Quadro 19-Códigos Referentes ao Casamento e Cuidado com os Filhos, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016 .....	162
Quadro 20-Códigos Referentes ao Casamento e Cuidado com os Filhos, retornados que deixaram cônjuges ou ex-cônjuges na origem, G2B, Governador Valadares, 2016....	162
Quadro 21-Códigos Referentes a Retorno e Planos Futuros, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016.....	163
Quadro 22-Códigos Referentes a Retorno e Planos Futuros, retornados que deixaram cônjuges ou ex-cônjuges na origem G2B, Governador Valadares, 2016.....	163
Quadro 23-Códigos Referentes à Decisão de Emigrar, Familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, G3A, Governador Valadares, 2016 .....	164
Quadro 24-Códigos Referentes à Decisão de Emigrar, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, G3B, Governador Valadares .....	164
Quadro 25-Códigos referentes à Adaptação no Destino, Familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, G3A, Governador Valadares, 2016 .....	165
Quadro 26-Códigos referentes à Adaptação no Destino, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, G3B, Governador Valadares, 2016 ..	165
Quadro 27-Códigos Referentes ao Uso e Envio de Remessas, Familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, Grupo 3GA, Governador Valadares, 2016 .....	166
Quadro 28-Códigos Referentes ao Uso e Envio de Remessas, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, Grupo 3GB, Governador Valadares, Brasil.....	166
Quadro 29-Códigos Referentes ao Cuidado com os Filhos, Familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, Grupo 3GA, Governador Valadares, Brasil.....	167
Quadro 30-Códigos Referentes ao Cuidado com os Filhos, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, Grupo 3GB, Governador Valadares, Brasil.....	168
Quadro 31-Códigos Referentes a Planos Futuros, Familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, G3A, Governador Valadares, 2016 .....	169
Quadro 32-Códigos Referentes a Planos Futuros, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, Grupo 3GB, Governador Valadares, 2016.....	169

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Taxas de Desemprego Anuais, Estados Unidos e Portugal, 1991-2010.....	68
Figura 2 - Distribuição por Sexo e Etária ao Migrar dos Emigrantes Internacionais, segundo Destino, entre 2005-2010, Governador Valadares, Brasil. ....	70
Figura 3- Pirâmide Etária da População Total em 2010 e da População ao Emigrar entre 2005-2010, Governador Valadares, Brasil .....	74
Figura 4 - Composição por Sexo, segundo Quinquênio da Emigração, dos Emigrantes Internacionais, Governador Valadares, Brasil.....	75
Figura 5 - Composição por Sexo por Quinquênio da Emigração Internacional, para os Estados Unidos, Governador Valadares, Brasil.....	76
Figura 6 - Razão de Dependência por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil.....	86
Figura 7 - Renda Domiciliar Per Capita por Presença e Destino de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.....	95
Figura 8 - Escolaridade do Chefe de Domicílio por Número de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2000, Governador Valadares, Brasil, 2010.	100

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 O PAPEL DAS FAMÍLIAS DOMICILIARES NAS TEORIAS DE MIGRAÇÃO INTERNACIONAL .....	21
2.1 Os Conceitos de Família e Domicílio .....	21
2.2 A Nova Economia da Migração e Trabalho (NELM) .....	24
2.2.1 O Papel do Domicílio na decisão do Indivíduo de Migrar.....	24
2.3 Conflitos Intra-Domiciliares e Críticas à NELM.....	27
2.3 A Teoria Transnacionalista, Circulação de Cuidado e Famílias Transnacionais..	30
2.3.1 Transnacionalismo: conceitos e contribuições.....	30
2.3.2 Famílias Transnacionais.....	32
2.3.3 O Uso da NELM e do Transnacionalismo para a Execução dos Objetivos Propostos .....	36
3 MIGRAÇÃO E FAMÍLIAS DOMICILIARES; O CASO DE GOVERNADOR VALADARES .....	38
3.1 Breve Contexto Histórico .....	38
3.2 Regime Migratório nos Estados Unidos e Portugal.....	41
3.3 Perfil Sociodemográfico dos Migrantes Valadarenses .....	44
3.4 Quem Cuida na Família Brasileira? A Normativa de Gênero e a Migração .....	48
4. METODOLOGIA.....	51
4.1 Fontes de Dados.....	52
4.1.1 Censo Demográfico 2010.....	52
4.2 Métodos de Análise dos Dados.....	61
4.2.1 Testes Estatísticos .....	61
4.2.2 Técnica de Análise de Conteúdo.....	62
5 ANÁLISE DESCRITIVA A PARTIR DO RESULTADO DO CENSO E SURVEY 65	
5.1 Características dos Emigrantes a partir do Censo 2010 e dos resultados do survey .....	66
5.1.1 Composição Etária e por Sexo dos Emigrantes Internacionais de Governador Valadares a partir do Censo de 2010.....	66
5.1.2 Motivação a Migrar a Partir dos Resultado do Survey .....	76
5.2 Características Demográficas dos Domicílios com Emigrantes Internacionais ...	81
5.2 Características Socioeconômicas dos Domicílios com Emigrantes Internacionais .....	93

5.2.1 Perfil Socioeconômico dos Domicílios a partir da Variável de Renda Per Capita e Análise do Efeito das Remessas.....	93
5.2.1 Perfil Socioeconômico dos Domicílios a partir da Variável de Escolaridade do Chefe de Domicílio .....	99
5.3 Síntese das Características Demográficas e Socioeconômicas dos Domicílios por Presença de Emigrante Internacional.....	103
6.ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS ....	105
6.1 Domicílios em que o Filho Emigrou Antes da Transição para casamento/paternidade e Retornados que Emigraram antes da transição para maternidade/casamento.....	105
6.1.1 Motivação para Emigrar.....	106
6.1.2 Adaptação no Destino .....	108
6.1.3 Remessas e Balanço do Projeto Migratório .....	111
6.1.4 Considerações Finais.....	114
6.2 Domicílios em que o Cônjuge ou Ex-Cônjuge Emigrou e Retornados que, ao Emigrar, deixaram Cônjuge na Origem .....	115
6.2.1 Motivação para Emigrar.....	116
6.2.2 Uso e Envio de Remessas.....	118
6.2.3 Relação Conjugal e Cuidado com os Filhos.....	119
6.2.4 Balanço do Projeto Migratório e Planos Futuros .....	124
6.2.5 Considerações Finais.....	125
6.3 Domicílios em que os Filhos foram Deixados na Origem sob a Responsabilidade de Avós e Retornados que, ao Emigrar, deixaram Filhos com seus Pais .....	126
6.3.1 Vida na Origem Antes da Emigração e Motivação para Emigrar.....	127
6.3.2 Adaptação no Destino .....	130
6.3.3 Uso e Envio de Remessas.....	131
6.3.4 Cuidado com os Filhos e Maternidade Transnacional .....	132
6.3.5 Balanço da Migração e Considerações Finais.....	134
7.CONCLUSÃO.....	136
REFERÊNCIAS .....	142
ANEXOS .....	149
ANEXO A - Roteiro da Entrevista Semi-Estruturada com Famílias de Emigrantes Internacionais.....	149
ANEXO B - Roteiro da Entrevista Semi-Estruturada com Retornados Internacionais .....	152
ANEXO C - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....	155
ANEXO D - Tabelas de Códigos das Entrevistas Semi-Estruturadas .....	156

## 1 INTRODUÇÃO

Grande parte da literatura contemporânea sobre mobilidade populacional enfatiza o papel dos domicílios nas decisões de migrar. Diferentemente do individualismo neoclássico, a Nova Teoria da Migração e Trabalho (NELM) salienta que a migração se configura como um projeto que reflete, não raro, uma estratégia de sobrevivência familiar. Nesse sentido, os domicílios em países em desenvolvimento, muitas vezes afetados por inseguranças de mercado, ou mesmo intempéries climáticas, enviariam certos membros da família domiciliar para trabalhar em outras regiões, de modo a diversificar os recursos disponíveis. (STARK & BLOOM, 1985). As remessas ganham, então, grande relevância no estudo da temática migratória, havendo diversas localidades cuja principal fonte de renda provém das migrações.

Embora entender a influência dos domicílios na decisão dos indivíduos de emigrar e enviar remessas seja primordial para a compreensão do projeto migratório e suas consequências, críticos da NELM argumentam que esta, frequentemente, ignora assimetrias existentes dentro do domicílio, bem como o caráter de contravenção que pode assumir a saída do indivíduo de seu local de origem. (BAKEWELL, 2010). É importante, perceber, portanto, não somente o caráter estratégico da migração, mas também os conflitos e rearranjos produtivos e reprodutivos que o fenômeno acarreta aos domicílios deixados para trás. Inconformidades, divergências derivadas de questões de gênero, separações e crianças criadas por avós na ausência dos pais são todas possíveis consequências da migração já apontadas pela literatura internacional. (WONG, 2006; HAAS, 2013; DAS, VALK & MERS, 2016). Compreender o lado estratégico e também as consequências não premeditadas do fenômeno é fundamental para um entendimento completo das inter-relações entre famílias domiciliares e migração internacional. Importante para superar tais carências são os aportes teóricos trazidos pela literatura das famílias transnacionais, que, em geral, concebem que as negociações em termos de migração são sempre fluidas e datadas no tempo e no espaço, sujeitas a mudanças de percepção dos indivíduos envolvidos. Além disso, este conceitual considera processos não-econômicos e a circulação de cuidado no sentido amplo, categoria na qual as remessas entram apenas como um dos aspectos relevantes. (MERLA & BALDASSAR, 2014).

Este trabalho realiza uma comparação entre essas duas teorias, indicando quais os avanços e limitações que as mesmas trazem para o entendimento do fenômeno migratório. Dessa forma, será possível formular uma abordagem teórica própria que – a partir das contribuições e sinergias entre a Nova Economia da Migração e Trabalho e o transnacionalismo – possibilite o entendimento do atual padrão de migração internacional no caso estudado. Este referencial teórico possibilitará compreender as negociações, arranjos e conflitos existentes em torno da migração internacional dentro das famílias domiciliares na origem para o caso específico do município de Governador Valadares, em Minas Gerais, Brasil.

Pretende-se mais especificamente: I) identificar a composição por sexo e idade do fluxo migratório para os dois principais destinos dos emigrantes na região – Estados Unidos e Portugal; verificar quais são as principais configurações demográficas de domicílios que tem ao menos um de seus membros vivendo no exterior; II) levantar hipóteses sobre como essa configuração – incluindo a formação e dissolução dos domicílios – afetou ou foi afetada pelo processo migratório; III) de que modo e por que os domicílios no local de origem influenciaram a decisão dos seus membros de migrar; IV) observar se o processo de migração gerou conflitos intradomiciliares; V) e entender como se dá a circulação de cuidado – em sentido amplo – em diferentes arranjos domiciliares na origem. O trabalho tem como foco principal o nível micro de análise da migração internacional, conforme a esquematização proposta por Massey et al. (2005). Não serão discutidos, portanto, os determinantes estruturais que levam os indivíduos a migrar – embora estes sejam, sem dúvida, essenciais para compreender a migração internacional –, mas, sim, como a sua decisão é embasada e negociada no nível da família domiciliar.

A justificativa deste trabalho se insere no fato de que, se muito já se caminhou no sentido de entender as interrelações entre domicílios e migração internacional para o caso de fluxos migratórios na África (ADAMS, 1991; HAAS, 2013; HODDINOTT, 1994; WONG, 2006), Ásia (LEEVEES, 2009; SEMYNOV, 2005; HENDRIK, GRIEBEWOLD & FOKKEMA, 2005; SEMYONOV & GORODZEISKY, 2008; OSAKI, 2003), e Hispano-América (MASSEY & PARRADO, 1994; BRIÉRE et al, 2000; CONWAY & COHEN, 1998; SANA & MASSEY, 2005), pouco foi explorado no mesmo âmbito para o Brasil. Ainda que o país não conte com saldos migratórios expressivos, algumas regiões merecem destaque. Esse é o caso do município de Governador Valadares. A peculiaridade dessa região no que tange à migração internacional a faz extremamente profícua para a

condução de um estudo de caso sobre as causas e consequências da migração internacional com relação às famílias domiciliares no local de origem.

Diversos estudos já foram realizados sobre a região de Governador Valadares no que tange à migração internacional e ao papel das redes, inclusive familiares, no processo de adaptação no local de destino e também na empreitada rumo ao território estadunidense, (SOARES, 2005; FAZITO & SOARES 2013; SALES 1999; MARGOLIS, 1994). Pouco foi dito, no entanto, acerca do impacto das migrações sobre as famílias domiciliares na origem, bem como sobre o papel das mesmas na decisão de migrar dos indivíduos. Até o momento, nenhum estudo utilizou tipologias de domicílios na origem para analisar o caso valadarense.

A fim de conduzir este trabalho será empregada uma metodologia mista, com o uso de técnicas quantitativas e qualitativas. Sabe-se que os estudos migratórios sofrem de problemas de difícil resolução no que tange a questões metodológicas. Não somente as pesquisas têm uma seletividade inerente no processo de coleta de dados – já que é difícil ter informações simultâneas na origem e no destino – como também há carência de informações longitudinais e até mesmo dificuldades de categorização de certos tipos de mobilidade recentes, como a pendularidade e a circularidade. Acredita-se que a combinação de uma análise descritiva baseada em dados censitários e amostrais aliada a uma metodologia qualitativa seria uma importante contribuição no sentido de levantar novas hipóteses sobre as inter-relações entre o comportamento migratório e os domicílios no local de origem, especificamente na região de Governador Valadares.

Com vistas a facilitar a organização da discussão sobre as teorias que envolvem a temática, a metodologia empregada e os resultados obtidos, o trabalho encontra-se dividido em 7 capítulos. O primeiro consta justamente com a introdução e tem como objetivo dar ao leitor uma primeira ideia do problema de pesquisa. O segundo intende apresentar as duas literaturas empregadas para a resolução das perguntas postuladas, quais sejam, a teoria da Nova Economia da Migração e Trabalho e a Teoria das Famílias Transnacionais. O terceiro, tem como intuito trazer a discussão teórica internacional para a análise específica do caso de Governador Valadares, salientando os estudos já realizados na região sobre a temática das famílias e da migração internacional. O quarto, metodológico, objetiva apresentar as fontes de dados, suas contribuições e limitações, bem como as técnicas de análise dos mesmos. O quinto busca trazer os resultados

baseados na análise de cunho quantitativo, a partir dos dados do Censo 2010 e do Survey *Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce 2015-2016*. O sexto capítulo, por sua vez, tem como objetivo trazer os resultados obtidos a partir das técnicas qualitativas de análise de conteúdo a partir das entrevistas semiestruturadas. Finalmente, o sétimo capítulo, conclusivo, busca apontar como os resultados qualitativos e quantitativos se complementam. Ao mesmo tempo, objetiva trazer os pontos a serem melhor desenvolvidos e discutidos em trabalhos futuros.

Acredita-se que, a partir dessa organização, o trabalho auxiliará a entender quais são os impactos da mobilidade não apenas para aquele que migra, mas também para os indivíduos da sua família domiciliar que permanecem na origem. Além disso, dado que as redes migratórias são em grande medida familiares, (FAZITO, 2010) é importante levar em conta fatores que possam alterar a configuração da família domiciliar na origem. Estes podem influenciar, entre outras coisas, projetos de retorno, fluxos e formas de uso das remessas.

Esse é um ponto fundamental para o avanço dos estudos sobre migração internacional, pois uma análise mais profunda do tema pode subsidiar a crítica à atomização das decisões e das consequências do processo migratório. Mais ainda, sabe-se que a emigração sempre teve um caráter dúbio no desenvolvimento em escalas local, regional e nacional. (HAAS & FOKKEMA, 2010). Por um lado, a partir da circulação de bens, dinheiro, cuidado, ideias e comportamentos, ela é capaz de trazer inúmeros ganhos aos domicílios e aos municípios na origem. De outro lado, ela representa perda de força de trabalho e é frequentemente geradora de inequidade social. Além disso, ela pode trazer processos de ruptura, conflitos, e reconfigurações familiares irreversíveis – fatores esses pouco explorados, principalmente pela literatura brasileira. O trabalho insere-se nessas discussões e visa, assim, trazer contribuições importantes ao debate sobre migração, demografia da família e desenvolvimento.

## **2 O PAPEL DAS FAMÍLIAS DOMICILIARES NAS TEORIAS DE MIGRAÇÃO INTERNACIONAL**

Antes de adentrar na discussão sobre as teorias de migração internacional propriamente ditas, será realizada uma breve discussão sobre os conceitos de família, domicílio e família domiciliar – chaves para todo o desenvolvimento deste trabalho. Mais especificamente, serão analisadas as diferenças entre essas três definições e o porquê da escolha da última como a mais apropriada para o presente estudo.

### **2.1 Os Conceitos de Família e Domicílio**

Muito se discute nas teorias contemporâneas de mobilidade sobre o papel das famílias e domicílios na decisão dos indivíduos de migrar. Como será explorado na Seção 2.3, o individualismo neoclássico não parece ser suficiente para uma compreensão completa das causas e consequências dos processos migratórios. As famílias e domicílios são unidade de análise fundamental quando se trata do entendimento das motivações da migração, assim como da perpetuação dos fluxos, que muitas vezes não cessam a despeito de mudanças substanciais dos incentivos econômicos na origem e no destino. Entretanto, é necessário distinguir com clareza esses dois conceitos.

A família em seu sentido mais amplo é composta por pessoas ligadas por relações de parentesco, que podem ser estabelecidas por consanguinidade, adoção, conjugalidade ou afinidade. (WAJNMAN, 2010). Nesse sentido, a família pode englobar indivíduos com graus de proximidade extremamente diversos, e também geograficamente dispersos.

Assim, se de um lado a família é um conceito flexível, na medida em que consegue captar os laços entre pessoas que não necessariamente co-residem e que, ainda assim, compartilham recursos e relações de cuidado, de outro ele é de difícil aferição. As metodologias baseadas em pesquisas censitárias dificilmente poderiam captar laços familiares de pessoas que não co-residem e, por esse mesmo motivo, o domicílio tende a ser um conceito mais caro à demografia – mesmo que, mais uma vez, talvez não seja o ideal para retratar a complexidade das relações sociais.

O domicílio é entendido como o grupo de pessoas que vivem em uma unidade residencial e que compartilham bens públicos, ainda que não tenham laços de parentesco. A

interconexão entre família e domicílio é dada pela família domiciliar, que engloba os indivíduos com laços de parentesco e que vivem na mesma residência. A família domiciliar pode ser formada tanto por um núcleo – cônjuges e filhos – quanto se estender para outros tipos de parentes, como pais, tios, e netos dos chefes de domicílio. (WAJNMAN, 2010).

A família domiciliar é central para o estudo da demografia justamente porque permite observar as transições fundamentais – casamento; separação; nascimento e morte – de maneira mais simples, dada a natureza das pesquisas censitárias. Os estudos sobre migração, entretanto, esbarram em um problema clássico exatamente porque os domicílios encontram-se divididos entre a origem e o destino. Embora a Nova Economia da Migração e Trabalho verse especificamente sobre os domicílios, é preciso ter em mente que há um pressuposto –frequentemente implícito – de que o membro que migrou segue sendo parte daquele núcleo familiar domiciliar da origem. No caso de filhos que migram, essa aceção é ainda mais confusa na medida em que muitos formam novas famílias domiciliares no destino, o que inclusive afeta as trocas monetárias e não-monetárias observadas entre destino e origem.

De fato, um desenvolvimento mais recente e provavelmente mais apropriado cunhou o termo “famílias transnacionais”, que são aquelas famílias separadas fisicamente pela distância, mas que mantêm relações de cuidado, monetárias ou não, de maneira circular através de fronteiras. (BALDASSAR & MERLA, 2014). Mesmo que tratar das famílias no seu sentido amplo fosse mais apropriado para entender o fenômeno das migrações internacionais, nem sempre essa opção é viável, dada a escassez de recursos disponíveis para fazer um trabalho de campo. Como uma das principais fontes de dados a serem utilizadas neste trabalho é o Censo demográfico e esta é uma pesquisa domiciliar por definição, optou-se por restringir o conceito ao de família domiciliar. Isso implica dizer que o migrante, ao deixar o país, não faz mais parte da família domiciliar que se formou após a emigração. Não significa, entretanto, crer que ao deixar de corresidir as trocas entre os que ficaram e os que migraram cessem. Ao contrário, a família transnacional está subjacente a todo este processo e mesmo casamentos ou relações maternais podem perpetuar-se à despeito da distância. Trata-se apenas de uma delimitação metodológica fundamental para a clareza da discussão. Assim, a origem será referida pelo conceito de família domiciliar, excetuando o migrante, e quando se tratar do migrante em conjunto com o domicílio do qual ele emigrou o conceito utilizado será o de família transnacional.

Há na literatura o termo domicílio transnacional ou domicílio global (BALDASSAR & MERLA, 2014), entretanto, optou-se por não o utilizar com vistas a guardar correspondência com o conceito de domicílio utilizado na demografia, que não prevê a possibilidade de uma mesma pessoa ocupar concomitantemente domicílios diferentes. Além disso, o conceito de domicílio tem clara conexão com a ideia de unidade habitacional. Conforme o censo brasileiro, um domicílio só pode ser constituído por separação, ou seja, quando for limitado por paredes, muros ou cercas e coberto por um teto (IBGE, 2000). Embora os conceitos estejam em constante transformação e que atualmente a convivência virtual possa ocorrer em paralelo com a convivência física, acredita-se ser necessário reservar ao domicílio a ideia de residência física.

Ademais, é importante frisar que não se dará ênfase à família transnacional ampla, ou seja, aquela formada por outros parentes que não os do grupo domiciliar da origem – tais como tios, primos e cunhados. Compreende-se a relevância de uma vasta rede de apoio familiar no destino para a determinação do projeto migratório e que a presença de um parente, mesmo que distante, em outro país pode ser fundamental para a decisão de migrar. Entretanto, acredita-se que a família domiciliar é aquela que sofre o maior impacto, em termos afetivos e financeiros, da migração, da mesma forma que é a que participa mais ativamente da execução do projeto migratório.

A literatura sobre o papel dos domicílios e famílias na migração internacional têm muitas variantes. Entre elas, pode-se citar a teoria microeconômica de Harbinson (1981), a Teoria das Estratégias de Sobrevivência, a Teoria das Redes, a Nova Economia da Migração e Trabalho (NELM), e o Transnacionalismo. A teoria microeconômica de Harbinson (1981) foi uma das primeiras a colocar o domicílio como principal unidade de análise no estudo dos processos migratórios. Segundo a autora, a estrutura familiar – incluindo tamanho, razão de sexo e estrutura etária – tem impacto sobre a disponibilidade, motivo, expectativa e incentivo a migrar dos indivíduos. A teoria das estratégias de sobrevivência, ou *livelihood approach*, por sua vez, postula que a migração, e o conseqüente envio de remessas, configura-se como uma das estratégias de sobrevivência utilizadas por domicílios de países em desenvolvimento para superar situações de pobreza, incertezas de mercado e mudanças ambientais. (SHERBININ et al., 2008). Finalmente, a teoria de redes explica a manutenção dos fluxos migratórios entre países a despeito de mudanças nos incentivos econômicos entre origem e destino. Embora ela não verse especificamente sobre famílias ou domicílios, as redes familiares são, em geral, as mais importantes para

a diminuição dos custos da emigração ao longo do tempo e, portanto, são fundamentais para o entendimento do fenômeno, tal como será discutido com detalhes mais adiante. (FAZITO, 2010).

Mesmo que estas e outras abordagens teóricas sejam importantes para o entendimento da migração internacional, optou-se, neste estudo, por trabalhar especificamente com a Nova Economia da Migração e Trabalho (NELM) e a teoria do transnacionalismo. Acredita-se que estas duas teorias abarcam grande parte das contribuições teóricas daquelas supracitadas. De um lado, a NELM se constitui como o principal avanço recente em relação à teoria neoclássica que enxergava a migração como resultado de um cálculo de custo e benefício individual (HAAS & FOKKEMA, 2010), uma vez que ela incorpora a ideia da migração como uma estratégia familiar, tal como na *livelihood approach*, bem como a importância do domicílio como gerador de incentivos para a migração dos indivíduos, tal como proposto por Harbison (1981). Por outro lado, a teoria transnacionalista, de cunho sociológico, consegue explicar a perpetuação dos movimentos migratórios, bem como as trocas não-monetárias entre origem e destino, assim como traz à tona a discussão sobre redes familiares transnacionais. As duas teorias – sob bases muito distintas – debruçam-se sob o debate de família e migração de maneira atual. Entender de que maneira elas se complementam ou se contrapõem na compreensão deste objeto de estudo será o tema deste capítulo e servirá como base para a análise dos resultados empíricos obtidos posteriormente.

## **2.2 A Nova Economia da Migração e Trabalho (NELM)**

Na Seção 2.2.1 serão discutidos os principais pressupostos da Nova Economia da Migração e Trabalho e como essa abordagem auxilia na compreensão dos papéis dos domicílios nos projetos migratórios.

### *2.2.1 O Papel do Domicílio na decisão do Indivíduo de Migrar*

Por que os indivíduos migram e enviam remessas ao seu país de origem? De acordo com a NELM, essa ação não estaria condicionada simplesmente a uma atitude altruísta, mas também a interesses próprios ligados a investimentos. A migração, assim, poderia ser vista como um contrato familiar informal entre migrantes e domicílio, que, em situações

de incertezas, buscariam diversificar sua renda por diversos meios, inclusive as migrações (LUCAS & STARK, 1985).

Além de trazer o domicílio e não mais o indivíduo como principal nível de análise para as discussões sobre mobilidade, a NELM também inovou ao colocar a aversão ao risco no centro do debate migratório, e não apenas o comportamento maximizador de renda como a teoria neoclássica o fazia até então. (HAAS & FOKKEMA, 2010). Em situações de incerteza de mercado, típicas de países em desenvolvimento, os domicílios buscariam meios de diversificar as suas fontes de provento, e a migração interna e internacional surgem como opções. Ao contrário de indivíduos, os domicílios estariam em posição de controlar os riscos ao atribuir a cada um de seus membros diferentes atividades econômicas. (MASSEY et al, 1993).

A migração seria, sob esse ponto de vista, uma estratégia domiciliar baseada em um contrato implícito entre migrantes e seus domicílios na origem, cujo elemento fundamental são as remessas. Entretanto, como se pode assegurar que os migrantes não quebrem o contrato uma vez estando no destino e longe do julgo da família? O domicílio pode assegurar-se de diversas formas, recorrendo desde a sentimentos de altruísmo, até a sanções sociais ou recompensas. Primeiramente, é importante destacar o caráter simplesmente altruísta das remessas – o migrante se importa com aqueles deixados para trás e, por isso mesmo, envia remessas. Segundo Stark e Lucas (1988), tanto o migrante quanto a sua família possuem um ativo muito específico, que é justamente o *altruísmo mútuo*. O altruísmo em si reduz a necessidade de salvaguardas custosas, como seria no caso de um contrato envolvendo partes não afetivamente relacionadas.

Além disso, há várias formas estratégicas não-altruístas sob as quais o contrato pode ser estabelecido. Lucas e Stark (1988) elencam quatro principais: seguros, investimento, herança e trocas. Como explicam Rapoport e Docquier (2005), no primeiro caso, tem-se que, da mesma forma que a migração representa uma diversificação de fontes de renda, e, portanto, diversificação dos riscos por parte das famílias na origem, a ajuda do domicílio também representa um seguro contra o desemprego ou aposentadoria. Nesse sentido, o migrante asseguraria a renda dos membros de seu domicílio contra quedas no rendimento rural através de remessas, ao mesmo tempo em que o domicílio se comprometeria a auxiliar em casos de riscos não planejados na economia urbana. O segundo caso, o do investimento, tem uma lógica semelhante: as remessas funcionariam como um pagamento aos investimentos em capital humano ou à própria migração por

parte da família no local de origem. Nesse caso, a remessa representaria o pagamento de uma dívida, que tanto pode ser monetária quanto não-monetária – instituída no sentido de que os filhos devem a seus pais por seus investimentos na infância e juventude. Nesse sentido, o principal objetivo do domicílio não seria diversificar riscos, mas aumentar a sua renda por meio do trabalho do seu membro no exterior. O terceiro caso, herança, deriva da ideia de que os pais estrategicamente alocam os recursos entre seus filhos em correspondência à atenção relativa percebida – a herança e a ameaça de ser deserdado encorajariam o migrante a seguir remetendo ao seu domicílio de origem. Finalmente, as trocas parecem o motivo mais comum para enviar dinheiro ou bens ao domicílio na origem. Esse comportamento, baseado numa ideia de migração temporária, tem como característica a simples compra de ativos na origem, tais como casas, gado e terras, além do investimento em capital humano dos filhos, tudo isso com a finalidade de servir ao próprio migrante no retorno. (RAAD & GUEDES, 2015). Há na literatura um longo debate sobre o caráter altruísta ou egoísta das remessas. (LUCAS & STARK, 1985; LEEVES, 2009; CARLING, 2008; DALEN et al, 2005). Atualmente, essa discussão parece bastante inócua, na medida em que se apontam motivações mistas quanto ao envio de remessas ao domicílio de origem – o chamado “egoísmo esclarecido” ou “altruísmo impuro” (LUCAS & STARK, 1985). Seja qual for a estratégia utilizada para manter o contrato entre o domicílio na origem e o migrante, a Nova Economia da Migração assume que a família não é uma entidade que se rompe na medida em que seus membros mais jovens e almejantes de independência se distanciam dos locais de origem, mas sim como um projeto mutualmente proveitoso. (STARK & BLOOM, 1985).

É importante notar que aqui se utiliza de maneira intercambiável os termos ‘família’ e ‘domicílio’ não por um acaso. Os maiores expoentes da Nova Economia da Migração, respectivamente Oded Stark, Robert Lucas e David Bloom em seus artigos seminais (1998 e 1995) referem-se ao termo família para tratar do contrato que as mesmas estabelecem com os membros emigrante:

o migrante e a sua família entram em um arranjo contratual voluntário um com o outro porque eles esperam estar melhores com este arranjo contratual do que sem ele<sup>1</sup> (Stark; Bloom, 1988, p.466, tradução própria)

---

<sup>1</sup> The migrant and the family enter into voluntary contractual agreement with each other because they expect to be better off with the contractual agreement than without it .

Em nenhum momento, entretanto, define-se o que se chama de família – seria essa a família domiciliar ou a família no sentido amplo? Os estudos empíricos nos fornecem a resposta. Em sua maior parte, os trabalhos baseados na Nova Economia da Migração e Trabalho se utilizam de pesquisas domiciliares. (STARK & BLOOM, 1988; ADAMS, 1991; LUCAS & STARK, 1985; LEEVES, 2009; CARLING, 2008; HODDINOT, 1994; SEMYONOV, 2005; DALEN et al, 2005). Alguns destes mesmos artigos referem-se especificamente ao domicílio, e não à família, termo que parece mais apropriado dada as metodologias empregadas pela NELM. Conclui-se, assim, que, apesar de alguns autores clássicos desta abordagem teórica aplicarem o termo ‘família’, a Nova Economia da Migração deve ser entendida como uma abordagem que explica o contrato firmado entre migrantes e suas famílias domiciliares na origem e não à família no sentido amplo, como o faz o transnacionalismo – ponto que será discutido no próximo capítulo.

Sobre a temática do ponto de vista da NELM, há que se perguntar, ainda, quais as características sociodemográficas mais comuns entre aqueles indivíduos que migram e remetem bens ou dinheiro aos domicílios. Se por um lado os homens têm, em geral, maior inserção no mercado de trabalho, estudos apontam que as mulheres mantêm laços mais duradouros com seus domicílios de origem e, portanto, seriam mais confiáveis no que tange ao envio de remessas. (OSAKI, 2003). Outra questão que se coloca é o tempo – migrantes há mais tempo no local de destino ou que já passaram por processos de reunião familiar teriam menor propensão a enviar remessas. Por outro lado, aqueles já estabelecidos tendem a ser melhor adaptados e, portanto, os que teriam melhores meios de ajudar o domicílio de origem. (PORTES, 2007). Um outro fator importante é a posição do migrante na família domiciliar – chefes de domicílio são os que provavelmente mais enviam remessas, enquanto que filhos têm menor adesão, sendo ainda essas diferenças permeadas pela questão de gênero. (OSAKI, 2003). Estudos também revelam que os planos futuros afetam a propensão a enviar remessas – aqueles que almejam retornar são geralmente mais propensos a mandar dinheiro ao local de origem. (CARLING, 2008).

### **2.3 Conflitos Intra-Domiciliares e Críticas à NELM**

Apesar dos muitos avanços da Nova Economia da Migração, ela não se encontra alheia às críticas. As principais delas são: considerar o domicílio como uma unidade homogênea e autônoma – livre de conflitos e contradições entre seus membros – e desprezar assimetrias que emergem de questões geracionais e de gênero. Segundo de Haas e

Fokkema (2010), a NELM acaba por individualizar o domicílio, tratando-o como uma entidade com planos, interesses e estratégias claras e bem definidas.

Em primeiro lugar, é preciso perguntar-se sobre a natureza do contrato e se há de fato um contrato, como propõe a NELM. Um contrato implica, acima de tudo, um ganho mútuo entre as partes, como salientam Stark e Bloom (1988). É difícil, entretanto, acreditar que todos os membros de um domicílio tenham igual peso em qualquer tomada de decisão e, em especial, na decisão de migrar para um país estrangeiro. Homens tendem a ter uma posição de poder especial dentro dos domicílios, o que pode, por um lado, excluir as mulheres e crianças do processo migratório ou, de outro, obrigá-los a migrar. (HAAS & FOKKEMA, 2010). Além disso, o projeto migratório envolve múltiplas decisões: a decisão de migrar, o valor a ser remetido, o tempo de permanência, o que fazer e não fazer no país de destino e, por fim, a decisão do retorno. Todas essas decisões são passíveis de disputas intra-domiciliares, envolvendo questões de gênero e geracionais e servindo como fontes potenciais de assimetrias capazes de alterar o equilíbrio de interesses entre os membros do domicílio.

Falar em contrato também implica em subtrair a migração como simples contravenção ao julgo familiar, ou seja, a migração como uma tentativa de independência, muitas vezes desfavorável ou não desejada pela família. Um exemplo claro se refere ao trabalho de Dodson (1998), que analisou a migração de homens e mulheres no Lesoto, Zimbábue e Moçambique rumo à África do Sul. Segundo a autora, embora ambos os gêneros houvessem retratado os motivos de migração de forma bastante semelhante, 49% das mulheres alegaram que suas famílias as desencorajavam a migrar, enquanto que apenas 38% dos homens eram desencorajados. Esses dados sugerem que os casos de migração feminina – em especial de mulheres desacompanhadas de cônjuges – devem ser permeados por atitudes de contravenção, ao invés de refletir um acordo mútuo com o domicílio, tal como apregoa a Nova Economia da Migração. Como será discutido na Seção 2.4, a migração feminina é capaz de mudar as relações de gênero, o status e o poder dentro dos domicílios, gerando fortes tensões e conflitos antes subestimados.

Segundo Massey e Sana (2005), parte da invisibilidade desses conflitos intra-domiciliares ocorre porque a NELM foca em um grupo de migrantes particular, quais sejam: migrantes de curta duração, predominantemente do sexo masculino, filhos dos chefes de domicílio ou chefes em si, que se identificam com a sua família e que almejam retornar. Este trabalho almeja entender como se dá a negociação entre migrantes e suas famílias

domiciliares na origem, o que implica entender qual o tipo de contrato é selado entre ambos, bem como os casos de inexistência de contrato. Estes dois quesitos serão analisados a partir dos relatos dos migrantes retornados e dos chefes de domicílio, sobre a tomada de decisão e a condução do projeto migratório.

Outro ponto importante a se questionar sobre a NELM é com relação a quebras contratuais. Segundo Stark e Lucas (1988), o contrato é auto assegurado pelo altruísmo:

O migrante irá violar o acordo a qualquer momento apenas se o seu benefício líquido obtido a partir do arranjo for negativo [...] mas parte desses benefícios percebidos pelo migrante podem emergir do seu altruísmo com relação à sua família. Assim, evitar impor um custo sobre a sua família pode beneficiar o migrante e encorajá-lo a dar continuidade ao arranjo. (STARK & LUCAS, 1988, p.468, tradução própria)<sup>2</sup>

Foi discutido na Seção 2.2 que o altruísmo não é pressuposto fundamental para a Nova Economia da Migração. Existem também arranjos estratégicos em que o migrante tem interesses próprios ao migrar e só depois viria o envio bens e dinheiro ao seu domicílio na origem. Uma premissa importante, entretanto, é que o vínculo, seja egoísta ou altruísta, do migrante com seu domicílio na origem não pode ser rompido. Na prática, entretanto, observam-se muitos casos em que a ruptura, mesmo que física, com o domicílio leva muitos migrantes a violar o pacto inicialmente selado. A NELM ignora, por exemplo, que ao migrar, o indivíduo, em especial o homem que deixa seu cônjuge na origem, pode romper seu vínculo conjugal e efetivamente formar uma nova família domiciliar no destino, eximindo-se das obrigações outrora acordadas. (HAAS & FOKEMA, 2010).

Não apenas o vínculo com o domicílio pode ser rompido, como dificuldades não premeditadas encontradas no destino também podem impossibilitar o envio de remessas. Dessa forma, a migração que um dia foi estratégica, pode passar a não mais ser. De fato, a questão das remessas tende a ser fruto de grandes controvérsias entre migrantes e seus domicílios na origem. Segundo Wong (2006), que analisa o comportamento de mulheres ganesas migrantes internacionais, o envio de remessas deveria ser melhor qualificado como uma relação continuamente negociada e contestada entre lugares distintos. Para tanto, a autora se utiliza de entrevistas em profundidade, que revelam que o caráter

---

<sup>2</sup> A migrant will violate his agreement at any moment only if his discounted, net expected benefits from the arrangement are negative. [...] But part of the benefits perceived by the migrant may stem from his altruism toward his family. Thus, avoiding imposing a cost on the family may benefit the migrant and encourage continuation of the agreement.

estratégico das migrações e das remessas para os indivíduos e seus respectivos domicílios na origem não é tão simples como pode parecer. De um lado, no destino, algumas mulheres relatam sentir muita pressão de suas famílias, de outro, na origem, as famílias contestam o valor e a frequência com que as remessas são enviadas – situação esta já reportada também acerca dos salvadorenos e seus domicílios na origem (FINCH, 1989; BALDASSAR & MERLA, 2014).

De modo geral, a Nova Economia da Migração trata os interesses e estratégias dos sujeitos, tanto na origem quanto no destino, de maneira estática. Levando-se em conta que as famílias em contexto migratório se encontram desterritorializadas, é necessário refletir sobre as eventuais mudanças de percepção e expectativas dos indivíduos quando confrontados com outros sistemas normativos no país de destino, incluindo concepções sobre papéis de gênero, cuidado com crianças e idosos e modelos ideais de famílias.

Muitas das críticas à Nova Economia da Migração são provenientes das teorias transnacionalistas, em especial feministas, que, em certa medida, buscam superar alguns dos pressupostos teóricos aqui apresentados. Apesar de não ser um corpo teórico tão coeso como a NELM e englobar assuntos muito distintos, buscar-se-á apresentar um apanhado da discussão transnacionalista no que se refere às famílias, migração e circulação de remessas e atributos não-monetários – o chamado cuidado.

## **2.3 A Teoria Transnacionalista, Circulação de Cuidado e Famílias Transnacionais**

### *2.3.1 Transnacionalismo: conceitos e contribuições*

Desde a década de 90, os termos migrantes transnacionais, vidas transnacionais e transnacionalismo vêm se tornando cada vez mais frequentes na literatura sobre mobilidade humana. Se em tempos de escassas tecnologias de transporte e comunicação a saída do indivíduo do seu local de origem representava, não raro, uma ruptura com sua comunidade, hoje é possível migrar sem se desvincular da terra natal, do seu modo de vida e das pessoas que foram deixadas para trás. Em outras palavras, é preciso pensar para além do conceito de assimilação – em que os migrantes se adaptam de maneira mais ou menos exitosa à cultura do país de origem – e refletir em como esses sujeitos vivem simultaneamente nas várias camadas dos campos sociais transnacionais. A grande contribuição da teoria transnacionalista foi conceber que algumas pessoas pudessem

simultaneamente seguir ativas em suas terras natais enquanto se adaptavam à cultura do local que as receberam (JAWORSKY & LEVITT, 2007).

Ainda pouco comparadas, mesmo sendo contemporâneas, a NELM e as teorias transnacionalistas não são mutuamente exclusivas. Ambas tratam de um contexto em que os laços entre destino e origem não se rompem com a migração. Além disso, como destaca de Haas (2013), as duas abordagens buscam reconciliar agência e estrutura, e levam à ideia de que a emigração é positiva para aqueles que permaneceram na origem: os indivíduos e os domicílios podem ativamente buscar soluções para superar constrangimentos estruturais ao migrar e, assim, diversificar, assegurar e melhorar seus modos de vida. De fato, elas coincidem com um momento histórico em que as remessas são consideradas um mantra do desenvolvimento e em que, portanto, os países buscam tirar o melhor proveito da migração (QUAYSON & DASWANI, 2013).

As abordagens, entretanto, se diferenciam substancialmente no que tange ao foco na família e domicílio e também quanto à mutabilidade das relações e das estratégias acordadas entre origem e destino. Tais distinções guardam relação com a origem das teorias em si: enquanto a NELM tem raízes na economia, e, portanto, teoriza com base no caráter racional dos agentes, o transnacionalismo e sua matriz sociológica tendem a privilegiar análises das relações sociais datadas no tempo e no espaço, constantemente renegociadas e transformadas.

Quanto às várias formas como os migrantes podem se envolver com práticas transnacionais, elas são mais comumente divididas em três categorias: econômicas; políticas; e sociais. (PORTES, GUARNIZO & LANDOLT, 1999). As atividades econômicas referem-se, majoritariamente, ao envio de remessas por parte de migrantes aos seus países de origem e seus usos – seja em forma ajuda às famílias; estabelecimento de pequenos e médios negócios; e suporte a projetos sociais nas comunidades. As atividades políticas, por sua vez, dizem respeito à participação eleitoral, associação com partidos políticos, e práticas de *lobby* nos países de origem. (JAWORSKY & LEVITT, 2007). Finalmente, as atividades sociais foram definidas por Portes, Guarnizo e Landolt (1999) como aquelas orientadas para o reforço da identidade cultural no exterior ou o usufruto coletivo de eventos e bens culturais. Entende-se, entretanto, que o transnacionalismo, em sua esfera social, engloba muito mais do que isso. Deve-se atentar para as transformações no parentesco e na estrutura familiar dos migrantes, bem como do

papel das redes familiares na execução dos projetos transnacionais. (JAWORSKY & LEVITT, 2007). É justamente no caráter social dos fenômenos que entram em cena as famílias transnacionais. É importante ressaltar que, apesar de ter como origem a discussão mais geral sobre o transnacionalismo, a teoria das famílias transnacionais dialoga apenas parcialmente com a discussão inicial sobre as comunidades. Assim, há que se levar em conta o questionamento de se, de fato, poderiam haver famílias transnacionais na ausência de uma comunidade transnacional propriamente dita. Acredita-se, entretanto, que, apesar de relevante, essa discussão é lateral aos objetivos deste trabalho.

### 2.3.2 *Famílias Transnacionais*

A partir do momento em que a migração deixou de ser vista apenas como um projeto meramente individual, as famílias daqueles que migravam ganharam relevância tanto no debate teórico quanto também na esfera das políticas públicas. Durante a primeira década dos anos 2000, eram discutidos os ganhos que a migração trazia para os países em desenvolvimento e às suas famílias na origem – remessas que levavam a investimentos locais; mulheres que ganhavam participação no mercado de trabalho. Concomitantemente, fizeram-se perceber os aspectos negativos da migração, tais como dissoluções de família, ausências paternas e maternas e rearranjos, frequentemente dolorosos, nos sistemas de cuidado. (SORENSEN & VAMMEN, 2014).

De modo geral, o termo “famílias transnacionais” foi criado com o objetivo de abarcar uma série de arranjos diferentes nos quais as pessoas fisicamente distantes mantêm um senso de pertencimento, ou seja, nas quais elas continuam fazendo parte da mesma família sem que para isso precise haver coresidência e mesmo que a separação se estenda por longos períodos de tempo. (MERLA & BALDASSAR, 2014).

Assim, se a noção de troca estava antes profundamente enraizada na ideia de sedentarismo ou de relações físicas, a migração gera uma ruptura nesse paradigma. A mobilidade, ao invés de dissolver as obrigações de troca, as reforça. Em realidade, não são raros os exemplos contemporâneos de formas familiares chamadas de multi-locais: casais que vivem juntos e separados (*living apart-together*); filhos de pais divorciados que habitam mais de uma residência; e adultos que passam parte da semana trabalhando em uma cidade e o fim de semana residindo em outra. (MERLA & BALDASSAR, 2014).

Todos esses arranjos contemporâneos põem em xeque o conceito de domicílio, tão caro à demografia. Embora metodologicamente o domicílio continue sendo a melhor unidade de análise para a condução de pesquisas censitárias ou amostrais, é importante levar em conta as suas limitações, principalmente quando se trata de migração. Um ponto essencial de distinção entre a NELM e o transnacionalismo é justamente a unidade de análise: o domicílio e a família, respectivamente. Geralmente, as técnicas empregadas nas análises da teoria transnacionalista – entrevistas em profundidade, histórias de vida, etnografias – privilegiam relações familiares não necessariamente contidas no domicílio. Por outro lado, a maioria dos estudos que utilizam essas técnicas e abordagem carece de capacidade de generalização. (HONDAGNEU-SOLETO & AVILA, 1997; PARREÑAS, 2001; BALDASSAR & MERLA, 2014; ARIZA, 2014). A metodologia de redes sociais, já largamente empregada para o caso brasileiro, é uma alternativa interessante para os estudos sobre a temática, que permite uma análise ao mesmo tempo estruturada, generalizável, e que expande a análise das redes imediatas do domicílio físico para a noção espacialmente fluida de família.

Após definir a ideia de famílias transnacionais, há que se ressaltar um conceito essencial trazido por essa abordagem, que é o de cuidado. Se a NELM traz diversas contribuições sobre as trocas familiares em forma de remessas, o transnacionalismo resalta um elemento essencial para o entendimento da questão: a circulação de cuidado, cuidado este frequentemente imaterial. O termo, em inglês *caregiving*, tem diversas facetas, inclusive econômicas. A importância do cuidado é que ele coloca juntos os membros das famílias em redes intergeracionais de trocas e obrigações, amor e confiança, que são simultaneamente permeadas por tensões, contestações e relações de poder desiguais. (MERLA, BALDASSAR, 2014). Se na teoria econômica da NELM a ligação do migrante à sua família está assentada na ideia de altruísmo, a teoria do transnacionalismo se baseia fortemente no conceito de troca.

Com o objetivo de operacionalizar melhor o conceito de cuidado, este será categorizado em cinco dimensões, conforme a abordagem de Finch (1989): econômica; pessoal; prática; emocional e habitacional. A dimensão econômica é sem dúvida a mais conhecida e estudada quando se trata de migração internacional – e é justamente aquela discutida pela NELM. Trata-se, basicamente, das remessas em dinheiro e bens materiais. A dimensão pessoal, no seu aspecto transnacional, só pode ser exercida em visitas regulares quando as pessoas estão fisicamente presentes. A dimensão prática é aquela que toma a

forma de informação – conselhos, conhecimento técnico, dicas e ordens – que pode ser trocada a partir de visitas, mas também de comunicação regular via computador ou telefone. Já a dimensão emocional diz respeito ao cuidado no seu sentido mais comum – se importar com o outro. Este inclui o compartilhamento de ideias e experiências e a oportunidade de expressar com segurança as preocupações. Finalmente, a dimensão habitacional refere-se ao corresidir. Na perspectiva transnacional, a corresidência tem um papel fundamental, não apenas porque o migrante deixa de residir com os membros do seu domicílio na origem, mas também porque uma série de arranjos são feitos no momento da migração, sob formas de trocas: frequentemente os recém-chegados no país estrangeiro vivem com seus familiares, enquanto aqueles que migram não raro deixam seus filhos ou outros dependentes residindo com avós, tios, ou parentes próximos.

Como a Nova Economia da Migração e Trabalho, as teorias transnacionalistas também discutem os fatores determinantes para a manutenção das trocas – monetárias e não-monetárias – entre os membros geograficamente dispersos. Em primeiro lugar, o cuidado é determinado pela etapa do ciclo de vida do migrante e sua família (BOCCAGNI & BONIZZONI, 2014). Assim, é importante levar em consideração o perfil sociodemográfico do migrante, dos seus dependentes deixados na origem (crianças e idosos), bem como daqueles que foram determinados como responsáveis pelos dependentes (BOCCAGNI & BONIZZONI, 2014).

Em segundo lugar, o cuidado é afetado pelo contexto institucional em que o migrante e sua família estão inseridos. Apesar de pouco analisados na literatura demográfica, os regimes migratórios dos países de destino afetam sobremaneira as famílias transnacionais. Esses têm impacto sobre a seletividade migratória por gênero e idade; os arranjos familiares sobre quem deve permanecer na origem; a possibilidade de trabalho legal ou ilegal e, portanto, o nível e natureza das remessas; a capacidade de circulação e visitas à origem, que influenciam severamente as relações de cuidado pessoal e afetivo; e, finalmente, as perspectivas de reunião familiar. Segundo Carling et al. (2012), estudos mais recentes apontam que a separação entre cônjuges, pais e filhos e o próprio surgimento de famílias transnacionais são significativamente impactados pelas políticas migratórias dos países receptores.

Em terceiro lugar, o cuidado é afetado pelo contexto normativo da origem e do destino, ou seja, pelas normas sociais específicas que regem o tipo de família ideal, os provedores

ideais de cada tipo de cuidado, e as relações de gênero esperadas nestas trocas. Um exemplo de como as normativas de famílias impactam nas relações de cuidado é a determinação de quem deve ficar a cargo das crianças na origem. A literatura sobre a maternidade transnacional é crescente, orientada justamente pela relevância dos fluxos de mulheres. Segundo Hondagneu-Sotelo e Ávila (1997), que conduziram diversas entrevistas em profundidade com babás latinas cujos filhos haviam ficado em seus países de origem, as mulheres migrantes deixavam seus filhos sob cuidados de um parente próximo, em especial ‘outras mães’. Essas ‘outras mães’ incluem as suas próprias mães, madrinhãs, e outros parentes do sexo feminino. O fato de esse ser um comportamento comum entre as latinas que são mães migrantes tem como pano de fundo a própria normativa de famílias sob as quais elas atuam: confiar na mãe ou em outras figuras femininas para auxiliar na criação das crianças é comportamento comum na cultura hispânica, onde um senso mais coletivista de maternidade impera em contraposição à abordagem individualista das países anglo-saxões (HONDAGNEU-SOTELO & ÁVILA, 1997).

Há que se atentar ainda para o fato de que não somente a migração é afetada pelas normativas de gênero e família, como também as percepções dos migrantes são continuamente alteradas pelo processo migratório. A mudança pode ser particularmente significativa quando as pessoas saem de sociedades orientadas por regimes familiares e se inserem em comunidades com sistemas de bem-estar baseados na autonomia individual. (BLACKMAN, 2000). Nesse caso, tensões podem aparecer, por exemplo, quando filhos que deixam a sociedade de origem alteram sua visão de cuidado apropriado com relação aos pais ou quando mulheres aumentam seu senso de independência com relação aos maridos. (WILDING, BALDASSAR, 2009).

Semelhantemente à NELM tem-se, portanto, acordos informais entre migrantes e suas famílias, que são determinados por uma série de fatores. Diferentemente, entretanto, esses acordos não se restringem a considerações puramente econômicas – eles podem se dar, por exemplo, em torno das negociações que mães migrantes travam com os adultos responsáveis sobre a criação dos seus filhos na origem. Além disso, esta perspectiva leva em consideração a constante renegociação dos arranjos de cuidado travados no seio das famílias transnacionais, em contraste com o caráter estático – garantido pelo altruísmo – desses acordos sob a perspectiva da NELM.

### *2.3.3 O Uso da NELM e do Transnacionalismo para a Execução dos Objetivos Propostos*

Essa primeira discussão realizada é importante na medida em que aponta os pontos de convergência e divergência das duas teorias escolhidas para analisar as interrelações entre famílias domiciliares na origem e migração internacional. Ambas trazem aportes essenciais que possibilitam levar a cabo cada um dos objetivos propostos no início deste trabalho.

O primeiro objetivo – estimar a composição por sexo e idade do fluxo migratório valadarense segundo destino – é um dos mais importantes e tem consequências sobre todas as outras discussões a serem realizadas no presente estudo. Em primeiro lugar, ele guarda estreita relação com a discussão feita pela NELM sobre quem do domicílio deve emigrar: homens ou mulheres; chefes de domicílio ou seus filhos; jovens ou adultos. A posição de cada indivíduo dentro do domicílio, conforme discutido, aumenta ou diminui a sua probabilidade de enviar remessas às famílias na origem. Por outro lado, como ressaltado anteriormente, o transnacionalismo aponta para o fato de que a etapa do ciclo de vida em que o emigrante se encontra é essencial para compreender como se dá a circulação de cuidado: pessoas que emigram jovens para o exterior e adultos que já passaram pela transição da paternidade travarão relações completamente diferentes com os domicílios deixados na origem. Ainda que uma visão geral sobre a composição por sexo e idade do fluxo não forneça respostas detalhadas sobre esses processos, ela dá uma primeira aproximação dos arranjos estabelecidos entre emigrantes e famílias deixadas na origem.

O segundo objetivo, qual seja, verificar quais são as principais configurações demográficas de domicílios que têm ao menos um de seus membros vivendo no exterior, complementa a análise da estrutura por sexo e idade e permite traçar hipóteses sobre quem são as pessoas deixadas na origem no caso analisado.

O terceiro e o quarto objetivos – compreender de que modo os domicílios na origem influenciaram a decisão dos membros a migrar e observar se isso gerou conflitos intradomiciliares – dizem respeito, especificamente, aos pressupostos da NELM. Como discutido, enquanto essa abordagem tende a pressupor a existência de um contrato mutuamente benéfico entre as partes, é necessário se perguntar até que ponto a migração representa de fato uma estratégia de sobrevivência familiar.

Finalmente, para entender como se dá a circulação de cuidados em diferentes arranjos domiciliares na origem, é necessário fazer uso dos conceitos desenvolvidos tanto pela NELM quanto pela literatura das famílias transnacionais

### **3 MIGRAÇÃO E FAMÍLIAS DOMICILIARES: O CASO DE GOVERNADOR VALADARES**

Dadas as suas proporções continentais, o Brasil contemporâneo não pode ser considerado um país de grandes fluxos migratórios. Segundo estimativas de Carvalho et al. (2016), a taxa de emigração internacional no quinquênio 2005-2010 – número de emigrantes internacionais dividido pela população total – é de, aproximadamente, 0,17%, número pequeno quando comparado aos outros países latino-americanos. Uma cidade, entretanto, sempre teve destaque no cenário brasileiro em termos de migração internacional: Governador Valadares, município situado na região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. Se em termos de saldo migratório Governador Valadares é a sétima cidade com maior relevância nacional, precedida apenas por capitais estaduais, a cidade mineira tem uma taxa de emigração internacional de 2,91% no quinquênio 2005-2010. (CARVALHO & RIGOTTI, 2015, IBGE, 2011). Além disso, os três municípios brasileiros com maior taxa de emigração internacional são, respectivamente, Sobrália, São Geraldo da Piedade e Fernandes Tourinho, todos localizados na microrregião<sup>3</sup> de Governador Valadares (IBGE, 2011). Na seção 3.1, será feita uma discussão sobre a migração internacional valadarense desde a década de 80 e uma discussão sobre os fatores intervenientes nas relações entre migração e famílias domiciliares na origem para este caso em específico.

#### **3.1 Breve Contexto Histórico**

O acentuado fluxo de valadarenses rumo aos Estados Unidos e Portugal já é um fenômeno largamente reportado na literatura brasileira sobre migração internacional. (SOARES, 2002; FUSCO, 2000, 2005; SALES, 1999; MARGOLIS, 2003, SIQUEIRA, 2004). A pergunta mais comum indagada por qualquer pesquisador que se debruce sobre o caso valadarense é o porquê de Governador Valadares ter ganhado tamanha relevância no cenário brasileiro de migração internacional.

A resposta para esta pergunta remonta a décadas atrás, ainda nos anos 1940. Segundo Soares (2002), com o advento da Segunda Guerra Mundial, a economia valadarense foi impulsionada pelo comércio de mica. Esse intercâmbio econômico inicial traduziu-se na

---

<sup>3</sup> Microrregião é um agrupamento de municípios limítrofes, definido por lei complementar estadual, cuja principal função é integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum.

chegada de diversas firmas estadunidenses na região, as quais eram responsáveis pela comercialização e apoio técnico para o beneficiamento do produto. Além disso, na mesma época, as modificações da Estrada de Ferro Vitória-Minas e a construção do Serviço Especial de Saúde Pública também foram realizadas por intermédio americano.

O contato com os estrangeiros contribuiu para a formação do imaginário dos Estados Unidos como a terra das oportunidades. Soma-se a isso a instalação de um curso de inglês que proporcionava aos jovens de classe média oportunidades de fazer intercâmbios nos Estados Unidos. (SIQUEIRA, 2008). Inicia-se, assim, ainda na década de 1970, um primeiro fluxo formado, sobretudo, por pessoas de alto poder aquisitivo. (SOUSA, 2016). Como na maior parte dos casos de formação de sistemas migratórios, esse primeiro fluxo de pioneiros reduziu o custo de migrações subsequentes, tornando viável a migração de pessoas dos estratos sociais mais baixos. (SALES, 1999)

Já na década de 1980, o Brasil presenciava um *boom* dos fluxos de emigração não só provindos da região de Valadares, como também de outras partes do país. Há uma ruptura, assim, de um país de imigração histórica para um de emigração internacional. Mas se a crise econômica afetou, na década de 1980, todas as regiões do Brasil de maneira indistinta, foi a formação das redes ainda nos anos 1960 e 1970 que fizeram com que Governador Valadares e seu entorno engrossassem a fila de imigrantes em busca de trabalho nos Estados Unidos. A partir da estabilização desse fluxo, passa a surgir uma indústria da imigração ilegal na cidade mineira, formada por agências que eram especializadas em conseguir o visto de turista, e também por *brokers*, responsáveis pela organização das travessias pelo México. (SIQUEIRA, 2008). Ao mesmo tempo, a formação das redes gerou um sistema migratório que tinha dois pontos de chegada e partida muito bem definidos: de um lado, na origem, estava a microrregião de Governador Valadares, e de outro, no destino, encontrava-se a região metropolitana de Boston e o Queens em Nova York. (SOARES, 2002; MARGOLIS, 1994).

Já nos anos 2000, apesar do crescimento da economia brasileira e o concomitante enrijecimento da política migratória estadunidense, o fluxo de valadarenses para aquele país não cessou. Houve, entretanto, uma intensificação dos fluxos de retorno, principalmente no segundo quinquênio da década: do total de imigrantes neste período 75,9% proviam dos Estados Unidos e 14,7% de Portugal, justamente os destinos mais comuns para os mineiros do Vale do Rio Doce. (SOUSA, 2016).

Se muito se sabe sobre o histórico da migração brasileira para os Estados Unidos, poucos são os estudos que procuraram encontrar os primeiros valadarenses que foram rumo à Portugal em busca de trabalho ou melhores condições de vida. De acordo com Fusco (2000), em 1997, 85% dos emigrantes da região tinham como destino os Estados Unidos, enquanto que apenas uma ínfima parcela, 2,7%, tinham como destino Portugal. Já o Censo de 2010 revela que dos 4813 emigrantes apurados na Microrregião de Governador Valadares, 66% tinham os Estados Unidos como principal destino, enquanto 23% optavam por Portugal. (SOUSA, 2016). Estimativas do Serviço de Estrangeiro e Fronteiras de Portugal revelam ainda que 25% do total de imigrantes residentes no país são brasileiros, o que os torna o contingente estrangeiro mais importante no país. (FERNANDES & CASTRO, 2013).

Segundo Pinho (2014), a migração brasileira a Portugal teve três fases importantes. A primeira delas ocorreu nos primeiros anos da década de 1980, quando o país ingressou na Comunidade Europeia. A partir de então, vários portugueses que haviam anteriormente imigrado ao Brasil, retornaram à sua terra natal levando consigo cônjuges, filhos e familiares já nascidos no Brasil. Um segundo fluxo teve origem na primeira metade da década de 1990, como um movimento independente daqueles que viam em Portugal uma opção de destino atrativo. Finalmente, um terceiro fluxo teve seu auge já nos anos 2000, como resposta ao rigor para atribuição de vistos e ao maior controle da imigração estadunidense depois dos atentados de 11 de setembro de 2001. Esse fenômeno observou-se não só no que diz respeito ao fluxo Brasil-Portugal, como também ao fluxo América hispânica – Espanha.

Acredita-se que os valadarenses tenham ganhado representatividade na terceira etapa do fluxo, a partir dos anos 2000. É improvável que a migração neste local tenha começado como uma contracorrente originária da imigração europeia no Brasil, dado que a região não foi um destino típico dos portugueses antes da década de 1980. Ao contrário, a diferença na representatividade de Portugal como destino entre 1997 e 2007 revela que o país despontou justamente como uma alternativa ao recrudescimento da política migratória estadunidense. Se o investimento necessário para migrar ilegalmente aos Estados Unidos pelo México gira hoje – segundo entrevistados – em torno de 14.000 dólares, a entrada em Portugal não requer visto, o que o torna o destino prioritário da população dos estratos de renda inferiores. Além disso, a matriz cultural comum facilita

em muito a perspectiva de pessoas de baixa escolaridade, que não têm o inglês como segundo idioma.

Feita essa primeira introdução ao caso analisado, resta saber quais são os fatores determinantes das relações – seja em forma de remessas ou cuidado não material – entre migrantes e suas famílias domiciliares na origem. Dentre os fatores destacados, a NELM salienta as características sociodemográficas dos migrantes e seus domicílios, enquanto que o transnacionalismo ressalta a relevância dos regimes migratórios do destino, a etapa do ciclo de vida do migrante, e as normativas de cuidado do destino e origem. Esses pontos serão analisados, portanto, a seguir especificamente para o caso de Governador Valadares.

### **3.2 Regime Migratório nos Estados Unidos e Portugal**

A política migratória estadunidense formal sempre foi severa. Há inúmeros vistos de trabalho temporários, todos destinados a profissionais altamente especializados e, por vezes, de nacionalidades específicas. Aos trabalhadores não-qualificados – caso da maior parte dos brasileiros que migram para os Estados Unidos – não resta outra alternativa senão a entrada no país por vias ilegais. (SALES, 1999).

Para além das questões humanitárias, é importante ressaltar até que ponto as opções disponíveis aos valadarenses geram uma seletividade migratória inerente. A travessia pelo México é extremamente arriscada. Além das constantes propinas que os imigrantes têm de pagar ao longo da jornada, não são raros os relatos de pessoas que morrem ao tentar cruzar ilegalmente a fronteira. As mulheres, por sua vez, são ainda frequentes vítimas de assédio sexual. Conforme relatos de mexicanas, alguns coiotes oferecem pílulas contraceptivas antes mesmo que a viagem comece, já alertando para possíveis ocorrências de sexo não consentido ao longo da travessia. (FRONTERAS, 2014). Se a jornada se faz, dessa forma, tão perigosa para as mulheres, que dirá para crianças, inferindo-se disso que a migração para os Estados Unidos deve apresentar uma alta seletividade por sexo e idade. Devido à sua natureza, é possível supor que o processo de entrada no país tenha um impacto muito grande sobre os arranjos familiares na origem. Se as crianças não podem ser levadas com os pais, muito provavelmente elas são deixadas

ou com o cônjuge do migrante ou com outro adulto responsável, provavelmente do sexo feminino.

Além disso, o custo da imigração pelas fronteiras terrestres México-EUA gira em torno de quatorze mil dólares, de modo que as pessoas dos mais baixos estratos de renda dificilmente são capazes de financiar a travessia, o que não quer dizer que aqueles que migram ilegalmente via México sejam de classes altas. Como ressalta Goza (2003) e Fazito e Rios-Neto (2008), os *brokers* têm papel fundamental na travessia dos brasileiros de classe média baixa aos Estados Unidos, frequentemente financiando a passagem por meio de dívidas que devem ser pagas no destino. Em linhas gerais, o sistema tal como se configura provavelmente favorece a imigração de homens jovens, de classes de renda média. Esta hipótese será testada a partir dos dados empíricos disponíveis no Capítulo 5.

Uma vez em solo estadunidense, tornam-se impossíveis as perspectivas de reunião familiar regular para aqueles que migraram ilegalmente aos Estados Unidos. Uma observação importante é que o fato de ter um filho americano não concede ao imigrante ilegal o direito de permanência no país. (AIC, 2016). Este só pode ser adquirido depois que o jovem completa 21 anos e se torna capaz de peticionar o direito aos pais. Na prática, muitos imigrantes vivem ilegalmente no país durante anos, até que seus filhos nascidos no país – se for o caso – atinjam a maioridade ou até que alguma política *ad hoc* lhes conceda anistia.

Apesar de todas as dificuldades de entrada, o sistema americano favorece em muito as perspectivas de trabalho para os imigrantes ilegais. Sem jornadas de trabalho fixamente estabelecidas, é comum que os brasileiros trabalhem em média sessenta horas semanais, geralmente em dois ou mais empregos (MARGOLIS, 1994). Segundo Soares e Martes (2006), dado o volume total de remessas enviadas ao Brasil desde os Estados Unidos, o valor unitário das mesmas giraria em torno de 646,10 dólares, enviados sob a forma de dez remessas anuais.

Entretanto, mesmo que não haja restrições ao envio de remessas devido ao status do migrante, a circulação de cuidado, como discutido anteriormente, pode ser severamente prejudicada pelas restrições migratórias dos Estados Unidos. Não só os imigrantes ficam impedidos de fazer visitas ocasionais ao Brasil – dado que, em caso de saída ilegal, sua entrada fica proibida pelos dez anos consecutivos – como também seus filhos menores e cônjuges dificilmente podem se reunir legalmente. Em pesquisa realizada com 247

mulheres em Governador Valadares cujos maridos moravam fora, Silva, Machado e Dias (2015) encontraram que 40% das mesmas estavam de 3 a 6 anos separadas fisicamente de seus cônjuges.

Já em Portugal, as perspectivas de entrada e saída no país, bem como de reunião familiar, são muito maiores para os brasileiros que lá residem. Ao contrário dos Estados Unidos, em que os brasileiros não possuem nenhum status especial na política migratória, uma série de acordos entre Brasil e Portugal, firmados na década de 1970, facilitam os fluxos entre seus nacionais. Soma-se a esses acordos, o fato de os brasileiros não necessitarem de visto para entrar em Portugal. Assim sendo, basta a passagem, a comprovação de fundos para permanecer no país durante a estada e uma carta-convite de algum amigo ou parente para que os nacionais do Brasil possam entrar legalmente em Portugal. A princípio, o tempo máximo de permanência permitido é de 90 dias, sendo vedado exercício de qualquer atividade profissional neste período – a não ser com a aquisição de um visto de trabalho específico. Na prática, entretanto, esse sistema facilitou a entrada de brasileiros que queriam trabalhar ilegalmente no país. Com o enrijecimento do controle da Imigração portuguesa nos aeroportos, onde muitos imigrantes eram barrados no momento da entrevista, algumas pessoas passaram ainda a optar por entrar pela Espanha, onde a diferença linguística impede a condução de longos interrogatórios que possam impedir a entrada na União Europeia. (PINHO, 2014).

Dados os custos reduzidos – em média 3000 reais – para a entrada em Portugal, em comparação com uma média de 40.000 reais para cruzar ilegalmente os Estados Unidos, fica claro que o país europeu surge como melhor opção para as famílias de estratos mais baixos que queiram tentar uma oportunidade no exterior. (MACHADO & REIS, 2007). Tendo em vista a entrada por vias regulares, e não clandestinas como no caso estadunidense, o sistema português tenderia – pela lógica – a facilitar, especialmente, a migração de mulheres e crianças, ou mesmo de famílias inteiras – hipótese que também se testará por meio da pesquisa empírica.

Além da possibilidade de entrada facilitada por vias regulares, o sistema português também viabiliza processos de residência e naturalização. Um decreto regulamentar de 2004 definiu a possibilidade de prorrogação de permanência aos estrangeiros irregulares que estivessem inseridos no mercado de trabalho. Estas anistias têm como objetivo regulamentar processos naturais de acomodação da mão de obra em áreas com excesso

de oferta de empregos. (PINHO, 2014). Ainda, a legislação atual prevê que residentes permanentes há pelo menos um ano possam levar consigo membros da família que com eles tenham vivido ou que deles dependam. (PINHO, 2014). Trata-se, aqui, de um conceito de família bem mais amplo do que aquele previsto pela legislação norte-americana, conforme discutido anteriormente.

Assim, além da maior possibilidade de migração de famílias inteiras, o contexto migratório português facilita a circulação do cuidado no sentido amplo, inclusive pessoal. O migrante a Portugal tende a circular muito mais, indo e vindo ao Brasil quando lhe convém, evitando, assim, as longas separações presentes no caso norte-americano.

Não obstante as facilidades de Portugal em termos de reunião familiar, os Estados Unidos continuam sendo destino preferido dos valadarenses por um motivo simples: o mercado de trabalho americano é mais dinâmico do que o português e a remuneração percebida nos Estados Unidos tende a ser maior do que a do país europeu, mesmo levando em consideração os gastos com a travessia. Portugal figura, assim, como uma alternativa de segunda categoria. (MACHADO & REIS, 2007). Segundo Rossi (2005), o montante médio enviado pelos brasileiros em Portugal era de 289 euros – comparado com o montante de 550 dólares mensais calculados com base nas estimativas de Soares e Martes (2006). Há que se atentar para a difícil comparabilidade entre os valores aqui apontados: o estudo de Rossi (2005) é uma média do valor total de remessas pela quantidade de clientes que efetivamente fizeram remessas pelo Banco do Brasil, sem levar em conta, portanto, aqueles que não enviaram nenhuma remessa ou não são, sequer, clientes do banco – não é assim, uma estimativa do nível de remessa por emigrante. Já a estimativa de Soares e Martes (2006) leva em consideração o volume total de dinheiro enviado ao Brasil, dividido pelo número de emigrantes estimados nos Estados Unidos. Caso se empregasse a mesma metodologia de Soares e Martes (2006) ao caso português o valor encontrado deveria ser, portanto, ainda menor. A maior rentabilidade da migração para os Estados Unidos deverá ficar clara conforme a análise das entrevistas em profundidade.

### **3.3 Perfil Sociodemográfico dos Migrantes Valadarenses**

Como discutido, o projeto migratório e a circulação de cuidado dependem não só do contexto de políticas públicas como também do estágio de vida do migrante e de sua família domiciliar. Por isso é importante refletir sobre as características

sociodemográficas do fluxo migratório. Uma migração eminentemente feminina, como é sabidamente o caso das hispano-americanas na Espanha, gera impactos totalmente diferentes sobre as famílias domiciliares na origem do que uma migração eminentemente masculina, como é o caso da migração mexicana rumo aos Estados Unidos. Também o padrão etário da migração nos diz muito a respeito dessas configurações: se o contexto favorece migrações do tipo familiar, as crianças migram junto com seus pais ou responsáveis; se, por outro lado, o contexto favorece eminentemente a migração de adultos, essas crianças são deixadas na origem. Saber com quem elas são deixadas e como se dão as relações de maternidade ou paternidade transnacionais é elemento fundamental para a compreensão do nosso objeto de análise.

O estudo mais recente que discute o fator de seletividade por sexo da migração valadarense com base nos resultados do Censo 2010 (SOUZA, 2016) faz um recorte total dos emigrantes brasileiros no exterior, de modo que não é possível compreender as diferenças por sexo entre a migração para os Estados Unidos e para Portugal. O estudo, que faz a estimação da emigração conforme a técnica de resíduo, encontra um resultado diferente daquele obtido por Siqueira (2004). Segundo Souza (2016), 77,6% da emigração internacional com origem na microrregião de Governador Valadares (MGV) entre 2000 e 2010 é composta por homens.

Tendo em vista resultados contraditórios com relação à composição do fluxo de valadarenses, este trabalho tentará estimar, em sua seção empírica, a razão de sexo da emigração por meio do novo quesito censitário sobre migração internacional. Ainda é preciso levar em conta, sobretudo, a questão longitudinal. Conforme aponta Fusco (2005), que analisou o período de 1980 a 1997 a partir de um *survey* conduzido na região, a participação das mulheres no fluxo migratório valadarense vem crescendo de forma ascendente nas últimas décadas. Também Soares (2002) aponta para o fato de que o fluxo de valadarenses para o exterior é mais feminino do que o de outras cidades com fluxos migratórios mais recentes, como Ipatinga. Essas evidências colocariam em xeque a suposição anterior de que o sistema migratório estadunidense e o seu recente enrijecimento privilegiariam a entrada de homens em detrimento de mulheres. Há, entretanto, uma explicação contundente para este aparente paradoxo: nos estágios iniciais do processo migratório, os homens geralmente são pioneiros, ou seja, aqueles que enfrentam as incertezas e os perigos de uma travessia e um país desconhecido. Na medida em que o fluxo se solidifica, as redes sociais se institucionalizam, permitindo que o

migrante faça uso do maior capital social que circula entre origem e destino, atraindo maior volume de mulheres. (FUSCO, 2005; RENNER & PATARRA, 1980). Seria este o caso de Governador Valadares.

Algo que não é levado em conta por nenhum dos estudos, entretanto, é a diversificação dos destinos dos emigrantes brasileiros da MG. Como a migração não foi discriminada por local de destino, é difícil saber se a migração valadarense estaria se feminizando devido a uma solidificação das redes migratórias para os Estados Unidos ou devido à variação dos destinos migratórios, que agora incluem também Portugal. Ademais, resta a dúvida sobre qual o caráter dessa migração feminina mais recente: de um lado, ela poderia estar vinculada à tentativa de conseguir melhores chances de emprego e renda, semelhantemente à migração masculina; de outro, ela pode estar relacionada à reunião familiar junto aos homens que já se encontravam lá. Esses aspectos serão melhor discutidos no Capítulo 5.

A composição etária dos emigrantes nos Estados Unidos segue, ainda, um padrão bem definido, concentrando-se nas faixas etárias de 20 a 40 anos entre os anos 2000 e 2010 (SIQUEIRA, 2004; SOUZA, 2016). Isso revela uma característica eminentemente laboral do fluxo. Ainda segundo Siqueira (2004), na pesquisa amostral realizada na região da Nova Inglaterra, 27% dos mesmos trabalhavam na construção civil, 16,3% como *house clear*, 12,1% como *baby sitter* e 9,5% como *delivery* – o que aponta para um desempenho em atividades de baixo status social no local de destino. Ademais, 45% dos entrevistados possuíam ensino médio completo, característica condizente com a crescente escolarização das coortes mais jovens, independentemente da classe social. Apesar de ocuparem postos de trabalho de baixa qualificação, 36,9% dos imigrantes relataram receber uma média de 500 a 1000 dólares semanais.

Fusco (2005) também traz uma contribuição essencial para a discussão que se levará a cabo neste trabalho. Tendo o autor realizado a pesquisa amostral com 467 domicílios com experiência migratória na MG, foi analisada a composição dos mesmos em termos de ofertas de parentes. Segundo o autor, os domicílios com migrantes têm em sua composição muito mais categorias de ‘outros parentes’ do que os domicílios sem migrantes. Esse seria um indicativo de que, conforme prediz a Nova Economia da Migração, as famílias extensas apresentam maior potencial para migração em virtude de

elevada diversidade de seus membros para diversificar as fontes de renda e atenuar riscos. (FUSCO, 2005).

Entretanto, é preciso tomar com cautela essa explicação. Em primeiro lugar, o autor não define de forma clara o que são os domicílios com migrantes: seriam os domicílios com migrantes internacionais conviventes – retornados – ou domicílios em que um dos membros reside atualmente no exterior? Em segundo lugar, a maior oferta de parentes não necessariamente é a causa da migração, conforme apontado. Existe grande possibilidade de que novos arranjos domiciliares tenham sido formados por causa da migração: os ‘outros parentes’ seriam, então, consequência deste processo. Um exemplo claro é quando mulheres solteiras ou divorciadas migram, deixando seus filhos com tias ou avós. O domicílio que ‘restou’ da migração é um de tipo estendido, composto por outros parentes que não cônjuge e filhos.

O que dizer para o caso específico português? Não existem estimativas especificamente sobre o perfil sociodemográfico dos valadarenses que vão rumo a Portugal. De um lado, há as estimativas gerais sobre o fluxo desde Governador Valadares, sem discriminação quanto ao destino; e, de outro, estimativas feitas a partir de Portugal sobre os brasileiros lá residentes, sem menção ao local de origem. É importante ressaltar que a maior parte das últimas estimativas se baseia nos números do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e, portanto, tendem a captar apenas a parcela legal da população brasileira. Apesar das limitações dos dados, as mulheres representavam, em 2001, 51% do contingente de brasileiros em Portugal (PINHO, 2014). Indicativas mais recentes do SEF apontam que as mulheres somavam cerca de 54% dos brasileiros em Portugal, em 2008 – porcentagem um pouco maior do que aquela auferida por Siqueira (2004) dos valadarenses nos Estados Unidos. As estimativas de Pinho (2014) referem-se aos brasileiros em geral, e não aos valadarenses. Entretanto, conforme Malheiros (2007), um terço de todos os brasileiros em Portugal são provenientes de Minas Gerais. A distribuição etária, como no caso estadunidense, também é fortemente concentrada nas idades laborais, notadamente 75% de todos os imigrantes têm de 20 a 35 anos.

Como apontado anteriormente, as perspectivas de reunião familiar são facilitadas no caso português. Entretanto, segundo Padilha (2007), são poucas as mulheres que se utilizam desse artifício, mesmo quando o cônjuge já está legal em Portugal preferem, ainda assim, entrar no país com o visto de turista e só depois buscar a regularização. Esse

comportamento pode ter como pano de fundo a desinformação sobre os trâmites legais e burocráticos no país de destino.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, Peixoto e Figueiredo (2007) apontam que em 2001, 51,4% dos brasileiros da amostra do SEF possuíam ensino secundário/médio, enquanto 27,1% apenas o ensino fundamental. Além disso, a maior parte dos brasileiros estão ativos em Portugal – 82,3% dos homens e 64,6% das mulheres. As ocupações no mercado de trabalho registraram ainda uma mudança substancial entre 1991 e 2001. Enquanto em 1991, 22,5% desempenhavam posições intelectuais ou científicas, atualmente apenas 9,8% estão empregados nestes postos. A grande maioria, 22,5%, desempenha funções de operários, artífices e similares, o que reforça o caráter laboral de baixa qualificação exercido pelos brasileiros residentes em Portugal. Semelhantemente aos Estados Unidos, portanto, os brasileiros no país europeu tendem a ocupar os postos de trabalho de mais baixo estatus social, não havendo diferenças substantivas entre o tipo de ocupação exercida nos dois países.

Concluindo, tem-se, de um lado, uma dúvida sobre a real composição por gênero do fluxo migratório valadarense rumo aos Estados Unidos e a Portugal. De outro, há fortes indícios de que os fluxos são formados eminentemente por pessoas em idade ativa e também que, nos dois destinos, os brasileiros da MGV desempenham funções de baixo status social. Isso não implica em igual rendimento: o ganho salarial nos Estados Unidos e, portanto, o nível de remessas, tende a ser maior do que em Portugal. Esse fenômeno é um potencial gerador de iniquidade social, dado que aqueles que migram ao país europeu são, em geral, de classes sociais mais baixas do que aqueles que vão rumo aos Estados Unidos. (MACHADO & REIS, 2007). Em linhas gerais, é possível afirmar que, se pouco se sabe sobre a real composição do fluxo de brasileiros ao exterior, menos ainda se conhece sobre os arranjos domiciliares da origem.

### **3.4 Quem Cuida na Família Brasileira? A Normativa de Gênero e a Migração**

Finalmente, como ressaltado por Merla (2014), as relações de cuidado são determinadas pelo contexto normativo dos países de origem e destino. Mas, afinal, o que se sabe sobre o caso brasileiro? A demografia das famílias no Brasil vem nos mostrando que há um crescimento dos domicílios estendidos no país. Em geral, essa tendência é fruto da coresidência dos idosos com seus filhos, gerando domicílios formados por chefe,

cônjuge, filho e pais ou, ainda, chefe, cônjuge, filhos adultos e netos. (WAJMAN, 2010; CAMARANO et al. 2004). No primeiro caso, os idosos são denominados de vulneráveis, já que o chefe é o filho adulto, enquanto no outro os idosos são os próprios chefes. Nesse caso, o arranjo resulta da permanência tardia dos jovens na casa dos pais. Acredita-se que essa normativa deva influenciar nos arranjos domiciliares resultantes da emigração.

De fato, não são largamente conhecidos os impactos da migração sobre as famílias domiciliares da origem no caso valadarense. Segundo Machado (2010), há em Governador Valadares uma constante tensão entre a ideia de desestruturação da família e os planos e projetos familiares. Segundo o autor, “a tensão entre um modelo familiar ‘com ausência’ permitida e o desejo de um modelo familiar tradicional resulta numa flexibilização (mesmo que temporária) das formas de viver a conjugalidade e mudanças radicais na educação e criação dos filhos”. (MACHADO, 2010, p.23).

Com relação às mulheres cujos cônjuges emigram, esse aparente paradoxo entre a estratégia familiar e os danos emocionais causados pela distância do parceiro são eminentes. Segundo Dias, Machado e Silva (2015), das 247 mulheres entrevistadas, apenas 35,5% haviam apoiado a decisão do marido, sendo que as demais relataram não estar satisfeitas com a distância ou não ter opinião a respeito. Siqueira e Santos (2012) também encontraram relatos parecidos, tendo a maior parte das mulheres acreditado que os cônjuges poderiam encontrar alternativas rentáveis e não prejudiciais à família no próprio Brasil, sem haver a necessidade de emigração.

Com relação à generalidade das configurações domiciliares resultantes da emigração em Valadares, Machado (2010) encontra que o arranjo mais comum é aquele de pais ausentes no exterior, seguido do caso em que pai e mãe estão fora, e só depois a configuração de mãe no exterior. Segundo o autor, essas situações são raras e preponderantes em contextos em que a separação do casal aconteceu anteriormente à migração. O autor, no entanto, não indica qual a metodologia utilizada para a condução do trabalho, de modo que é impossível saber se, de fato, esses arranjos ocorrem com mais frequência especificamente nesta ordem. É possível, assim, que a concepção de maternidade compartilhada advinda do contexto latino-americano, aliada a uma crescente coresidência intergeracional em domicílios brasileiros, tenda a conceder aos avós relevância considerável nos arranjos domiciliares resultantes da migração internacional em Governador Valadares. Assim, ao longo do Capítulo 5, serão produzidas estimativas da porcentagem de domicílios com gerações puladas – crianças residindo com avós sem os pais – entre aqueles com e sem a

presença de emigrantes internacionais. Além disso, o Capítulo 6 também versará sobre esta configuração domiciliar específica.

#### 4. METODOLOGIA

Para levar a cabo o presente trabalho, a metodologia empregada será baseada na abordagem de métodos mistos, em que técnicas qualitativas e quantitativas são utilizadas de forma simultânea e interdependente.

Segundo Creswell e Clarck (2011), sabe-se que os dados de origem qualitativa propiciam uma compreensão detalhada do problema de pesquisa, enquanto os dados de cunho quantitativo fornecem uma visão geral do problema de pesquisa. Ambas as técnicas, assim, têm qualidades e insuficiências: de um lado, quando se estuda um fenômeno qualitativamente, a capacidade de generalização pode se perder; por outro, quando se estuda o mesmo fenômeno quantitativamente, a capacidade de compreensão profunda de cada caso é perdida.

No caso do problema desta dissertação, entendeu-se que nenhuma das duas técnicas isoladamente poderia responder ao objetivo de pesquisa. Por um lado, compreender quais são os arranjos mais comuns entre aqueles que emigram e deixam suas famílias no destino e, conseqüentemente, poder generalizar tais resultados seria impossível sem o uso de técnicas quantitativas. Como dito, saber a seletividade por sexo e idade da emigração é essencial para captar como são feitos os arranjos de cuidado na origem, da mesma forma que estimar características do perfil sociodemográfico dos domicílios com emigrantes internacionais também fornece pistas essenciais sobre tais configurações.

Por outro lado, a discussão sobre como se deram as negociações e arranjos em torno do projeto migratório dentro do domicílio seria pouco aprofundada sem o uso das técnicas qualitativas – aqui baseadas em entrevistas em profundidade. A partir da análise do Censo Demográfico pode-se saber, por exemplo, qual a extensão da prevalência de arranjos de tipo monoparental entre domicílios com emigrantes internacionais, mas é imprescindível qualificá-los. Nesse mesmo sentido, existem perguntas essenciais para a discussão do tema que os dados quantitativos, por si só, não podem responder, como por exemplo: *As mulheres que ficaram na origem, em geral, estiveram de acordo com o projeto migratório? Houve conflitos em torno do envio das remessas? Como os filhos lidaram com a saída do pai? Pode-se dizer que a emigração, nesse caso, foi de fato parte de uma estratégia familiar?* Como essas questões não são suscetíveis a repostas do tipo ‘sim’ ou ‘não’, apenas um questionário semiestruturado poderia ser capaz de captar respostas mais

complexas. Além disso, de modo geral, *surveys* são eficazes apenas para responder a perguntas previamente definidas pelo pesquisador. Por outro lado, as técnicas qualitativas são capazes de levantar problemas até então não visionados pela literatura sobre o tema. Assim, embora as entrevistas em profundidade não tenham o papel de generalizar, elas podem levantar hipóteses sobre essas relações de cuidado e dar pistas sobre qual a compreensão dos sujeitos – ou o espectro de compreensões dos sujeitos – acerca do projeto migratório internacional.

Tendo como base os benefícios de uma metodologia mista, este trabalho será realizado em duas etapas: de um lado, será feita uma análise descritiva com base em um *survey* inédito, especialmente desenhado para o caso valadarense, e também com base no quesito de emigração do Censo demográfico de 2010; de outro, será desenvolvida uma análise qualitativa por meio de entrevistas em profundidade. Na Seção 4.1, serão discutidas, primeiramente, as fontes de dados utilizadas nessa dissertação: o *survey* conduzido pela Universidade Federal de Minas Gerais em parceria com a Universidade do Vale do Rio Doce, em Governador Valadares, intitulado “Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce”; o quesito de emigração internacional do Censo de 2010; e as entrevistas em profundidade conduzidas com 20 entrevistados, em 2016, pela autora desta dissertação. Será discutida, na Seção 4.1, a técnica utilizada para a análise de cada uma das fontes de dados.

## **4.1 Fontes de Dados**

### *4.1.1 Censo Demográfico 2010*

Diferentemente dos anteriores, o Censo Demográfico de 2010 representa uma novidade fundamental para o estudo das emigrações internacionais. Se até então a estimativa dos fluxos de emigração era feita somente a partir da técnica do resíduo – a emigração seria a diferença entre a população observada e projetada, levando em consideração a imigração internacional de data fixa – o novo questionário base do censo abriu espaço para uma pergunta direta sobre emigração internacional no domicílio: “alguma pessoa que morava com você(s) estava morando em outro país em 31 de julho de 2010?”

Apesar de inovador, esse procedimento pode levar tanto a uma superestimação do número de emigrantes – quando mais de um domicílio reporta o mesmo emigrante – quanto a

uma subestimação para o caso de todo o domicílio ter emigrado e também quando o domicílio na origem se dissolveu. Além disso, há um problema de memória fundamental: quanto maior o tempo decorrido da emigração, maior a probabilidade de que a pessoa não será reportada no momento do censo, seja por esquecimento ou porque o domicílio original se fragmentou com o passar dos anos (CARVALHO et al, 2016). Em terceiro lugar, há também o fato de que a única emigração captada tenha sido a de última etapa; assim, se uma pessoa emigrou primeiro para Portugal e depois para os Estados Unidos, o único destino reportado será o dos Estados Unidos. Por isso, torna-se muito difícil saber o exato volume do estoque emigratório por meio do quesito censitário. A fim de contornar esses problemas, serão feitas estimativas apenas a partir dos últimos 5 anos anteriores à data de referência do Censo, conforme defendido por Carvalho et al (2016). Em alguns casos, à título de comparação, serão feitas estimativas para os últimos 10 anos. Essa ressalva é especialmente importante para esta pesquisa, porque quanto maior o tempo decorrido desde a saída do indivíduo, maior a probabilidade de que o arranjo atual do domicílio não tenha relação direta com a emigração. Como duas ou mais pessoas de um mesmo domicílio podem emigrar em diferentes pontos no tempo, tomou-se por base a primeira emigração do domicílio.

Além dos problemas do quesito de emigração internacional do Censo 2010, é necessário dar especial atenção também à sua interpretação. Ainda que o ideal, a partir do que foi discutido na revisão da literatura, fosse fazer estimativas a partir do fluxo de emigrantes internacionais, o quesito do Censo fornece apenas características do estoque, ou seja, dos emigrantes que atualmente residem no exterior. Nesse caso, não estão sendo captadas as pessoas que emigraram e retornaram antes da data da pesquisa. Se, em tese, o estoque seria uma boa *proxy* para o fluxo em termos de proporções – por sexo e idade – há que se atentar para seletividades no retorno. Caso, por exemplo, homens e mulheres tenham propensões diferentes a retornar, as características do estoque estariam subrepresentando um grupo ou outro em termos de fluxo. A fim de entender até que ponto, realmente, o estoque é uma boa *proxy* para fluxo, foram analisadas também as características dos retornados a partir do *survey Migração Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, bem como estimativas já realizadas sobre imigração internacional de última etapa e data-fixa a partir do Censo 2010.

Uma vez sabendo as limitações e as cautelas a se tomar na interpretação do quesito do Censo 2010, será realizada a análise dos dados. Em primeiro lugar, serão feitas estimativas sobre as características dos emigrantes internacionais que residiam em Governador Valadares. Como explicado anteriormente, compreender a seletividade por idade e sexo da migração internacional é fundamental para o entendimento das relações entre famílias transnacionais e a circulação de cuidado. Para tanto, uma alternativa é estimar as pirâmides etárias dos valadarenses ao emigrar internacionalmente e separá-las por destino da emigração.

Em seguida, será feita uma caracterização dos domicílios dos emigrantes internacionais, tomando apenas aqueles que emigraram a partir de 2005. Em primeiro lugar, serão verificadas as configurações domiciliares mais comuns resultantes da emigração. Para isso, os arranjos domiciliares serão divididos em sete, baseando-se na classificação de Wajzman (2010): *monoparentais*, compostos por apenas por chefe e filhos ou chefe e pai ou chefe e mãe; *casais sem filhos*, onde há apenas o chefe de domicílio e seu cônjuge; *casais com filhos*, onde há apenas chefe, cônjuge, filho ou filhos; *unipessoais*, onde há apenas o chefe de domicílio; *conviventes*, onde há pelo menos duas pessoas com parentesco e um não-parente residindo no mesmo domicílio; *não familiar*, em que nenhum dos residentes são parentes; e, finalmente, *domicílios estendidos*, onde todas as pessoas são parentes e há pelo menos um parente que não faz parte do núcleo familiar. Os domicílios estendidos são uma categoria particularmente muito ampla, pois podem apresentar desde dois núcleos propriamente ditos, como, ainda, por exemplo, chefe, filho, cônjuge e pais.

Com vistas a saber até que ponto as crianças são deixadas no destino, será feita uma estimativa da proporção de domicílios com crianças menores de 15 anos e com mãe ausente no domicílio. A ausência da mãe indica que a mãe está viva, mas que não vive no domicílio em questão. Essa variável fornece uma *proxy* da proporção de crianças que são deixadas na origem com a emigração de seus pais. Mais uma vez, entretanto, a sua interpretação requer cautela. É possível que o emigrante internacional não seja o pai ou mãe da criança que consta no Censo como tendo mãe ausente no domicílio. De fato, há uma limitação do Censo 2010 que não permite uma análise mais completa do fenômeno: o emigrante internacional não é ligado ao chefe do domicílio, de forma que não se sabe a sua relação de parentesco com os demais membros, elemento fundamental para a presente análise. Acredita-se, entretanto, ser fundamental trabalhar com a informação disponível,

ainda que não seja aquela mais detalhada. A partir dessas ponderações, ao que pese relativizar o alcance dos resultados aqui discutidos, eles fornecem pistas e, mais importante, levantam hipóteses sobre os arranjos domiciliares da origem – questões essas antes pouco trabalhadas de forma sistematizada.

A partir das estimativas de mães ausentes, também será dado enfoque especial, no caso dos domicílios estendidos, para aqueles com a presença de avós e netos conviventes – seja com outros adultos residentes no domicílio, seja na forma de geração pulada em que há somente chefe de domicílio, cônjuge e neto. É também impossível saber ao certo se, no domicílio com avós chefes de domicílios, a criança tem ou não pais responsáveis, uma vez que o Censo nos dá apenas informação sobre mãe presente, mas nenhum indício sobre o pai. Se há o chefe, seu neto e algum adulto homem, não se sabe se esse adulto é pai ou tio, por exemplo, da criança em questão.

Outro elemento a ser discutido no Capítulo 5 é a razão de dependência jovem e idosa dos domicílios com emigrantes internacionais, informação que fornece uma *proxy* dos arranjos domiciliares na origem. Se os domicílios com emigrantes têm uma razão de dependência jovem alta, é bastante provável que quem migrou seja um dos chefes do domicílio, deixando na origem crianças menores de 15 anos com outros responsáveis. Por outro lado, se os domicílios com emigrantes têm uma razão de dependência idosa mais alta do que a população geral, presume-se que a emigração envelheceu o domicílio – nesse caso, é muito provável que o emigrante seja filho do chefe, o que o levaria a uma relação totalmente diferente com sua família na origem, tal como discutiu-se a partir da teoria das etapas do ciclo de vida.

Tendo isso em mente, também será realizada uma divisão dos domicílios monoparentais. Ao contrário do que comumente se imagina, estes podem ser formados tanto por chefe e filhos, como também por um chefe (neste caso um filho adulto) e seu pai ou mãe. Como isso acarreta, na prática, configurações completamente distintas, serão feitas estimativas sobre a proporção de domicílios com emigrantes em cada um desses casos.

Além do tipo de arranjo domiciliar dos domicílios com e sem emigrante internacional, será realizada uma caracterização socioeconômica dos domicílios por presença de emigrante internacional. Um ponto que se deve ter atenção neste caso é que a condição socioeconômica do domicílio é, ao mesmo tempo, causa e consequência da emigração. Na medida em que parte daqueles que emigram enviam remessas à origem, é impossível

dizer – sem a informação exata desta transferência – qual parcela da renda total domiciliar é fruto da própria emigração. Uma informação talvez menos sensível à emigração é a escolaridade do chefe do domicílio ou a escolaridade máxima do domicílio. É improvável que esta sofra grandes efeitos das remessas. Entretanto, a emigração, mais uma vez, pode ser responsável por uma seletividade daqueles que restaram no domicílio. Se, em geral, aqueles que migram são os mais jovens – principalmente no caso de filhos do chefe – a escolaridade máxima do domicílio tenderá a diminuir com a emigração, já que as coortes mais jovens são mais escolarizadas. Por outro lado, a informação de escolaridade do chefe tampouco é livre de vícios, principalmente no caso de que quem emigre seja o próprio chefe e a chefia passe para outro membro do domicílio. Como, entretanto, a escolaridade do chefe tende a ser menos móvel do que a escolaridade máxima do domicílio, a primeira será tomada como base. Assim, a escolaridade do chefe e a renda *per capita* do domicílio serão analisadas separadamente e discutidas em conjunto, de modo a avaliar até que ponto a condição socioeconômica resultante é causa ou consequência do processo migratório.

Concluindo, tem-se 9 variáveis a serem analisadas: distribuição etária ao emigrar; distribuição por sexo; arranjo domiciliar; chefia de avós; gerações puladas; razão de dependência jovem e idosa; tipos de domicílios monoparentais; e condição socioeconômica do domicílio. Para todas essas variáveis serão calculadas suas distribuições: entre domicílios com emigrantes internacionais e domicílios sem emigrantes internacionais. Essas distribuições serão comparadas a partir de testes estatísticos específicos a com a amostra já ponderada pelo peso, conforme será explicitado adiante.

#### *4.1.2 Survey “Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce”*

A segunda fonte de dados utilizada neste trabalho é o *survey* conduzido entre 2014-2016, com uma amostra representativa do município, de título *Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*. Financiado pelo CNPq (Processos 483714/20127 e 431872/20163), FAPEMIG (CSA APQ0024412, PPM0030514 e CSA APQ0155316) e Rede Clima (FINEP/CNPq), o projeto gerou um levantamento amostral com 1226 domicílios representativos da área urbana do município de Governador Valadares.

A fim de calcular o tamanho amostral, foi utilizado um erro padrão de 3% e o nível de confiança de 95% para a média amostral. A amostra, em seguida, foi construída por 2 estágios e múltiplas estratificações – por conglomerados de bairros, grupo etário e sexo (SOUZA et al, 2016). Os conglomerados foram definidos seguindo a base cadastral de classificação socioeconômica dos bairros e lotes urbanos para fins de cálculo do IPTU. Dois critérios foram combinados: bairros com contiguidade espacial e similaridade socioeconômica. Para cada conglomerado, a proporção amostral foi distribuída segundo o número de domicílios por bairro, estratificados por sexo e grupos etários (SOUZA et al, 2016). O tamanho amostral (1226) foi então distribuído segundo a organização de domicílios por conglomerado, segundo a base da Prefeitura Municipal de Governador Valadares (servindo como primeiro estágio de estratificação). Dentro de cada conglomerado, as proporções por sexo e grupos etários (18 a 39, 40 a 59, 60 a 78) seguiram os valores da mesma base de cadastro para IPTU e do Censo Demográfico de 2010. Os pesos amostrais winsorizados foram calculados para dar correta representatividade populacional aos indivíduos selecionados na amostra final, necessária para análise de amostras com múltiplos estágios de amostragem. A variável de estratificação é o conglomerado e a unidade primária de amostragem corresponde ao domicílio selecionado aleatoriamente dentro do multi-estrato sexo/grupo etário (GUEDES & RAAD, n.d.).

Este projeto passou pelo crivo do Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP, Projeto CAAE – 12650413.0.0000.5149) e todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), previamente aprovado pelo Comitê de Ética, que pode ser visualizado nos anexos deste trabalho.

O questionário foi constituído por uma vasta gama de perguntas, incluindo categorias socioeconômicas do entrevistado, características socioeconômicas do domicílio, percepção de risco ambiental, assim como características físicas do entorno do domicílio. Na parte final do questionário, foram coletadas informações sobre cada um dos membros do domicílio e também informações sobre membros que já residiram naquele domicílio e que, atualmente, vivem em outro lugar. Finalmente, inquiriu-se se algum dos membros já havia residido em outro município e dados sobre o local de residência anterior.

A coleta de informações deu, assim, origem a quatro bases distintas: uma de membros do domicílio; outra de informações do respondente; outra sobre migrantes conviventes; e a

de emigrantes já residentes no domicílio. É importante ressaltar que, neste caso, utilizou-se a categoria de migrantes conviventes e não retornados porque alguns indivíduos podem simplesmente ter nascido em outro local e, posteriormente, mudado para Governador Valadares, inclusive no caso da migração internacional. Como se pergunta o motivo de o entrevistado haver residido em outro local, os retornados internacionais serão obtidos através da base de migrantes internacionais conviventes, excetuando-se aqueles nascidos em outro país.

Uma vez que o questionário do *survey* era mais completo do que aquele aplicado para o universo do Censo, primeiramente optou-se por utilizar aquele em detrimento deste. No entanto, após a compatibilização das bases da amostra verificou-se a ocorrência de apenas 50 casos de emigrantes internacionais, o que seria de se esperar, por se tratar de um evento raro na população geral. Por isso, optou-se por utilizar o censo para a condução da análise descritiva mais geral – sexo e idade dos emigrantes por destino e características gerais dos domicílios com emigrantes internacionais – e a amostra para questões adicionais mais específicas. Para os fins deste trabalho, serão utilizadas as informações coletadas sobre envio e recebimento de remessas; escolaridade dos retornados internacionais, como *proxy* para a escolaridade dos emigrantes internacionais; e motivação a emigrar e a retornar. As perguntas sobre motivo da migração e motivo do retorno eram de tipo aberta e, por isso, foram categorizadas conforme as próprias respostas.

Ainda que a base de emigrantes internacionais contasse com apenas 50 observações, foi possível obter mais informações utilizando a base de migrantes conviventes para aqueles com experiência internacional, que contava com 162 observações. Não seria possível, entretanto, simplesmente juntar as duas informações, uma vez que os migrantes internacionais conviventes – ou retornados, excetuando os nascidos no exterior – apresentam uma seletividade inerente. Os retornados, de maneira geral, não são uma *proxy* perfeita para os emigrantes, de modo que a análise utilizando as duas informações será realizada com cautela. Por isso, a interpretação dos dados da base de retornados e da base de emigrantes serão feitas separadamente.

### 5.1.3 Entrevistas Semi-Estruturadas

Como discutido anteriormente, os métodos mistos foram escolhidos para realizar a análise, já que certas dimensões das interrelações entre migrantes internacionais e

famílias domiciliares não são passíveis de captação somente através de técnicas quantitativas. Uma vez feita a discussão, a partir das informações disponíveis sobre a caracterização dos domicílios com e sem emigrantes internacionais, prosseguiu-se com a análise em profundidade das relações das famílias transnacionais por meio de entrevistas semiestruturadas.

Inicialmente, concebeu-se que as entrevistas seriam conduzidas nas duas pontas do processo: de um lado com os próprios emigrantes internacionais e, de outro, com as suas respectivas famílias domiciliares na origem. Entretanto, devido a limitações orçamentárias, não seria possível prosseguir com as mesmas nos locais de destino. A segunda alternativa – realizar entrevistas via Skype com emigrantes internacionais – tampouco foi possível, dada a resistência dos entrevistados em prover o contato de seus familiares no destino, os quais eram, em sua maioria, residentes ilegais. Optou-se, finalmente, por utilizar uma *proxy* imperfeita dos emigrantes internacionais – os retornados. Mais ainda, escolheu-se entrevistar os retornados e não suas respectivas famílias domiciliares, uma vez que essas poderiam ter sofrido mudanças entre o período da migração, do retorno e da data da entrevista. Ao final, foram inquiridos retornados internacionais e chefes de domicílio com emigrantes no exterior. Dessa forma, objetivava-se captar a experiência tanto daqueles que migraram quanto dos que ficaram na origem, e de que maneira elas refletiam diferentes olhares quanto às relações familiares transnacionais.

Uma vez que o foco da discussão nessa dissertação era entender o impacto da migração sobre as famílias domiciliares na origem e também em como estas influenciaram a decisão dos indivíduos a migrar, decidiu-se escolher os casos entrevistados a partir das configurações domiciliares encontradas por meio da análise descritiva. Assim, foram entrevistados chefes de domicílios com os seguintes arranjos: aqueles cujo filho ou filha emigrou; cujo cônjuge ou ex-cônjuge migrou deixando filhos na origem; e também aqueles cujos filhos emigraram deixando netos na origem sob sua responsabilidade (domicílios de geração pulada). Na outra ponta, com relação aos retornados, entrevistaram-se pessoas que, retrospectivamente, no momento da emigração, passaram por processos espelhados, ou seja, retornados que, no momento da emigração deixaram seus filhos com cônjuges ou ex-cônjuges; retornados que, ao emigrar, saíram diretamente da casa dos pais; além de retornados que, ao emigrar, deixaram seus filhos com seus pais.

A ideia inicial era escolher pessoas com esses perfis a partir da mesma amostra de entrevistados com os quais foram realizados os *surveys*. Entretanto, como a pesquisa amostral ocorreu ao longo de dois anos e – como exposto – foram encontrados apenas 50 casos de emigrantes internacionais, o contato com as pessoas desses perfis específicos se mostrou extremamente difícil, sobretudo para os casos mais raros como o de domicílios de gerações puladas. Dessa forma, optou-se por identificar algumas pessoas chave através da amostra inicial que se dispuseram a fornecer contatos de outras com os perfis que se queria segundo método da conveniência, ou bola de neve. Este último é largamente empregado na literatura, especialmente quando a população sob estudo é de difícil enumeração, através de métodos de amostragem probabilística, como as pesquisas domiciliares. (GILBERT, 2001).

Assim, a opção de pesquisa envolveu entrevistas com três pessoas em cada grupo anteriormente enumerado, sendo que em dois grupos foi entrevistada uma pessoa a mais, resultando em 20 entrevistas em profundidade. Para o caso da entrevista em domicílios com emigrantes internacionais, inquiriu-se apenas sobre os chefes de domicílio, com exceção de apenas um domicílio de geração pulada – caso difícil de ser encontrado – em que foi entrevistado o filho de uma emigrante que havia sido criado por sua avó. Neste caso em particular, a avó – chefe de domicílio – não consentiu em dar a entrevista. Em situações como essa, serão feitas ressalvas em relação à comparabilidade com as demais entrevistas de seu grupo.

É importante ressaltar que a escolha de três entrevistados por grupo não seguiu nenhum critério de representatividade estatística com relação à população geral. Ao contrário, optou-se por utilizar o método do contraste: a intenção era ouvir a experiência de pessoas com as mais diversas experiências possíveis. Para cada uma delas foi cedido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, previamente aprovado pelo Comitê de Ética (CAAE: 62773716.7.0000.5149), garantindo o seu completo anonimato. Todos os nomes apresentados nessa dissertação não são os nomes verdadeiros dos entrevistados.

Antes das entrevistas, foi aplicado a cada um dos entrevistados um breve questionário socioeconômico, a partir do qual pudesse ser identificada sua classe social, conforme o

Critério Brasil.<sup>4</sup> As entrevistas tiveram duração média de uma hora, e todas as perguntas do roteiro semiestruturado podem ser encontradas no anexo deste trabalho. As entrevistas com as famílias de emigrantes internacionais eram essencialmente diferentes em seu formato daquelas com retornados internacionais. Em linhas gerais, na primeira inquiriu-se como era a relação da pessoa com o emigrante antes da migração e qual seu papel na tomada da decisão de migrar; como o entrevistado percebia a vida da pessoa no local de destino – questões sobre adaptação; julgamento moral sobre como poupava e gastava dinheiro – e também se havia conflito em relação ao envio de remessas e relações de cuidado; impactos da emigração sobre a rotina da família domiciliar; e, no caso de filhos deixados na origem, como se deu a reorganização do cuidado após a saída da pessoa. Paralelamente, indagou-se aos retornados internacionais como foi o processo de tomada de decisão de emigrar no âmbito da família domiciliar; como era a relação com aqueles deixados na origem; caso houvesse filhos, perguntou-se como se deu a separação das crianças, com quem elas foram deixadas e como era a relação de cuidado à distância; e, finalmente, qual o motivo do retorno e planos futuros.

## **4.2 Métodos de Análise dos Dados**

Os dados coletados a partir do *Survey* e do Censo 2010 foram analisados a partir de testes estatísticos específicos. Já os dados coletados a partir das entrevistas em profundidade foram analisados a partir de técnicas de análise de conteúdo. Nas Seções 4.2.1 e 4.2.2, será feita uma breve explicação dessas duas técnicas de análise de dados.

### *4.2.1 Testes Estatísticos*

A fim de determinar se as distribuições analisadas são estatisticamente diferentes umas das outras, foi utilizado o teste chi-quadrado de independência, para variáveis categóricas. Esse teste é destinado a verificar se a diferença entre duas distribuições é ou não aleatória.

---

<sup>4</sup> O Critério de Classificação Econômica Brasil é destinado a estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, trabalhando especificamente com o conceito de classes econômicas. As pessoas são inquiridas sobre a posse de determinados itens no domicílio e sobre a escolaridade do chefe de domicílio. A cada um dos itens e à escolaridade é atribuída uma pontuação. A soma total dos pontos, em seguida, é utilizada para classificar os domicílios entre as classes A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E.

A hipótese nula do teste é a de que as duas distribuições são estatisticamente independentes. (CAMERON & TRIVEDI, 2005). Já para as variáveis contínuas – razões de dependência – foi utilizado o teste de diferenças de média partindo do pressuposto de variâncias desiguais. Finalmente, para as distribuições que apresentaram valores amostrais muito pequenas em determinadas casas, foi utilizado o teste exato de Fisher.

Para os dados do *Survey* foi calculado, além disso, a estatística DEFF (Design Effect), que mede o impacto do desenho amostral complexo sobre as variâncias das variáveis de interesse. Como apontado, as estatísticas realizadas a partir do *Survey* foram calculadas por meio de amostragem complexa, onde se corrigiu, a partir do peso, o fato de um indivíduo ter maior probabilidade de compor a amostra do que outro. No entanto, para um tamanho de amostra fixa, desenhos agrupados estão sujeitos a maiores erros-padrão. Isso ocorre porque semelhanças tendem a ser maiores, em muitos atributos, entre os membros da mesma sub-unidade geográfica do que entre indivíduos selecionados independentemente da população total. O agrupamento, portanto, subestima a variância da população verdadeira e isso reflete-se nos erros padrões que são maiores, se estimados corretamente, do que aqueles que teriam sido obtidos de uma amostra aleatória simples de mesmo tamanho. (CAMERON & TRIVEDI, 2005).

O efeito líquido de agrupamento, estratificação e ponderação, portanto, é que os erros-padrão destes desenhos amostrais complexos tendem a ser diferentes (menores ou maiores, mas geralmente maiores) do que aqueles de uma amostra aleatória simples. A diferença na precisão das estimativas produzidas por um desenho complexo em relação a uma amostra aleatória simples é conhecida como o efeito do desenho amostral (Deff). O efeito do desenho é a razão entre a variância real, segundo o método de amostragem utilizado, e a variância calculada sob a hipótese de amostragem aleatória simples. Já o teste Deft, que é simplesmente a raiz quadrada do Deff, revela o fator de inflação dos erros padrões obtidos pelo desenho amostral complexo (CAMERON & TRIVEDI, 2005). Para título deste trabalho, todos os valores Deff do *Survey* serão apresentados, com vistas a indicar qual seria o efeito de não se usar o desenho amostral.

#### 4.2.2 Técnica de Análise de Conteúdo

As entrevistas qualitativas foram analisadas segundo a técnica de análise de conteúdo com auxílio do *software* Atlas TI. Em primeiro lugar, todas as entrevistas foram transcritas em sua totalidade. Em seguida, passou-se a um primeiro ciclo de codificação.

Segundo Miles (2014), códigos são rótulos que dão significado simbólico para informações descritivas compiladas durante um estudo. De modo geral, eles são utilizados para categorizar agrupamentos de dados semelhantes de modo que o pesquisador possa rapidamente encontrá-los e relacioná-los com uma pergunta de pesquisa ou hipótese previamente formulada. Os códigos fazem parte, assim, de uma tentativa de condensar as informações de uma pesquisa qualitativa.

Os códigos podem ser, ainda, de vários tipos: descritivos, onde se busca resumir uma frase ou um trecho em um único tópico; *In Vivo*, onde, se coleta exatamente a fala do entrevistado; de emoções, onde se busca apreender a perspectiva do próprio participante sobre um evento qualquer, etc. Os códigos utilizados na pesquisa foram eminentemente de tipo descritivo. Além disso, eles não partiram de uma lista de códigos previamente estabelecida a partir da teoria. Ao contrário, emergiram da própria fala dos participantes. Com isso, a intenção era não se ater simplesmente às variáveis já apontadas pela literatura como importantes para analisar o fenômeno das famílias transnacionais, mas, sim, ter subsídios para confirmar, rejeitar e também construir novas hipóteses.

A partir deste primeiro ciclo de codificações, foram criadas matrizes cujas linhas representavam cada um dos participantes e cujas colunas faziam referência aos temas abordados. As matrizes foram elaboradas separadamente para cada um dos seis grupos de entrevistados, de modo a facilitar a comparabilidade entre pessoas com trajetórias semelhantes. Tais tabelas foram divididas, ainda, entre seis temáticas principais: decisão de emigrar; adaptação no destino; recebimento e uso das remessas ou envio e uso das remessas; cuidado com os filhos; relação conjugal; e planos futuros. A fim de não impactar na fluidez da leitura, essas matrizes de códigos podem ser visualizadas no Anexo 4 deste trabalho.

Frequentemente, na análise qualitativa, é realizada uma primeira rodada de codificação que precede uma segunda rodada destinada a encontrar padrões entre os códigos elaborados. As matrizes, neste caso, ajudaram na visualização desses códigos por temática e, assim, no encontro de padrões entre entrevistados de mesma trajetória no que

tange à emigração internacional. A discussão desses padrões não será feita sob a forma de esquemas conceituais gráficos, mas de narrativa. Ainda que os próprios CADQAS sejam ferramentas úteis na elaboração de esquemas conceituais visuais, optou-se por discutir os padrões encontrados sob a forma de texto. Dessa forma, é possível deixar mais claras as particularidades de cada caso e analisar como estas podem ajudar a explicar os padrões encontrados.

## 5 ANÁLISE DESCRITIVA A PARTIR DO RESULTADO DO CENSO E SURVEY

Neste capítulo, serão discutidas características dos emigrantes internacionais e seus domicílios em Governador Valadares conforme o Censo de 2010 e os resultados do *survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*.

Com o objetivo de facilitar a análise, encontram-se a seguir as tabelas com o número de observações para cada uma das variáveis a serem analisadas, tanto no Censo quanto no *survey*, sem expansão.

Tabela 1 – Número de Observações por Variável Analisada no Censo Demográfico, Governador Valadares, 2010

Variável de Análise	N
Emigrantes Internacionais que Emigraram entre 1980-2010	844
Emigrantes Internacionais que Emigraram entre 2005-2010	424
Emigrantes Internacionais que Emigraram entre 2005-2010 para EUA ou Portugal	357
Domicílios com Emigrantes Internacionais	650
Domicílios sem Emigrantes Internacionais	7319
Domicílios com Emigrantes Internacionais se Primeira Emigração ocorreu a partir de 2005	322
Domicílios com Emigrantes Internacionais se Primeira Emigração ocorreu a partir de 2005 e todos os Emigrantes do Domicílio estão nos EUA ou Portugal	257
Domicílios com Crianças menores de 15 anos e sem Emigrantes Internacionais	3401
Domicílios com Crianças menores de 15 anos e com Emigrantes Internacionais que Emigraram a partir de 2005	126

Fonte: IBGE, 2010

Tabela 2 - Número de Observações por Variável Analisada no Survey *Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce, 2015-2016*

Variável de Análise	N
Migrantes Internacionais Conviventes Totais	162
Retornados Internacionais Totais	135
Retornados Internacionais dos Estados Unidos e Portugal	125
Retornados Internacionais dos Estados Unidos e Portugal entre 2000 e 2010	50
Emigrantes Internos Totais	130
Emigrantes Internacionais Totais	50
Domicílios com apenas Emigrantes Internacionais	30
Domicílios com apenas Emigrantes Internos	189

Fonte: *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce, 2015-2016*

### 5.1 Características dos Emigrantes a partir do Censo 2010 e dos resultados do *survey*

Primeiramente, será realizada uma caracterização geral do estoque como *proxy* para fluxo dos emigrantes internacionais a partir do resultado do Censo 2010. Nesta etapa serão feitas análises sobre o perfil etário e por sexo desses indivíduos, bem como sobre a composição do estoque de emigrantes internacionais por sexo e país de destino, ao longo do tempo. Em seguida, serão discutidos os resultados da amostra especificamente no que diz respeito ao motivo da migração.

#### 5.1.1 Composição Etária e por Sexo dos Emigrantes Internacionais de Governador Valadares a partir do Censo de 2010

É preciso ressaltar a importância de se analisar a emigração valadarense segundo o destino. Enquanto a maior parte dos trabalhos realizados até hoje estão direcionados para uma discussão mais geral sobre este fluxo ou se debruçam somente sobre a emigração rumo aos Estados Unidos, a realidade, principalmente a partir de 1995, mostra-se muito mais complexa. Desde então, verifica-se a diminuição relativa dos EUA como destino e o concomitante aumento relativo de Portugal e outros países. O que nos revela o Censo de 2010 é que naquele ano, 26,96% da emigração valadarense tinha como destino

Portugal, e tal percentual é resultado de uma ascensão gradual a partir de 1995, conforme revela a Tabela 1:

Tabela 3- Proporção de Emigrantes Internacionais por País de Destino, segundo Quinquênio da Emigração, Governador Valadares, Brasil, 1980-2010

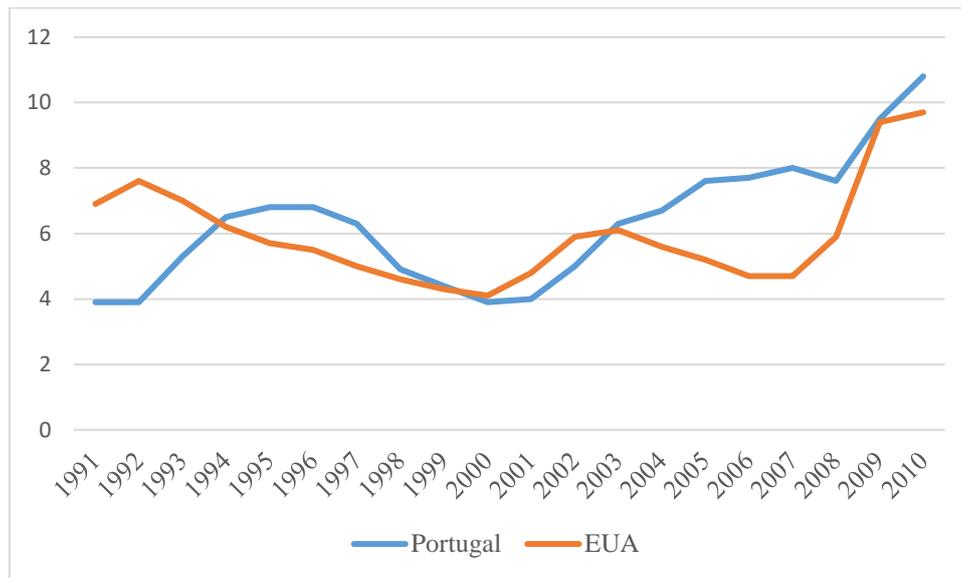
<b>Quinquênio</b>	<b>1980-1984</b>	<b>1985-1989</b>	<b>1990-1994</b>	<b>1995-1999</b>	<b>2000-2004</b>	<b>2005-2010</b>
Destino dos Emigrantes	Percentual (%)					
Estados Unidos	100	95,75	90,36	74,01	68,81	60,36
Portugal	0	4,25	3,77	14,91	23,79	26,96
Outros	0	0	5,87	11,08	7,4	12,68
Total	100	100	100	100	100	100
N=844						

Fonte: IBGE, 2010

O principal motivo apontado na revisão da literatura para a diversificação dos fluxos migratórios era o enrijecimento das fronteiras estadunidenses a partir dos anos 2000. Entretanto, nota-se que mesmo no quinquênio anterior a proporção de pessoas que foram aos Estados Unidos já havia se reduzido em 16,35%, dando lugar a outros destinos, indicando uma mudança nas preferências que precede os atentados de 11 de setembro. Uma possível explicação para esse comportamento é a Reforma da Imigração Ilegal e Ato da Responsabilidade do Imigrante de 1996, que, entre outras coisas, estabeleceu que pessoas que estivessem residindo ilegalmente nos Estados Unidos por mais de 365 dias seriam proibidas de ingressar no país pelos próximos 10 anos. Esse início de enrijecimento na política imigratória, que veio a se consolidar apenas nos anos 2000, pode ser um dos fatores potenciais que ajudam a explicar o começo da diversificação da emigração valadarense rumo a outros países, em especial Portugal.

Concomitantemente, há que se levar em conta fatores econômicos. Para o caso espanhol – já mais reportado devido à sua significância também para outros países da América Latina – a imigração econômica de países como Equador, República Dominicana e Cuba começa a ganhar mais expressividade a partir de 1990, especialmente a partir de 1997 – período que coincide com o analisado no caso brasileiro para Portugal (ROSAS & GAY, 2015). Entre outros fatores responsáveis por essa primeira expansão, destaca-se a redução das taxas de desemprego observadas na Espanha no mesmo período. Analisando comparativamente as taxas de desemprego entre Estados Unidos e Portugal de 1980 a 2007 tem-se a Figura 3:

Figura 1 - Taxas de Desemprego Anuais, Estados Unidos e Portugal, 1991-2010



Fonte: Banco Mundial, 2016

De fato, ressalta-se uma grande diferença entre as taxas de desempregos nos dois países no primeiro quinquênio dos anos 90, principalmente até 1993, quando Portugal apresentava índices significativamente menores do que os norte-americanos. Uma hipótese é que esse diferencial possa ter tido efeito, com um *lag* de aproximadamente dois anos, de diversificar os fluxos a partir de 1995. Assim, o fator econômico pode contribuir para explicar a diversificação dos fluxos mesmo antes do enrijecimento das fronteiras estadunidenses nos anos 2000. Como ressalta Bógus (2007), se no início dos anos 1990 a emigração brasileira para Portugal era bastante qualificada, comparada com outros grupos de imigrantes, no final da década, ela já tem contornos semelhantes àquela rumo aos Estados Unidos: a maior parte dos brasileiros trabalhava na construção civil, restaurantes, hotéis e em serviços domésticos.

Por outro lado, é importante atentar para o fator essencial de interpretação do quesito de 2010, já ressaltado no Capítulo 4: as pessoas que emigraram internacionalmente e retornaram antes da data do Censo simplesmente não são captadas pela pergunta. Se há alguma seletividade da propensão a retornar por ano da emigração, essas proporções podem sofrer mudanças. Assim, é possível, por exemplo, que as pessoas que emigraram aos Estados Unidos a partir de 1995 estejam mais propensas a retornar do que as que emigraram anteriormente – as quais podem, por exemplo, haver se beneficiado da lei de anistia de 1982. Elas, dessa forma, não teriam sido captadas pela pergunta do Censo,

dando a falsa impressão de que a proporção de emigrantes aos Estados Unidos diminuiu nesse período. Por isso, é importante ressaltar que o que pode ser analisado a partir do quesito do Censo de 2010 é uma diversificação do estoque de emigrantes segundo destino a partir de 1995. Guardadas as considerações anteriores, nota-se, portanto, que não é mais possível pensar em termos de emigração valadarense somente rumo aos Estados Unidos. Entre outros destinos de valadarenses figurados no Censo 2010, encontram-se Escócia e Inglaterra. Como as proporções de emigrantes para ambos os países somam juntas apenas 4,01%, optou-se por trabalhar apenas com as especificidades de emigrantes aos Estados Unidos e a Portugal.

Dadas as especificidades das políticas imigratórias dos EUA e Portugal, é importante salientar as diferenças entre os dois fluxos migratórios. A primeira caracterização importante a ser feita é a do perfil etário e por sexo dos emigrantes valadarenses para esses dois destinos. Conforme discutido anteriormente, a hipótese era a de que o regime migratório de Portugal, marcado por facilidades de entrada e também de reunião familiar para brasileiros, impulsionasse a emigração de mulheres e crianças – diferentemente do regime migratório estadunidense, que estimulava uma travessia por vias terrestres altamente cara e arriscada. A seguir estão apresentados os resultados do teste chi-quadrado de independência para a distribuição por sexo – Tabela 4 – e do teste de diferença de médias com pressuposto de variâncias desiguais – Tabela 5. Os resultados confirmam em parte as premissas levantadas na discussão da literatura, sendo que as diferenças do perfil etário e sexo entre os migrantes para os dois destinos são estatisticamente significativas.

Tabela 4-Distribuição por Sexo dos Emigrantes Internacionais, segundo Destino, entre 2005 e 2010, Governador Valadares, Brasil

<b>Destino dos Emigrantes</b>	<b>Estados Unidos</b>	<b>Portugal</b>
Sexo	Percentual (%)	
Mulher	42,86	52,37
Homem	57,14	47,63
Total	100	100

P = 0,0962\*

N=357

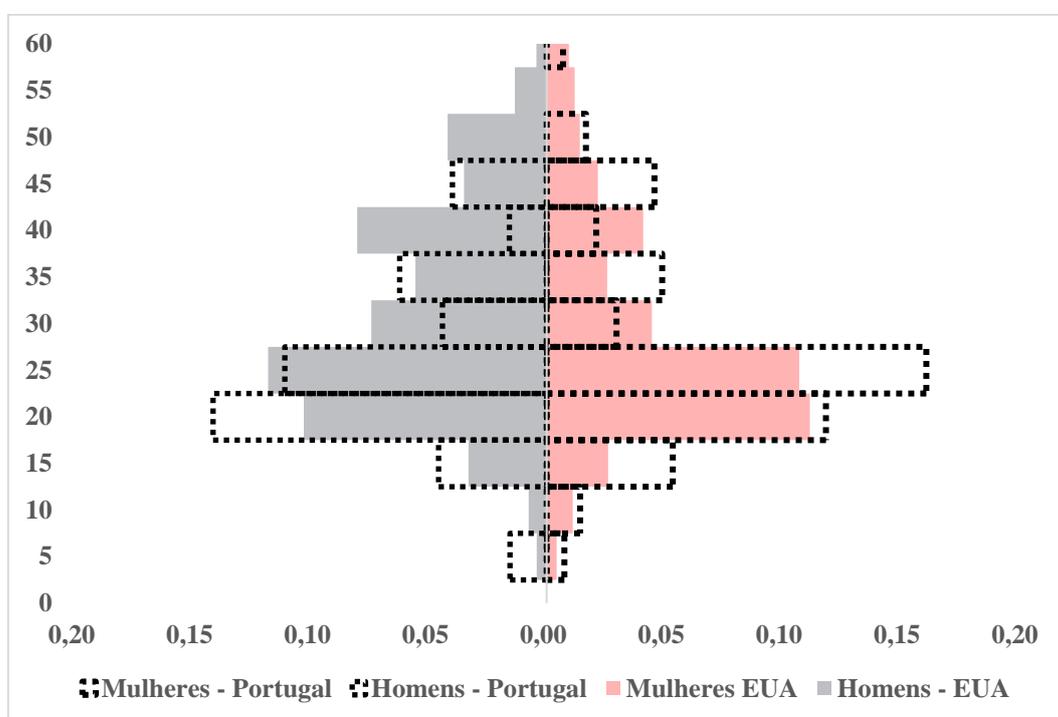
Fonte: IBGE, 2010

Tabela 5 - Idade Média ao Migrar, Segundo Destino, entre 2005 e 2010, Governador Valadares, Brasil

Destino dos Emigrantes	Idade Média	Erro Padrão
Estados Unidos	31,74249	0,7696485
Portugal	28,32258	0,8932351

Pr (t)= 0,0040\*\*\*  
N=357

Figura 2 - Distribuição por Sexo e Etária ao Migrar dos Emigrantes Internacionais, segundo Destino, entre 2005-2010, Governador Valadares, Brasil.



Fonte: IBGE, 2010

Assim, considerando os dados censitários, confirma-se a hipótese levantada ainda na revisão da literatura de que há maior proporção de mulheres, que emigraram no último decênio, em Portugal do que nos Estados Unidos. Além disso, a diferença entre a idade média a migrar para os dois destinos também foi significativa. As pessoas que emigram a Portugal se mostraram, em média, mais jovens do que aquelas que emigram para os Estados Unidos. Contribui para isso o fato de as coortes de 15-19 anos e 20-24 anos emigrarem mais para Portugal do que para os Estados Unidos, proporcionalmente, e também a representatividade do grupo de homens de 40-45 anos que vai rumo aos Estados

Unidos. Em realidade, é surpreendente a proporção de pessoas que emigram nessa faixa etária e pressupõem-se que este tipo de emigração gere arranjos de cuidado específicos na origem: muito provavelmente são pessoas que já passaram pela transição para paternidade, e – dada a preponderância dos homens – seria de se supor que isso resultasse em arranjos monoparentais no Brasil. Com o objetivo de conhecer se há diferença na migração familiar para os dois destinos, os emigrantes foram agrupados pela idade ao migrar em quatro grupos: crianças – de 0 a 14 anos; jovens – de 15 a 19 anos; adultos – de 20 a 59 anos; e idosos – de 60 anos a mais, comparando as duas distribuições a partir do teste de independência. O resultado está disposto na Tabela 6:

Tabela 6 - Distribuição dos Emigrantes Internacionais por Idade ao Migrar, segundo Destino, entre 2005-2010, Governador Valadares, Brasil.

<b>País</b>	<b>Estados Unidos</b>	<b>Portugal</b>
Idade	Frequência (%)	
Criança	2,7	3,72
Jovem	5,93	9,93
Adulto	89,99	85,65
Idoso	1,37	0,7
Total	100	100
N= 357		
P = 0,4625		

Fonte: IBGE, 2010

Assim, nota-se que, apesar de haver maior proporção de crianças e jovens emigrando para Portugal do que para os Estados Unidos, a diferença não é estatisticamente significativa. Isso indica que em ambos os casos ou as pessoas fazem a transição para paternidade após a emigração ou deixam as crianças na origem, sob a responsabilidade de outros responsáveis. Além disso, é notável que possa haver uma subestimação de crianças através do quesito do censo brasileiro. Essa possível subestimação foi apontada por Campos (2014), que comparou a informação do quesito do censo do Brasil com aquela obtida através dos censos de países estrangeiros. Segundo o autor, o Censo 2010 tendeu a subestimar tanto as crianças quanto os idosos para a maior parte dos destinos analisados. (CAMPOS, 2014). Essa subestimação é, provavelmente, proveniente do fato de que tanto as crianças quanto os idosos migram acompanhados do resto da família, não restando nenhuma pessoa na origem para reportar a emigração. Portanto, é difícil estimar ao certo qual a proporção de crianças que de fato emigra internacionalmente. Entretanto, é possível pressupor que tal proporção não seja substancialmente diferente entre Estados Unidos e Portugal, como revela o teste chi-quadrado.

Assim, uma das hipóteses levantada na revisão da literatura não se confirmou. Apesar das facilidades de reunião familiar em Portugal, é muito provável que os custos de levar uma criança sejam também muito elevados – tanto no que diz respeito à viagem em si, quanto no que se refere aos arranjos de cuidado no destino, uma vez que o suporte social em um país estrangeiro é menor.

Conclui-se, assim, que há menor probabilidade de migração familiar para ambos os países, não havendo diferenças significativas entre eles. Confirmando a hipótese inicial, entretanto, observou-se maior proporção de mulheres no país europeu no último decênio. Esta estimativa, entretanto, é de estoque e não de fluxo. De fato, a composição por sexo dos retornados, segundo a amostra, é bastante diferente da composição por sexo do estoque de emigrantes valadarenses, mesmo levando-se em conta o destino, como revelam os resultados da Tabela 5.

Tabela 7- Distribuição por Sexo dos Retornados Internacionais, segundo Origem, Governador Valadares, 2015-2016

<b>Sexo</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
Origem	Percentual (%)	
Estados Unidos	71,55	28,45
Portugal	62,77	37,23
Total	100	100
P= 0,33		
Deff: 0,97		
N= 125		

Fonte: Dados do *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2015-2016

Aparentemente, a Tabela 7 revela que há uma seletividade dos retornados por sexo. A seletividade do retorno por sexo também foi apontada por SOUZA (2016), que indica, analisando a informação de data-fixa do Censo 2010, que os homens retornaram em muito maior número do que as mulheres no último quinquênio, tanto dos Estados Unidos, quanto de Portugal – entre 2005 e 2010. Entretanto, há que se levar em conta que os retornados internacionais foram tomados sem levar em consideração o ano de emigração. Como nas primeiras décadas os homens emigraram mais do que as mulheres, pode ser que isso esteja enviesando a proporção dos que retornaram. Se existe de fato uma seletividade do retorno da emigração, entretanto, é preciso analisar com ressalvas as medidas de estoque captadas pelo quesito da emigração internacional em 2010. Caso os homens tenham maior propensão a retornar, então, pode ser que a sua proporção no fluxo esteja sendo subestimada nas medidas de estoque: como muitos foram e retornaram ainda

no quinquênio 2005-2010 há, em realidade, um fluxo mais masculino do que imaginado, já que eles não estão sendo captados na pergunta sobre emigração internacional. Quando se tomam os retornados internacionais da última década, encontra-se o mesmo quadro: homens retornando mais do que mulheres, tanto dos Estados Unidos quanto de Portugal.

Tabela 8 - Retornados de Última Etapa entre 2000 e 2010, segundo Sexo, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

<b>Sexo</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
Origem	Percentual (%)	
Estados Unidos	68,04	31,96
Portugal	58,11	41,89
Total	100	100

P= 0.4359

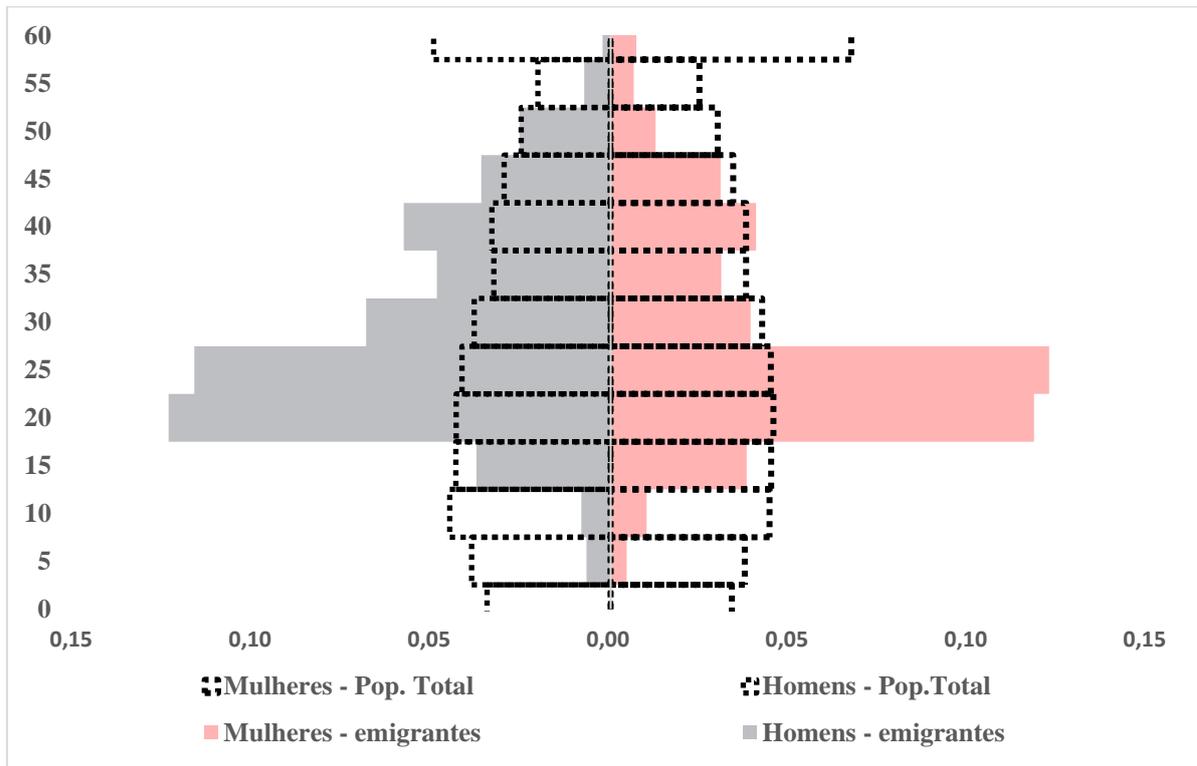
Deff: 0.76

N= 50

Fonte: Resultados do *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2015-2016

Tecidas as considerações sobre o retorno, pode-se afirmar que tanto o estoque quanto o fluxo de homens nos Estados Unidos são provavelmente maiores do que os de mulheres. No caso português, por sua vez, o estoque de mulheres é maior, mas dado que retornam mais homens (ainda que em menor proporção do que nos Estados Unidos), resta a dúvida sobre a real seletividade por sexo deste fluxo, apesar de muito provavelmente ser mais feminino do que o norte-americano. Isso pode ser explicado não apenas pelas dificuldades da travessia estadunidense, mas por uma especificidade do mercado de trabalho europeu, que presencia uma crescente demanda por mulheres em atividades de cuidado com idosos e crianças. Fica claro, ainda, que a distribuição etária da população que vive no exterior ao emigrar é bastante diferente daquela da população total, concentrando-se muito nas idades ativas. Além disso, a partir dos 30 anos, observa-se que os homens emigram mais do que as mulheres, provável efeito da transição para a maternidade que atinge mais as mulheres do que os homens à origem. A comparação entre a distribuição etária ao emigrar no último quinquênio e a distribuição da população geral pode ser visualizada na Figura 7:

Figura 3- Pirâmide Etária da População Total em 2010 e da População ao Emigrar entre 2005-2010, Governador Valadares, Brasil

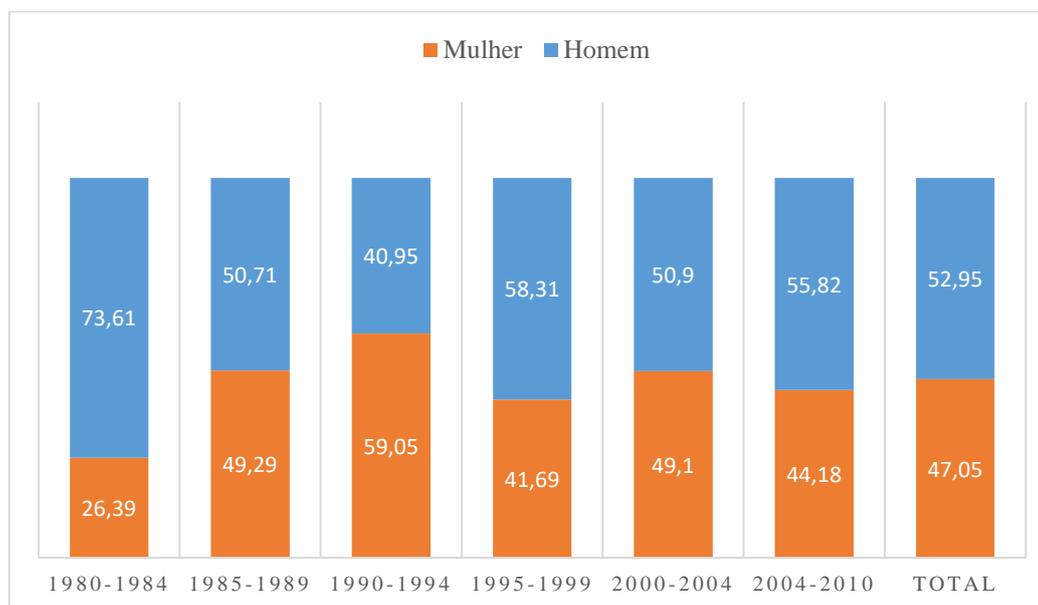


Fonte: IBGE, 2010

Concluindo, percebe-se que o estoque de emigrantes internacionais de Governador Valadares é, em linhas gerais, equilibrado por sexo e concentrado nas idades ativas, tendo os homens preponderância sobre as mulheres a partir dos 30 anos. É difícil saber – levando em conta o retorno – qual a real proporção por sexo do fluxo em sua totalidade, considerando-se os dois destinos, mas há indícios de que a emigração recente seja mais masculina nos Estados Unidos do que em Portugal. Ainda que haja uma proporção de crianças emigrantes, há sinais de que esse número seja muito pequeno, mesmo levando em conta a subestimação, indicando que as pessoas fazem a transição à maternidade após a emigração ou que os mais jovens são deixados no destino.

Resta saber até que medida as considerações tecidas por Weber (2002) e Fusco (2005) estavam corretas no que tange à feminização da emigração valadarense entre 1985 e 1995, levando em conta os resultados obtidos a partir do quesito do Censo de 2010. Os resultados podem ser visualizados a partir da Figura 8:

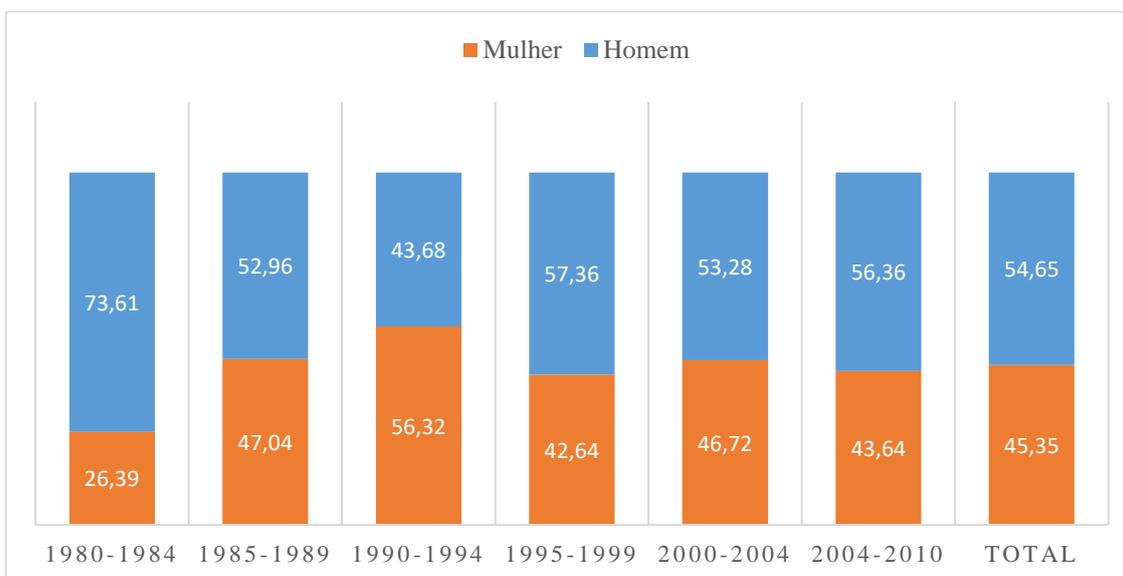
Figura 4 - Composição por Sexo, segundo Quinquênio da Emigração, dos Emigrantes Internacionais, Governador Valadares, Brasil



Fonte: IBGE, 2010

O que o gráfico revela é um resultado surpreendente. Se Weber (2002) e Fusco (2005) estavam corretos ao afirmar que o fluxo se feminizara até início dos anos 90, o que o quinquênio de 1995-1999 revela é que há uma masculinização do estoque de emigrantes, tornando-o bastante equilibrado desde então, com pequenas oscilações. É interessante notar que o período em que a emigração se masculinizou coincide com o mesmo período em que houve a diversificação dos destinos escolhidos pelos valadarenses. A fim de saber se essa mudança na razão de sexo poderia ser efeito da emigração para Portugal, foi realizada a mesma comparação longitudinal, desta vez levando em conta apenas a emigração aos Estados Unidos.

Figura 5 - Composição por Sexo por Quinquênio da Emigração Internacional, para os Estados Unidos, Governador Valadares, Brasil



Fonte: IBGE, 2010

Revela-se, assim, um resultado muito semelhante àquele geral, indicando que também para os Estados Unidos o estoque se masculinizou a partir de 1995, sendo hoje bastante equilibrado. Essa masculinização, que não coincide com o período de enrijecimento das fronteiras norte-americanas, poderia estar relacionado a mudanças específicas no mercado de trabalho de origem e destino, ponto que poderia ser explorado em trabalhos futuros. Entender qualitativamente a migração e o retorno de homens e mulheres é essencial para a compreensão destes fenômenos e por isso a seção 5.1.2 será destinada a explorar as motivações a migrar e a retornar dos emigrantes e dos retornados internacionais a partir dos resultados do *Survey*.

### 5.1.2 *Motivação a Migrar a Partir dos Resultado do Survey*

Como explicado no Capítulo 4, o questionário da amostra era formado por duas partes: uma destinada às informações sobre as pessoas que atualmente moram em outro país ou município, e outra destinada às informações sobre as pessoas que já residiram no exterior ou em outra cidade – imigrantes conviventes. Serão analisadas, a seguir, a pergunta de ‘por que emigrou’, com relação aos emigrantes atuais, e as perguntas ‘por que emigrou’ e ‘por que retornou’, aos retornados internacionais.

A pergunta ‘por que migrou’ no questionário era aberta, e os motivos dados foram categorizados em cinco áreas principais, elaboradas a partir das próprias respostas: ‘reunião familiar’; ‘aquisição de imóvel’; ‘casamento’; ‘trabalho’; ‘estudo’; ‘divórcio’; ‘outros’. A principal ressalva a se fazer a essa pergunta é que ela é indireta – pergunta-se ao outro por que o indivíduo emigrou, o que pode não fazer jus ao que o emigrante apontaria como motivação principal. A segunda ressalva é que, ao delimitar apenas um motivo, escondem-se decisões altamente complexas que podem incluir uma miríade de razões. Essa tomada de decisões será melhor analisada no capítulo 6, a partir das entrevistas em profundidade. Na tabela 9 está disposto o teste exato de Fisher, utilizado devido ao pequeno número de casos em cada categoria.

Tabela 9 - Motivo da Migração Segundo Destino, Emigrantes Internos e Internacionais, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

<b>Destino</b>	<b>Emigrantes Internos</b>	<b>Emigrantes Internacionais</b>
Motivo da Migração	Percentual (%)	
Reunião Familiar	3,88	8,13
Aquisição de Imóvel	3,94	0
Casamento	26,56	10,91
Trabalho	42,11	69,09
Estudo	12,35	7,76
Divórcio	2,31	0
Outros	8,86	4,11
Total	100	100

Fisher's exact test: 0,013\*\*

Deff=0,7570

N= 180

Fonte: Dados do *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2015-2016

É possível perceber que os motivos da emigração interna são de natureza muito distinta daqueles da emigração internacional. A diferença entre as duas distribuições é significativa a um nível de 5% e o teste Deff revela que é necessário utilizar o desenho amostral.

De modo geral, trabalho e reunião familiar figuraram como uma motivação mais comum entre as pessoas que emigraram internacionalmente. Por outro lado, as categorias “estudo”, “divórcio” e “casamento” apareceram com mais frequência entre aqueles que emigraram internamente. Infere-se desse resultado que a emigração internacional de Governador Valadares é majoritariamente para trabalho no exterior e não estudo ou casamento – característica essa já largamente ressaltada na literatura. A partir da Tabela

10, buscou-se entender se as motivações apontadas por homens e mulheres que emigraram internacionalmente eram diferentes.

Tabela 10- Motivo da Migração Segundo Sexo, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

<b>Sexo</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Motivo do Retorno	Percentual (%)	
Reunião Familiar	4,35	11,91
Casamento	4	17,8
Trabalho	87,45	50,77
Estudo	0	15,5
Outros	4,2	4,02
Total	100	100

Fisher's exact test= 0,048\*\*

Deff=0,1016

N= 50

Fonte: Dados do *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2015-2016

Mais uma vez, o teste de independência de Fisher entre as duas distribuições se mostrou significativo. Como seria de se esperar, as mulheres mostram que emigraram mais por motivos de casamento, reunião familiar e estudo, enquanto que cerca de 90% dos homens emigraram por motivos de trabalho. Nesse caso, entretanto, é importante ter em mente o fato de a pergunta ser indireta. Dados os estereótipos de gênero, é possível que uma emigração que seja, para a mulher, por motivos de trabalho e para acompanhar o marido, acabe sendo reportada simplesmente como reunião familiar, enquanto que no caso de um homem na mesma situação, o entrevistado tenha dito que a motivação principal era trabalho.

A mesma análise foi feita tendo como base os retornados internacionais, que somam 135 casos. Há que se levar em conta que as motivações das pessoas que atualmente são emigrantes e as motivações das pessoas que foram e retornaram podem ser diferentes por razões também de seletividade: pessoas que emigraram por motivos de reunião familiar podem ser mais propensas a retornar, por exemplo. Por isso, esses resultados não foram simplesmente somados aos anteriores, mas dispostos e analisados separadamente.

Tabela 11- Motivo da Emigração Internacional Segundo Sexo, Retornados Internacionais, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

Sexo	Homens	Mulheres
Motivo da Emigração	Percentual (%)	
Reunião Familiar	8,13	8,25
Casamento	69	59,19
Trabalho	0,72	0
Estudo	14,26	21,93
Outros	0,69	0
Total	100	100

Fisher's exact test= 0,637

Deff=0,4180

N= 135

Fonte: Dados do *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2015-2016

Neste caso, o teste de Fisher não se mostrou significativo, ainda que o tamanho amostral fosse maior. Isso revela que, entre os retornados, as motivações para emigrar são as mesmas entre homens e mulheres. Isso pode ser, entretanto, resultado de um problema de seletividade. As mulheres que foram por motivos de trabalho, por exemplo, poderiam estar mais propensas a retornar por oscilações no mercado de trabalho, enquanto que aquelas que foram para acompanhar familiar têm maior estabilidade no destino.

Resta saber por que, aparentemente, os homens retornam mais do que as mulheres, especialmente no caso norte-americano. Uma das hipóteses é a de que é muito provável que os homens se separem mais frequentemente dos seus núcleos familiares (cônjuge e filhos) ao emigrar, tal como será explorado mais adiante. Nesse caso, eles teriam motivos mais fortes para retornar. Por outro lado, as mulheres tendem a casar e ter filhos no destino, o que as mantêm mais atadas ao país estrangeiro. Ainda que muitas deixem filhos na origem, é improvável que emigrem sem o cônjuge, o que reduz suas motivações para retornar. Somando isso ao resultado anterior, segundo o qual as mulheres emigram mais por motivos de reunião familiar do que os homens, tem-se que elas estariam, por definição, menos suscetíveis a oscilações de taxas de desemprego, simplesmente porque a sua principal motivação não era trabalho. O que se percebe, entretanto, é que entre aquelas que retornaram o motivo trabalho é muito mais frequente do que dentre as que estão lá. Isso é um indicativo de que as mulheres que emigram para trabalho têm mais chance de voltar do que as que emigram para acompanhar ou se reunir a um familiar no destino.

Entre os que retornaram, o motivo do retorno é ainda o mesmo entre os sexos e está, em sua maior parte relacionado a questões familiares ou a problemas financeiros – falta de trabalho, crise e dificuldade financeira. Neste caso, tomaram-se os migrantes internacionais conviventes, ou seja, também aqueles nascidos no estrangeiro e que imigraram ao Brasil. Como as respostas coletadas eram muito objetivas, ainda que abertas, mostrou-se muito difícil fazer uma análise apenas a partir dessa informação. O aprofundamento dessas relações será feito, posteriormente, através da análise qualitativa.

Tabela 12- Motivo do Retorno, Segundo Sexo, Retornados Internacionais, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

Sexo	Homens	Mulheres
Motivo do Retorno	Percentual (%)	
Motivo Familiar	58,68	61,09
Trabalho	7,04	6,05
Casamento	3,75	0
Estudos	1,66	0
Deportação	1,28	0
Dificuldade Financeira	2,66	1,59
Crise Financeira	4,85	2,63
Outros	1,6	1,65
Total	100	100

Fisher's exact test= 0,927

Deff=0,8897

N= 162

Fonte: Dados do *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2015-2016

Embora fosse importante controlar o motivo do retorno e da migração pelo *timing* do retorno e da emigração, a amostra não se mostrou suficientemente grande para tanto: havia apenas 16 observações de pessoas que emigraram antes de 2005, o que não permitia verificar a distribuição dos motivos em termos longitudinais.

Dada esta primeira caracterização, tanto em termos de composição quanto em termos de motivação da emigração, prosseguir-se-á com a análise demográfica dos domicílios na origem. A intenção é buscar indícios, a partir do Censo 2010, de como se dão os arranjos familiares na origem resultantes da emigração internacional.

## 5.2 Características Demográficas dos Domicílios com Emigrantes Internacionais

Apesar das limitações nos dados censitários apontados no Capítulo 4, será realizada uma tentativa de aproximação com as informações disponíveis, buscando padrões que possam dar indícios – e não afirmações conclusivas – de como estão estruturadas as famílias domiciliares na origem daqueles que emigraram.

Optou-se por dividir os domicílios primeiramente entre aqueles com e sem emigrantes internacionais, e depois entre aqueles com todos os emigrantes para Portugal e domicílios com todos os emigrantes para os Estados Unidos. Excluem-se da segunda estratégia aqueles domicílios com emigrantes para Portugal e Estados Unidos. A partir dessa estratégia, encontramos as configurações migratórias nos domicílios conforme a Tabela 13.

Tabela 13 - Configuração Migratória dos Domicílios com ao menos um Emigrante Internacional, Governador Valadares, Brasil, 2010

<b>Destino dos Emigrantes Internacionais no Domicílio</b>	<b>Percentual (%)</b>
Todos os Emigrantes em Portugal	24,47
Todos os Emigrantes nos Estados Unidos	70,27
Um ou mais Emigrantes em Países Diferentes	5,26
Total	100
N=650	

Fonte: IBGE, 2010

Pode-se constatar a partir da Tabela 13 que, em sua maior parte (70,3%), os domicílios com ao menos um emigrante internacional têm todos os emigrantes vivendo nos Estados Unidos e que apenas 5,26% destes mesmos domicílios têm emigrantes vivendo, simultaneamente, em dois destinos diferentes – seja Estados Unidos e Portugal, seja em outros destinos. Fica claro desta forma o efeito das redes familiares, que, de modo geral, direcionam todas as pessoas da mesma família domiciliar para o mesmo país.

Feita essa ressalva, o primeiro esforço no sentido de entender os arranjos domiciliares da origem foi verificar qual era a composição dos domicílios com e sem emigrantes internacionais. Para tanto, utilizou-se a classificação de Wajzman (2010), conforme exposto no Capítulo 4. Os resultados podem ser visualizados nas Tabelas 14 e 15:

Tabela 14-Tipo de Arranjo Domiciliar, segundo Presença de Emigrante Internacional, se primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010

Presença de Emigrante Internacional	Sem Emigrante Internacional	Com Emigrante Internacional
Tipo de Arranjo Domiciliar	Percentual (%)	
Monoparental	12,98	26,21
Casal Sem Filhos	13,63	10,67
Casal Com Filhos	39,69	22,86
Unipessoal	12,24	8,96
Estendido	17,45	30,52
Não Familiar	1,05	0
Convivente	1,37	0,78
Coletivo	1,58	0
Total	100	100

P= 0,000\*\*\*

N= 7641

Fonte: IBGE, 2010

Tabela 15-Tipo de Arranjo Domiciliar, segundo Destino dos Emigrantes Internacionais no Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010

Destino dos Emigrantes Internacionais	Estados Unidos	Portugal
Tipo de Arranjo Domiciliar	Percentual (%)	
Monoparental	28,39	21,57
Casal Sem Filhos	11,45	7,09
Casal Com Filhos	20,93	30,13
Unipessoal	10,11	5,41
Estendido	29,11	33,98
Não Familiar	0	0
Convivente	0	1,82
Coletivo	0	0
Total	100	100

P= 0,1406

N= 239

Fonte: IBGE, 2010

O que se percebe, a partir da significância do teste de independência exposto na Tabela 14, é que há uma diferença fundamental entre os tipos de famílias domiciliares, mais comuns entre domicílios com e sem emigrantes internacionais. De modo geral, os domicílios sem emigrantes internacionais são predominantemente compostos por casais com filhos. Os domicílios com emigrantes internacionais, por outro lado, são compostos por casais com filhos em muito menor proporção e caracterizados por uma maior prevalência de arranjos estendidos ou monoparentais. Ao contrário do que apontou Fusco (2005), acredita-se que a maior prevalência de arranjos estendidos não seja causa da

emigração por maior oferta de parentes. A hipótese principal desta pesquisa é a de que, em realidade, a emigração gera mudanças estruturais no domicílio, que requerem o rearranjo dos sistemas de cuidado, seja com crianças ou seja com idosos. Assim, por exemplo, é comum, conforme será demonstrado por meio das entrevistas qualitativas, que as crianças filhas de emigrantes sejam deixadas ou com a mãe – o que resulta em arranjos monoparentais – ou com as tias e avós – o que resulta em arranjos estendidos. Além disso, como será discutido adiante, os domicílios com emigrantes internacionais são, muitas vezes, mais envelhecidos do que aqueles sem emigrantes. Essa característica representa um viés de seletividade: a emigração surge como uma etapa do ciclo de vida do jovem, que deixa a casa dos pais para emigrar para outro país. Na origem, ele deixa pais idosos que no Brasil, como já demonstrado por Wajnman (2010) e Camarano (2014), frequentemente residem com outros filhos e seus respectivos núcleos familiares, também resultando em arranjos estendidos. Assim, ainda que o tipo de arranjo domiciliar forneça pistas importantes sobre as configurações resultantes da emigração, ele não é suficiente para pensar no quadro completo, o que torna necessário dar prosseguimento a uma caracterização mais detalhada. Finalmente, conforme apontado pela Tabela 15, as diferenças nas distribuições entre domicílios com emigrantes em Portugal e domicílios com emigrantes nos Estados Unidos não são significativas.

Ainda que o Censo não contasse com uma pergunta similar sobre migração interna – ‘Alguém que residia neste domicílio reside atualmente em outro município?’ –, a amostra do *Survey* continha um quesito deste tipo. Isso permite realizar uma comparação entre os arranjos daqueles domicílios com emigrantes internacionais e daqueles com emigrantes internos, ainda que o número limitado de dados nesse caso não permita fazer uma seleção apenas a partir do último quinquênio. Dessa maneira, é possível perceber se a configuração se deve, simplesmente, à migração geral ou à migração internacional em particular. O que a Tabela 16 revela é que a migração internacional tem particularidades que resultam em configurações domiciliares essencialmente diferentes daquelas em domicílios com migrantes internos:

Tabela 16-Tipo de Arranjo Domiciliar, Segundo Tipo de Emigrante no Domicílio, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

Tipo de Emigrante no Domicílio	Com Emigrante Internacional	Com Emigrante Interno
Tipo de Arranjo Domiciliar	Percentual (%)	
Monoparental	32,84	15,85
Casal Sem Filhos	13,06	15,86
Casal Com Filhos	7,06	29,34
Unipessoal	3,07	9,82
Estendido	43,97	27,51
Convivente	0	1,63
Total	100	100

Fisher's exact test= 0,017 \*\*

N= 219

Fonte: Dados Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce, 2015-2016

Percebe-se, assim, que os domicílios com emigrantes internacionais têm maior incidência de arranjos estendidos e monoparentais, enquanto os domicílios com emigrantes internos têm configurações que parecem ser mais fruto das transições usuais do ciclo de vida: filhos emigram e deixam casais sem filhos, casais com filhos e domicílios unipessoais na origem. Por que, então, os domicílios com emigrantes internacionais se tornam, em geral, monoparentais ou estendidos? Em primeiro lugar, a emigração internacional gera mais casos de cônjuges que se separam, enquanto que na emigração interna esse arranjo é muito mais raro. Em segundo lugar, a emigração internacional leva à separação das crianças de seus pais – que, internamente, seriam *tied movers*<sup>5</sup> – e, conseqüentemente, a configurações em que essas crianças passam a viver com avós ou outros adultos responsáveis. Essas hipóteses serão exploradas com mais detalhes a partir de outros indicadores a seguir.

A fim de pensar a relação entre emigração e envelhecimento do domicílio, foram calculadas, ainda, as razões de dependência dos domicílios conforme experiência migratória e também conforme destino dos emigrantes. Foi calculado o teste de diferença de média para as duas distribuições, partindo do pressuposto de variâncias desiguais. Os resultados estão dispostos nas Tabelas 17, 18, 19 e 20.

<sup>5</sup> "Tied movers participate in [geographic] moves that result in a net loss for themselves but positive net returns for the family." (POLLAK & COMPTON, 2007).

Tabela 17 - Razão de Dependência Jovem por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil

<b>Tipo de Domicílio</b>	<b>Média</b>
Domicílio Com Emigrante Internacional	0,3430741
Domicílio Sem Emigrante Internacional	0,3800213

Pr(t) = 0,2820

N=7641

Fonte: IBGE, 2010

Tabela 18-Razão de Dependência Idosa por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil

<b>Tipo de Domicílio</b>	<b>Média</b>
Domicílio Com Emigrante Internacional	0,260500
Domicílio Sem Emigrante Internacional	0,112253

Pr(t)= 0,000\*\*\*

N=7641

Fonte: IBGE, 2010

Tabela 19-Razão de Dependência Idosa por Destino dos Emigrantes Internacionais do Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil

<b>Tipo de Domicílio</b>	<b>Média</b>
Domicílio Com Emigrantes em Portugal	0,3004440
Domicílio Com Emigrante nos EUA	0,2155481

Pr(t)= 0,2637

N=239

Fonte: IBGE, 2010

Tabela 20-Razão de Dependência Jovem por Destino dos Emigrantes Internacionais do Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil

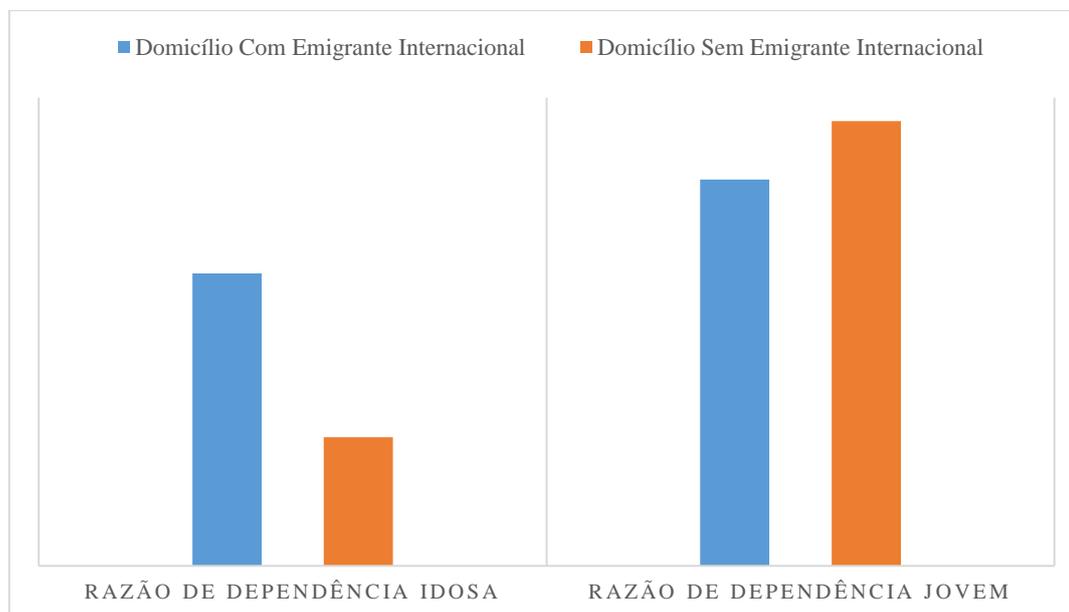
<b>Tipo de Domicílio</b>	<b>Média</b>
Domicílio Com Emigrantes em Portugal	0,438963
Domicílio Com Emigrante nos EUA	0,3261745

Pr(t)= 0,1589

N=239

Fonte: IBGE, 2010

Figura 6 - Razão de Dependência por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio, se Primeira Migração Internacional do Domicílio ocorreu a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil



Fonte: IBGE, 2010

Em relação aos domicílios com e sem emigrantes internacionais, percebe-se que há uma diferença, estatisticamente significativa, entre as razões de dependência idosa, tal como exposto na tabela 18 na figura 6. É notável que os domicílios com emigrantes internacionais sejam mais envelhecidos do que os domicílios sem emigrantes internacionais. Isso, como já explicitado, é provavelmente resultado da etapa do ciclo de vida em que a emigração ocorre. É também notável que a diferença entre as razões de dependência jovem dos domicílios com e sem emigrantes internacionais não são estatisticamente diferentes – apesar de os domicílios com emigrantes serem mais envelhecidos. Como a proporção de crianças que emigram é pequena – como já demonstrado – é provável que as mesmas sejam deixadas na origem, sob cuidado de outros responsáveis. Dada essa aparente contradição – domicílios envelhecidos, mas com razões de dependência jovem semelhantes, calculou-se a proporção de domicílios em que crianças corresidiam com idosos, entre aqueles com e sem emigrantes internacionais:

Tabela 21 - Corresidência de Crianças e Idosos no Domicílio, por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio, que Emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010

<b>Emigração Internacional no Domicílio</b>	<b>Sem Emigrantes Internacionais</b>	<b>Com Emigrantes Internacionais</b>
Corresidência de Crianças e Idosos	Percentual (%)	
Idosos e Crianças corresidentes	3,72	7,04
Idosos e Crianças não corresidentes	96,28	92,96
Total	100	100

P= 0,002 \*\*\*

N=7641

Fonte: IBGE, 2010

Percebe-se, assim, que os domicílios com emigrantes internacionais têm, significativamente, mais crianças corresidentes com idosos. Essa característica é condizente com o formato estendido desses domicílios, que são mais envelhecidos, mas que, nem por isso, têm, necessariamente menos crianças por adultos. É provável que se trate de casos em que vivam os chefes, seus filhos, e netos. Esse fenômeno pode ter muitas causas: primeiramente, pode ser efeito do idoso que – a partir da emigração de um dos filhos – passa a viver com outro filho e seu respectivo núcleo familiar; pode ser resultado da emigração de um jovem que deixou filhos na origem sob cuidado de avós e tios; e, ainda, pode ser fruto da emigração do cônjuge do chefe, que passa então a viver com seus pais e filhos como forma de aumentar o suporte social. Salienta-se, ainda, que a proporção de domicílios em que viviam apenas idosos e crianças, sem adultos, era residual – representando menos de 1% dos casos, tanto nos domicílios com emigrantes internacionais quanto nos domicílios sem emigrantes. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as razões de dependência dos domicílios com emigrantes em Portugal e nos Estados Unidos (tabelas 19 e 20).

A fim de melhor compreender a configuração dos domicílios por presença de imigrante internacional, será feita a análise da proporção de crianças vivendo com mães ausentes. É importante salientar que não é possível precisar se as mães ausentes – ou seja, aquelas que estão vivas, mas moram em outro domicílio – nos lares com ao menos um emigrante internacional, de fato são as emigrantes internacionais. Na Tabela 22 estão dispostos os resultados para as estimativas de mãe ausente por presença de emigrante internacional no domicílio. As estimativas foram feitas tomando-se apenas aqueles domicílios com crianças menores de 15 anos e, representam, portanto, a proporção de domicílios com crianças de até 15 anos em que pelo menos uma das crianças tem mãe ausente.

Tabela 22- Proporção de Domicílios com Crianças em que pelo menos uma das Crianças têm mãe ausente, por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio que emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil

<b>Presença de Emigrante Internacional no Domicílio</b>	<b>Com Emigrante Internacional</b>	<b>Sem Emigrante Internacional</b>
Presença de Mãe no Domicílio	Percentual (%)	
Mãe não ausente	70,74	90.3
Mãe ausente	29,26	9.7
Total	100	100

P= 0,000\*\*\*  
N= 3527

Fonte: IBGE, 2010

Tabela 23 - Proporção de Domicílios com Crianças em que pelo menos uma das Crianças tem mãe ausente, segundo Destino de Emigrante Internacional no Domicílio que emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010

<b>Destino dos Emigrantes Internacionais no Domicílio</b>	<b>Estados Unidos</b>	<b>Portugal</b>
Presença de Mãe no domicílio	Percentual (%)	
Mãe não ausente	70,24	73.28
Mãe ausente	29,76	26.72
Total	100	100

P= 0,743  
N= 101

Fonte: IBGE, 2010

A partir das Tabelas 22 e 23, é notável que os domicílios com emigrantes internacionais tenham uma proporção significativamente maior de crianças com mães ausentes do que os domicílios sem emigrantes internacionais. É bastante provável, portanto, que essa ausência seja justamente devido à emigração de mulheres que deixam seus filhos na origem. É provável, inclusive, que esse comportamento seja parte da explicação do porquê de grande parte dos domicílios com emigrantes tenham formato estendido – são arranjos em que tios, tias, e avós cuidam das crianças deixadas para trás. Mais uma vez, as distribuições divididas entre destino – Portugal e Estados Unidos – não se mostraram significativas.

Quando se analisa qual é o tipo de arranjo dos domicílios com crianças com mães ausentes e emigrantes internacionais, encontramos que eles são, em sua enorme maioria, de tipo estendido, conforme a Tabela 24 – o que é condizente com a maior proporção de crianças corresidindo com idosos nos domicílios com emigrantes internacionais. Mais uma vez, não se sabe se de fato todas essas crianças são filhas de emigrantes internacionais, mas é possível inferir que uma parcela significativa das crianças cujas mães emigraram não

ficaram sob a responsabilidade exclusiva do pai – o que resultaria em famílias monoparentais – mas, sim, que passaram a morar em lares com outros parentes.

Tabela 24-Arranjos dos Domicílios com Emigrantes Internacionais que Emigraram a Partir de 2005 e que têm Crianças com Mães Ausentes, Governador Valadares, Brasil, 2010

<b>Tipo Arranjo Domiciliar</b>	<b>Percentual (%)</b>
Monoparental	3,72
Casal com Filhos	2,67
Estendida	91,87
Convivente	1,74
Total	100

N= 37

Fonte: IBGE, 2010

Vale notar como pesquisas domiciliares que indaguem quem são os principais responsáveis pelas crianças fazem falta em uma análise desta natureza, dado que o Censo nos permite apenas inferir com quem a criança reside. Entretanto, tendo em mente o fato de que os domicílios com emigrantes internacionais têm uma grande parcela de crianças com mães ausentes, buscou-se estimar qual é a incidência de avós que são chefes de domicílios entre aqueles com emigrantes internacionais. Para tanto, utilizaram-se as relações de parentesco coletadas no questionário do universo do Censo. Uma vez que quem responde a pesquisa é sempre o chefe de domicílio, bastou calcular qual a proporção de domicílios em que a relação ‘neto’ aparece. Nesse caso, captaram-se diversas situações como, por exemplo, as que o chefe de domicílio residia com filho, neto e tinha um outro filho que era emigrante internacional, mas também muitos casos em que o chefe de domicílio ficou responsável pelo neto a partir da emigração do filho ou filha. A estatística descritiva da proporção de domicílios quem têm avós com chefia, por presença de emigrante internacional, pode ser visualizada na Tabela 25:

Tabela 25 – Proporção de Domicílios com Chefia de Avós, por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio que Emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010

<b>Status Migratório</b>	<b>Sem Emigrante Internacional</b>	<b>Com Emigrante Internacional</b>
Chefia de Avós no Domicílio		Percentual (%)
Com Chefia de Avós	6,93	15,39
Sem Chefia de Avós	93,07	84,61
Total	100	100

P= 0,000 \*\*\*  
N= 7641

Fonte: IBGE, 2010

Mais uma vez, tem-se que uma significativa parcela dos domicílios com emigrantes internacionais tem chefia de avós, o que provavelmente é resultante da emigração de um jovem que deixou filhos na origem sob o cuidado dos pais. Nessa situação, não se trata de uma pessoa vulnerável que passa a viver com um dos filhos, mas uma que efetivamente é o responsável pelo domicílio. Foi estimado ainda, a partir dos domicílios com emigrantes internacionais e crianças com mães ausentes, qual a proporção chefiada por avós. Nesse caso, o resultado é claro, conforme disposto na Tabela 26: quase 80% destes têm chefia de avós, revelando que de todos os outros parentes, são os avós aqueles que provavelmente assumem a maior responsabilidade pelas crianças filhas de emigrantes internacionais.

Tabela 26- Proporção de Domicílios com Chefia de Avós, daqueles com Emigrantes Internacionais que Emigraram a partir de 2005 e Crianças Menores de 15 anos, por Ausência Materna no Domicílio, Governador Valadares, Brasil, 2010

<b>Ausência Materna</b>	<b>Sem Mãe Ausente</b>	<b>Com Mãe Ausente</b>
Chefia de Avós no Domicílio		Percentual (%)
Com Chefia de Avós	24,56	79,24
Sem Chefia de Avós	75,44	20,26
Total	100	100

P= 0,000 \*\*\*  
N= 126

Fonte: IBGE, 2010

Realizando, ainda, uma comparação dos domicílios com chefias de avós, entre aqueles com emigrantes nos Estados Unidos e Portugal, encontra-se o resultado exposto na Tabela 27:

Tabela 27- Proporção de Domicílios com Chefia de Avós, por Presença de Emigrante Internacional no Domicílio que Emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 20010

<b>Destino dos Emigrantes Internacionais</b>	<b>Estados Unidos</b>	<b>Portugal</b>
Chefia de Avós	Percentual (%)	
Sem Chefia de Avós	87,53	79,02
Com Chefia de Avós	12,47	20,98
Total	100	100

P= 0,0871\*

N=239

Fonte: IBGE, 2010

Nesse caso, as diferenças entre domicílios cujos membros migraram para Estados Unidos e Portugal foram significativas a um nível de 10%. É importante lembrar, ainda, que a proporção de mães ausentes era estatisticamente igual nos dois casos, indicando que não se trata simplesmente de um fenômeno em que as mulheres emigram mais à Portugal e deixam os filhos com as avós. Pode ser que no caso português – em que o rendimento da migração é menor, e, conseqüentemente, o valor das remessas mais baixo – a emigração tenha maior efeito na reestruturação dos domicílios: se o homem emigra, por exemplo, a cônjuge pode passar a residir com seus próprios pais. Isso é, ainda, coerente com a maior proporção de domicílios estendidos no caso português.

É importante, também, calcular a proporção de domicílios com geração pulada – ou seja, aqueles compostos apenas por chefe e neto ou chefe, cônjuge e neto, sem a presença de outros adultos. Dada a carência de informação sobre pai presente no domicílio, esse indicador é uma boa *proxy* da ausência de pai e mãe da criança ou jovem no domicílio. Ressalta-se, entretanto, que há diversos arranjos de tipo estendido em que nem o pai nem a mãe da criança ou jovem está presente no domicílio sem que seja, necessariamente, um caso de geração pulada. Um exemplo é o caso em que o avô ou avó, chefe de domicílio, correside com um filho homem e um neto. É impossível afirmar ao certo a partir do Censo se esse filho é pai da criança ou tio. Por esse motivo, a estimativa dos domicílios com geração pulada é a melhor aproximação para os casos em que os avós são os responsáveis principais pelos netos.

Tabela 28-Proporção de Domicílios com Geração Pulada, segundo Presença de Emigrante Internacional no Domicílio que Emigrou a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010

<b>Presença de Emigrante Internacional</b>	<b>Sem Emigrante Internacional</b>	<b>Com Emigrante Internacional</b>
Geração Pulada	Percentual (%)	
Sem Geração Pulada	99,36	97,79
Com Geração Pulada	0,64	2,21
Total	100	100

P= 0,000 \*\*

N=7641

Fonte: IBGE, 2010

Apesar de ser uma proporção muito baixa, a diferença disposta na Tabela 28 novamente é significativa entre domicílios com e sem emigrantes internacionais, mostrando que a emigração é um fator relevante que leva a rearranjos nos sistemas de cuidado com as crianças.

Para concluir a caracterização demográfica a partir dos dados censitários, será feita uma análise dos domicílios de tipo monoparental. Ainda que se possa pensar tipicamente no domicílio monoparental como aquele composto exclusivamente por um chefe e uma criança ou jovem, também há o outro espectro dos domicílios monoparentais: aqueles formados por um chefe e seu pai ou mãe, em que o filho é adulto e chefe de domicílio. Os primeiros foram denominados tipo 1 e os segundos, tipo 2. Já que a proporção de domicílios monoparentais é maior entre os domicílios com emigrantes internacionais, é necessário aprofundar a sua caracterização, conforme revela a Tabela 29:

Tabela 29 - Tipo de Domicílio Monoparental por Presença de Emigrante Internacional que Emigrou a partir de 2005 no Domicílio, Governador Valadares, Brasil

<b>Presença de Emigrante Internacional</b>	<b>Domicílio Sem Emigrante Internacional</b>	<b>Domicílio com Emigrante Internacional</b>
Tipo de Domicílio	Percentual (%)	
Monoparental 1	93,46	94,47
Monoparental 2	6,54	5,53
Total	100	100

P=0,6702

N= 61

Fonte: IBGE, 2010

Nota-se que não há diferença entre os domicílios com e sem emigrante internacional nesse caso. A maior parte dos domicílios monoparentais são compostos por um chefe e seus filhos, de modo que é possível pressupor que, na maioria desses casos, quem deve haver

emigrado é o cônjuge. Ainda se calculou, a partir dos dados censitários, que, dos domicílios monoparentais com emigrantes internacionais, 38,95% tinham crianças menores de 15 anos na data do Censo.

De modo geral, tem-se que, em termos demográficos, os domicílios com emigrantes internacionais e sem emigrantes internacionais são significativamente diferentes. Considerando essa constatação, podem-se levantar duas hipóteses. De um lado, a emigração pode ser um fator de rearranjo nos sistemas de cuidado na origem. De outro, pode ser que a configuração dos domicílios torne seus membros mais suscetíveis à migração internacional. Apontar a direção da causalidade com segurança é impossível, dado as informações disponíveis. Entretanto, serão levantadas hipóteses a partir das entrevistas em profundidade.

## **5.2 Características Socioeconômicas dos Domicílios com Emigrantes Internacionais**

Conforme discutido no Capítulo 4, foram tomados dois indicadores socioeconômicos diferentes, a saber: renda *per capita* do domicílio e escolaridade do chefe de domicílio. A renda *per capita* do domicílio é a variável mais fluida, ou seja, a que pode sofrer maiores variações com o envio de remessas. Por outro lado, acredita-se que a escolaridade do chefe de domicílio sofra menos variações, pois dificilmente o chefe de domicílio irá aumentar o nível de escolaridade por causa de remessas. Entretanto, tampouco esse indicador é livre de vícios. Com a emigração de um membro que era chefe, a posição de chefia irá se alterar, passando, por exemplo, para seu cônjuge. Se este tiver menor ou maior escolaridade, o indicador de escolaridade do chefe irá mudar como efeito da emigração. A fim de complementar a informação censitária, será analisada também a proporção de emigrantes que enviam remessas a seus domicílios na origem, bem como a escolaridade dos emigrantes e imigrantes internacionais conviventes aferidas a partir dos resultados do *survey*.

### *5.2.1 Perfil Socioeconômico dos Domicílios a partir da Variável de Renda Per Capita e Análise do Efeito das Remessas*

Na Tabela 30, encontram-se dispostas as distribuições de renda dos domicílios segundo presença, número e destino dos emigrantes internacionais.

Tabela 30-Renda Domiciliar *Per Capita* por Número de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.

Renda Domiciliar Per Capita	Número de Emigrantes Internacionais no Domicílio		
	0 Emigrante	1 Emigrantes	2 Emigrantes
	Percentual (%)		
até 1/2 salário mínimo	26,6	26,92	17,23
1/2 a 1 salário mínimo	31,71	28,21	31,21
1 a 2 salários mínimos	22,94	28,28	39,89
2 a 3 salários mínimos	7	9,82	8,98
3 a 4 salários mínimos	3,69	2,75	2,69
4 a 5 salários mínimos	2,02	0,98	0
5 a 6 salários mínimos	1,35	0,74	0
mais que 6 salários mínimos	4,7	2,31	0
Total	100	100	100

Teste de Pearson entre Domicílios com 0 e 1 Emigrantes Internacionais  
P=0,0607\*

Teste de Pearson entre domicílios com 1 e 2 Emigrantes Internacionais  
P=0,795  
N= 7641

Fonte: IBGE, 2010

Tabela 31– Renda Domiciliar *Per Capita* por Presença e Destino de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.

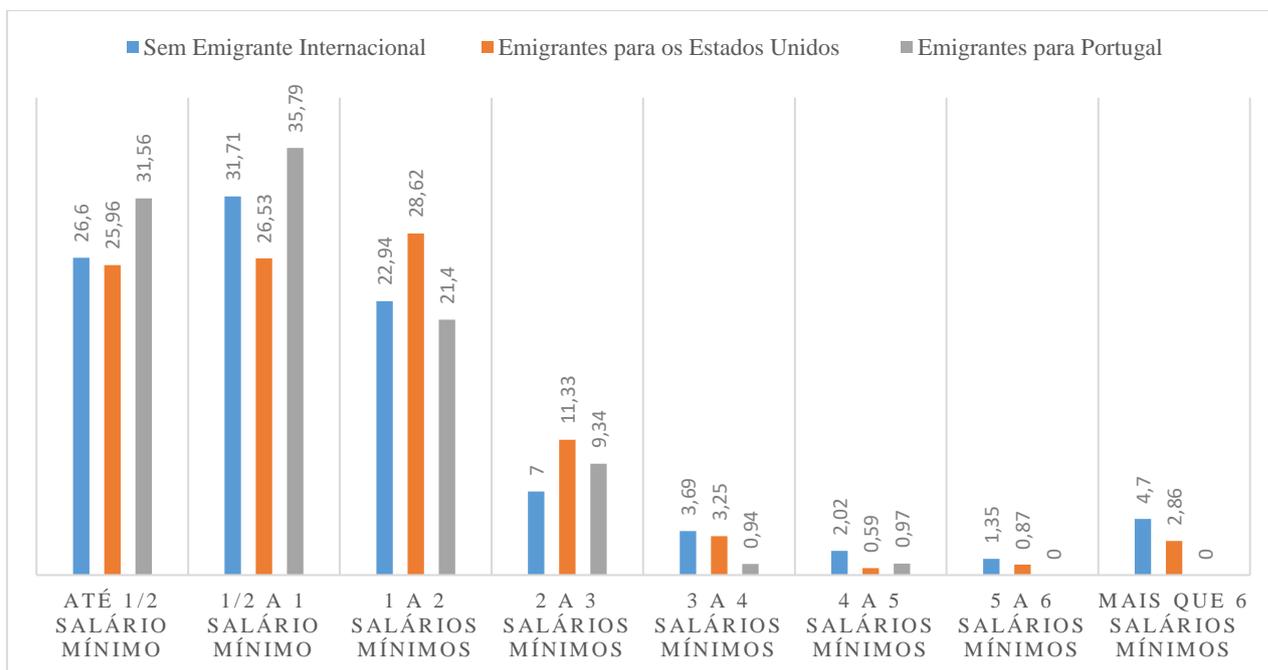
Renda Domiciliar Per Capita	Presença e Destino dos Emigrantes Internacionais		
	Sem Emigrante Internacional	Emigrantes para os Estados Unidos	Emigrantes para Portugal
	Percentual (%)		
até 1/2 salário mínimo	26,6	25,96	31,56
1/2 a 1 salário mínimo	31,71	26,53	35,79
1 a 2 salários mínimos	22,94	28,62	21,4
2 a 3 salários mínimos	7	11,33	9,34
3 a 4 salários mínimos	3,69	3,25	0,94
4 a 5 salários mínimos	2,02	0,59	0,97
5 a 6 salários mínimos	1,35	0,87	0
mais que 6 salários mínimos	4,7	2,86	0
Total	100	100	100

Teste de Pearson entre Domicílios com e sem Emigrantes Internacionais  
P=0,0119\*\*

Teste de Pearson entre Domicílios com Emigrantes para Portugal e Estados Unidos  
P=0,3840  
N=7576

Fonte: IBGE, 2010

Figura 7 - Renda Domiciliar *Per Capita* por Presença e Destino de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.



Fonte: IBGE, 2010

A partir das Tabelas 30 e 31 e da Figura 17, é possível fazer uma série de inferências. A primeira delas é que a renda *per capita* das famílias com emigrantes internacionais tende a estar situada nos níveis médios, a saber, entre 1 a 2 salários mínimos e 2 a 3 salários mínimos. A segunda inferência é que, dado que há emigrante internacional no domicílio, um emigrante a mais não altera significativamente a distribuição de renda.

Nos níveis mais altos de renda, a partir de 4 a 5 salários mínimos, a expressão dos domicílios com emigrantes internacionais é significativamente menor, indicando que mesmo com a presença de remessas a renda dessas famílias não cresce substancialmente. No outro lado do espectro – o das rendas inferiores a 1/2 salário – percebe-se uma participação maior dos domicílios com emigração para Portugal, inclusive quando comparado com os domicílios sem emigrantes. Isso acontece apesar de, no total, a diferença de distribuição das rendas entre os dois destinos não ser estatisticamente relevante. Quando se considera a última década e não apenas o último quinquênio, as diferenças de renda entre os domicílios com emigrantes nos dois países passa a ser significativa, conforme revela a Tabela 32:

Tabela 32 - Renda Domiciliar *Per Capita* por Presença e Destino de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2000, Governador Valadares, Brasil, 2010.

Presença e Destino dos Emigrantes Internacionais no Domicílio			
	Percentual (%)		
Renda Domiciliar Per Capita	Sem Emigrante Internacional	Emigrantes para os Estados Unidos	Emigrantes para Portugal
até 1/2 salário mínimo	26,6	25,83	27,67
1/2 a 1 salário mínimo	31,71	23,97	26,73
1 a 2 salários mínimos	22,94	31,38	29,87
2 a 3 salários mínimos	7	10,5	9,49
3 a 4 salários mínimos	3,69	4,13	3,1
4 a 5 salários mínimos	2,02	0,72	0,7
5 a 6 salários mínimos	1,35	1,07	0,76
mais que 6 salários mínimos	4,7	2,39	1,69
Total	100	100	100

Teste de Independência entre Domicílios com e sem Emigrantes Internacionais  
P=0,0006\*\*\*

Teste de Independência entre Domicílios com Emigrantes para Portugal e Estados Unidos  
P=0,0722\*  
N= 7862

Fonte: IBGE, 2010

Tem-se, assim, um primeiro indício de que os domicílios com emigrantes em Portugal são mais empobrecidos do que aqueles com emigrantes nos Estados Unidos. Novamente, há dois efeitos que poderiam compor essa diferença: de um lado, como os custos da emigração portuguesa são significativamente mais baixos, as pessoas selecionadas para emigrar para este destino são mais pobres. De outro lado, como o rendimento do trabalho é menos elevado em Portugal – como apontado pela literatura revista no Capítulo 2 – o efeito da emigração sobre a renda das famílias, a partir das remessas, tende a ser menor. Ao tomar a última década e não apenas o último quinquênio para análise, não apenas se aumenta o número de observações, como também é mais provável que se esteja captando melhor o efeito das remessas sobre o rendimento dos domicílios.

Com base nas informações censitárias sobre o nível socioeconômico dos domicílios com emigrantes internacionais, foi feita também uma análise da pergunta sobre remessas a partir do *survey*. A seguir, a Tabela 33 compara a proporção de migrantes que enviaram remessas por tipo de migração – interna e externa.

Tabela 33-Proporção de Emigrantes que Enviaram Remessas, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

<b>Destino do Emigrante</b>	<b>Migrante Internacional</b>	<b>Migrante Interno</b>
Ajuda ao Domicílio	Percentual (%)	
Não Enviou Remessas	54,67	82,42
Enviou Remessas	45,33	17,58
Total	100	100

N=180

P= 0,0026\*\*\*

Deff= 1,2358

Fonte: Resultados do *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2015-2016

Tem-se, assim, que, diferentemente da migração interna, a emigração internacional é fortemente marcada pelas remessas. Este é um ponto fundamental porque pode ser um indício do caráter eminentemente estratégico da última e, principalmente, da sua importância para os domicílios na origem. Salienta-se, entretanto, que o envio de remessas, por si só, diz pouco sobre a emigração como estratégia de sobrevivência familiar. Conforme será explorado no Capítulo 6, as remessas, ainda que existentes, podem muitas vezes ser irregulares ou sob demanda – ao contrário da noção de remessa regular e efetivamente importante para a manutenção dos domicílios na origem, como apregoa a Nova Economia da Migração e Trabalho. Além disso, ressalta-se que menos da metade dos emigrantes da pesquisa enviavam remessas à origem. Esse comportamento pode ser fruto da posição dos emigrantes frente àqueles deixados para trás. Como será explorado no Capítulo 6, os filhos do chefe de domicílio tendem a encarar a emigração muito mais como uma estratégia individual do que efetivamente familiar. Além disso, muitos, ao formarem novas famílias no exterior, veem-se impedidos de ajudar seus domicílios na origem.

Além de procurar qual a proporção de emigrantes que enviam remessas aos seus domicílios na origem, também se buscou encontrar qual a proporção de domicílios com ao menos um emigrante internacional que recebia remessas. O resultado encontra-se disposto na Tabela 35:

Tabela 34 - Proporção de Domicílios com ao Menos 1 Emigrante Internacional por Recebimento de Remessas, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

<b>Domicílios por Recebimento de Remessas</b>	<b>Proporção de Domicílios (%)</b>
Domicílios que Não Recebem Remessa	36,03
Domicílios que Recebem Remessas	63,97
Total	100
N= 41	

Fonte: Fonte: Dados *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2015-2016

O que os resultados das Tabelas 34 e 35 revelam é que embora apenas 46% dos emigrantes internacionais enviaram remessa, 64% dos domicílios com ao menos um emigrante internacional recebiam remessas. O que isso indica é que nem todos os emigrantes provenientes de um mesmo domicílio enviavam remessas, mas que na maior parte dos casos ao menos um o fazia. Talvez esse seja um indício que ajude a explicar o fato de que 1 ou 2 emigrantes internacionais não façam diferença para aumentar a renda *per capita* do domicílio, já que em muitos casos é provável que apenas um seja encarregado de enviar bens ou dinheiro para a família domiciliar na origem.

Também foi discutido no Capítulo 2 que outras características, além da posição do emigrante frente ao chefe de domicílio, poderiam influenciar o comportamento de envio de remessas. Uma das principais variáveis discutidas foi o sexo e o destino, os quais podem afetar o rendimento do trabalho e a real capacidade da pessoa de se manter no exterior e seguir auxiliando a família domiciliar no Brasil. Os resultados segundo esses dois quesitos encontram-se nas Tabelas 35 e 36:

Tabela 35 - Proporção de Emigrantes Internacionais que Enviaram Remessas, segundo Destino do Emigrante, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

<b>Destino dos Emigrantes Internacionais</b>	<b>Portugal</b>	<b>Estados Unidos</b>
Envio de Remessas	Percentual (%)	
Não Enviou Remessas	49,55	55,97
Enviou Remessas	50,45	44,03
Total	100	100

N=50

P= 0,6849

Deff: 1,0272

Fonte: Dados *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2015-2016

Tabela 36 - Proporção de Emigrantes Internacionais que Enviaram Remessas, segundo Sexo do Emigrante, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

<b>Sexo dos Emigrantes Internacionais</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Envio de Remessas	Percentual (%)	
Não Enviou Remessas	52,48	56,86
Enviou Remessas	47,52	43,14
Total	100	100
N=50		
P= 0,6703		
Deff: 1,1093		

Fonte: Dados *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2015-2016

Os resultados sugerem que o envio de remessas não é diferente por sexo ou destino dos emigrantes, o que contradiz a literatura, principalmente no que diz respeito à capacidade das pessoas nos Estados Unidos de acumularem e enviarem mais remessas à origem. As tabelas, no entanto, expressam apenas o envio ou não, não tendo qualquer relação com o montante, a regularidade ou a natureza das remessas. Acredita-se, ao contrário, a partir da extensa revisão da literatura já realizada e também com base nas entrevistas qualitativas a serem discutidas no Capítulo 6, que o rendimento real do trabalho em Portugal deve ser significativamente menor e, portanto, também o montante e a periodicidade das remessas enviadas à origem.

### 5.2.1 Perfil Socioeconômico dos Domicílios a partir da Variável de Escolaridade do Chefe de Domicílio

A fim de buscar um indicador menos dependente das remessas, foi feita uma caracterização socioeconômica utilizando a escolaridade do chefe de domicílio. Os resultados encontram-se dispostos na Tabela 37:

Tabela 37 - Escolaridade do Chefe de Domicílio, Segundo Número de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010.

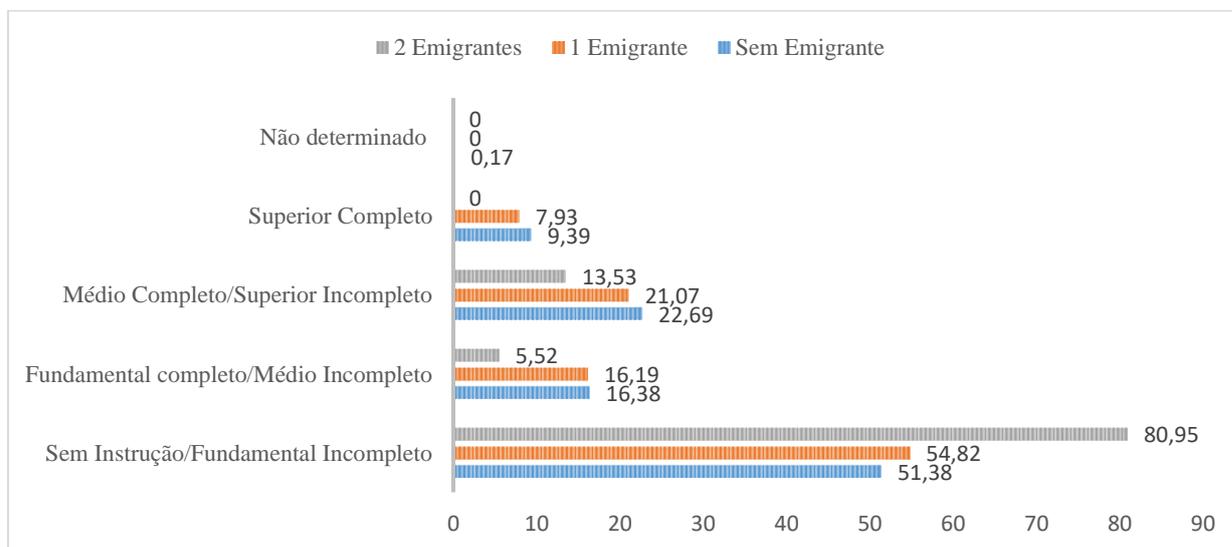
Escolaridade do Chefe de Domicílio	Status Migratório do Domicílio		
	Sem Emigrante	1 Emigrante	2 Emigrantes
Sem Instrução/Fundamental Incompleto	51,38	54,82	80,95
Fundamental completo/Médio Incompleto	16,38	16,19	5,52
Médio Completo/Superior Incompleto	22,69	21,07	13,53
Superior Completo	9,39	7,93	0
Não determinado	0,17	0	0
Total	100	100	100

Teste de Independência entre Domicílios com e sem Emigrante Internacional,  
P=0,7433

Teste de Independência entre Domicílios com 1 Emigrante e 2 Emigrantes  
P=0,0243\*\*  
N=7641

Fonte: IBGE, 2010

Figura 8 - Escolaridade do Chefe de Domicílio por Número de Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2000, Governador Valadares, Brasil, 2010.



Fonte: IBGE, 2010

A correlação é a de que quanto maior o número de emigrantes no domicílio, menor a escolaridade do chefe. Entretanto, as diferenças de média entre aqueles domicílios sem emigrantes internacionais e com apenas 1 emigrante internacional não foram significativas. Já naqueles domicílios com 2 emigrantes internacionais, 72,84% dos chefes têm fundamental incompleto. Esta pode ser uma relação causal, do tipo que

domicílios com baixo nível de escolaridade buscam compensar esse déficit a partir da emigração, como também um efeito de seleção. Quanto mais emigrantes internacionais no domicílio, maiores as chances de o chefe ser um pai ou mãe idoso/a. Como foi discutido anteriormente, domicílios com emigrantes internacionais são, em geral, mais envelhecidos do que os outros pelo simples motivo de que estão, não raro, em uma etapa do ciclo de vida diferente. Como as coortes mais velhas são justamente as menos escolarizadas, é possível que essa correlação não passe de uma questão de seletividade e não, propriamente, de uma causalidade.

Os resultados do *survey*, de fato, nos permitem atestar que a escolaridade dos retornados internacionais é maior do que aquelas dos chefes de domicílios com emigrantes – o que, mais uma vez é, provavelmente, um efeito de coorte. Além disso, a escolaridade dos retornados dos Estados Unidos e Portugal é estatisticamente semelhante e, mais uma vez, mais concentrada nos graus de ensino médio completo ou superior incompleto, conforme a Tabela 38:

Tabela 38 - Escolaridade dos Retornados Internacionais por Destino, Governador Valadares, Brasil, 2015-2016

<b>Origem do Retornado Internacional</b>	<b>Estados Unidos</b>	<b>Portugal</b>
Escolaridade do Emigrante	Percentual (%)	
Sem Escolaridade	2,13	4,13
Ensino Fundamental Incompleto	4,48	11,13
Ensino Fundamental Completo/Ensino Médio Incompleto	29,76	18,49
Ensino Médio Completo/Ensino Superior Incompleto	48,64	43,99
Ensino Superior Completo	8,82	5,92
Não Informado	6,17	16,34
Total	100	100
P=0,2969		
Deff=0,79		
N= 125		

Fonte: Dados do *Survey Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce*, 2016

A comparação entre Estados Unidos e Portugal, neste caso, é essencial. Já foi visto que a escolaridade dos migrantes para ambos os destinos é muito semelhante. Nesse caso, portanto, ainda que a seletividade seja importante para explicar a escolaridade mais baixa do chefe de domicílio na origem, ela provavelmente afeta os domicílios com emigrantes nos Estados Unidos e em Portugal da mesma maneira, permitindo uma comparação adequada e sem viés entre os dois destinos, conforme a Tabela 40.

Tabela 39 - Escolaridade do Chefe de Domicílio por Presença e Destino dos Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2005, Governador Valadares, Brasil, 2010

<b>Presença e Destino dos Emigrantes Internacionais</b>	<b>Sem Emigrante</b>	<b>Emigrante para Estados Unidos</b>	<b>Emigrante para Portugal</b>
Escolaridade do Chefe de Domicílio		Percentual (%)	
Sem Instrução/Fundamental Incompleto	51,38	54,32	64,04
Fundamental completo/Médio Incompleto	16,38	16,32	13,91
Médio Completo/Superior Incompleto	22,69	20,73	19,85
Superior Completo	9,39	8,63	2,2
Não determinado	0,17	0	0
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Teste de Independência entre Domicílios com e sem Emigrante Internacional,  
P=0,2469

Teste de Independência entre Domicílios com Emigrantes para Estados Unidos e Portugal  
P=0,2205  
N=7576

Fonte: IBGE, 2010

Consoante com as diferenças de renda, os domicílios com emigrantes em Portugal têm maior proporção de chefes sem instrução ou com fundamental incompleto e menor proporção de chefes com superior completo. A diferença, novamente, se torna significativa quando tomada a década inteira, ao invés do último quinquênio (Tabela 41).

Tabela 40 - Escolaridade do Chefe de Domicílio por Presença e Destino dos Emigrantes Internacionais no Domicílio que Emigraram a partir de 2000, Governador Valadares, Brasil, 2010

<b>Presença e Destino dos Emigrantes Internacionais</b>	<b>Sem Emigrante</b>	<b>Emigrante para Estados Unidos</b>	<b>Emigrante para Portugal</b>
Escolaridade do Chefe de Domicílio		Percentual (%)	
Sem Instrução/Fundamental Incompleto	51,38	58,83	68,71
Fundamental completo/Médio Incompleto	16,38	15,1	15,37
Médio Completo/Superior Incompleto	22,69	18,27	14,44
Superior Completo	9,39	7,8	1,49
Não determinado	0,17	0	0
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Teste de Independência entre Domicílios com e sem Emigrante Internacional,  
P=0,000\*\*\*

Teste de Independência entre Domicílios com Emigrantes para Estados Unidos e Portugal  
P=0,0599\*  
N=7862

Fonte: IBGE, 2010

Como a escolaridade dos migrantes para os dois destinos é semelhante, é possível inferir que este não é um efeito de composição, mas de que os domicílios com emigrantes em Portugal são, de fato, mais empobrecidos. Além disso, esse indicador nos permite diferenciar o que poderia ser causa ou efeito da emigração, conforme mencionado anteriormente. Dessa forma, pode-se dizer que há fortes indícios de que os domicílios com emigrantes para Portugal são de fato mais pobres, mesmo antes da emigração, do que aqueles com emigrantes nos Estados Unidos. Como o rendimento do trabalho nos Estados Unidos é maior, conclui-se que a emigração – quando comparada entre os dois destinos principais – tem, provavelmente, um efeito concentrador de renda: pessoas que são originárias de domicílios mais pobres emigram para um destino onde o rendimento do trabalho é menor, provavelmente enviando remessas de valor mais baixo, e, assim, perpetuando os diferenciais de renda entre as famílias.

### **5.3 Síntese das Características Demográficas e Socioeconômicas dos Domicílios por Presença de Emigrante Internacional**

Concluindo, foi possível apreender uma série de indícios de como estão estruturados os arranjos das famílias domiciliares na origem e também de qual é o seu perfil socioeconômico a partir do uso das técnicas quantitativas. Em primeiro lugar, observou-se que na maior parte dos casos, os emigrantes internacionais de um mesmo domicílio migram para um mesmo destino, seja ele Portugal, Estados Unidos ou outro país, reiterando a importância das redes sociais, especialmente das redes familiares. Em segundo lugar, constatou-se a importância de pensar na emigração valadarense segundo o destino, uma vez que os Estados Unidos – apesar de ainda figurarem como destino favorito – vêm perdendo a sua importância relativa nos últimos anos, com a diversificação dos fluxos, em especial para Portugal. Em termos demográficos, observou-se que a emigração valadarense, no que tange ao estoque, é bastante equilibrada na sua composição de gênero e, além disso, concentrada nas idades ativas, indicando que poucas crianças emigram com seus pais. Também se verificou que os homens têm maior propensão a retornar, o que pode influenciar a capacidade das medidas de estoque para representar a seletividade do fluxo por sexo. Ainda assim, constatou-se que Portugal tem recebido um maior estoque de mulheres do que de homens nos últimos anos; enquanto que os Estados Unidos parecem ter uma imigração de tipo mais masculina – corroborando a hipótese de que o sistema migratório americano propicia a emigração dos homens.

Com relação aos arranjos domiciliares, pode-se inferir que os domicílios com emigrantes internacionais são, em geral, mais envelhecidos do que a média dos domicílios sem emigrantes internacionais. Essa constatação, entretanto, é provavelmente fruto da etapa do ciclo de vida em que a emigração ocorreu. Apesar disso, a proporção de domicílios com crianças com mães ausentes é significativamente maior dentre aqueles com emigrantes internacionais do que dentre aqueles sem emigrantes, o que sugere que muitas crianças são deixadas na origem. Estas devem ficar a cargo de seus avós ou tios, uma vez que as mesmas em geral residem em domicílios de tipo estendido. A proporção de domicílios com chefia de avós ou com geração pulada é significativamente maior entre aqueles com emigrantes internacionais, o que novamente indica que um arranjo muito comum é aquele em que as crianças são deixadas sob responsabilidade dos avós. Por outro lado, também é elevada a proporção de domicílios monoparentais entre aqueles com emigrantes internacionais. Esse resultado sinaliza que o chefe de domicílio emigra deixando na origem cônjuge e filhos. Finalmente, apurou-se que os domicílios com emigrantes internacionais se encontram, majoritariamente, nas camadas intermediárias de renda e, ainda, que aqueles domicílios com emigrantes em Portugal são mais empobrecidos do que aqueles com emigrantes nos Estados Unidos.

A análise da relação entre emigração internacional e arranjos domiciliares em Governador Valadares sugere uma complexa dinâmica domiciliar na origem. Ainda que os resultados não sejam conclusivos, observou-se que três configurações são de especial importância para o caso analisado: aquela em que os filhos emigram antes da transição para maternidade/paternidade, deixando na origem pais idosos; aquela em que o chefe emigra, deixando na origem cônjuge e filhos; e aquela em que o indivíduo emigra após a transição para maternidade/paternidade, deixando na origem seus filhos sob a responsabilidade de outro adulto responsável, em geral, os avós. Esses três arranjos e suas particularidades serão analisados qualitativamente no próximo capítulo.

## 6. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

As entrevistas em profundidade serão analisadas em bloco em cada um dos três grupos previamente determinados, conforme discutido no Capítulo 4. Para cada grupo, serão analisados conjuntamente as entrevistas realizadas pelos familiares dos emigrantes e pelos retornados internacionais.

### 6.1 Domicílios em que o Filho Emigrou Antes da Transição para casamento/paternidade e Retornados que Emigraram antes da transição para maternidade/casamento

A literatura sugere que filhos que emigram antes da transição para o casamento e para maternidade ou paternidade são aqueles que podem perder mais rapidamente o vínculo com a família domiciliar na origem. (OSAKI, 2003). Esse fenômeno é constatado tanto nos trabalhos que utilizam a NELM quanto a perspectiva transnacionalista. Segundo Wall e Bolzman (2014), nesta etapa do ciclo de vida, a emigração aparece como uma estratégia eminentemente individual. Nesse caso, portanto, é preciso observar como são feitos os contratos – e se há de fato um contrato – entre emigrante e família domiciliar na origem, conforme discutido pela NELM.

Para efeitos de análise, o grupo de familiares cujos filhos emigraram foi chamado de G1A, enquanto o grupo de retornados que emigraram antes da transição do casamento ou paternidade foi chamado de G1B. No Quadro 1, estão dispostas as principais características dos entrevistados em cada grupo, referidos por seus nomes fictícios. É importante ressaltar que profissão dos retornados, refere-se àquela do momento atual, e não à exercida no país de destino.

Quadro 1-Perfil dos entrevistados dos familiares cujos filhos emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1A, Governador Valadares, 2016

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Escolaridade	Classe	Quem Emigrou	Ano da Migração	Destino
Márcia	38	Casada	Professora	Superior Completo	B1	Filho	2015	EUA
Rosa	78	Casada	Do lar	Fundamental Completo	C1	Filho	1986	EUA
Eunice	62	Casada	Do lar	Fundamental Incompleto	C2	Filho	2007	EUA

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 2-Perfil dos entrevistados retornados que emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1B, Governador Valadares, 2016

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Escolaridade	Classe	Ano da Emigração	Destino	Ano do Retorno
Laura	37	Divorciada	Comerciante	Médio Completo	C1	2004	EUA	2009
Pedro	18	Solteiro	Estudante	Médio Incompleto	C2	2015	Portugal	2016
João	61	Solteiro	Comerciante	Superior Incompleto	B2	1983	EUA	2004
William	31	Casado	Engenheiro	Superior Completo	B2	2004	EUA	2009

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Percebe-se, assim, que na maior parte dos casos, trata-se de filhos do sexo masculino que emigraram para os Estados Unidos, sendo que a classe social das famílias analisadas varia de B a C. A fim de captar a experiência de uma mulher, foi feita uma entrevista a mais no grupo G1B. Neste grupo também está presente um jovem de 18 anos que havia emigrado a Portugal em 2015.

### 6.1.1 Motivação para Emigrar

De modo geral, no que diz respeito a como era a vida do emigrante na origem, a maioria das pessoas reportaram questões usuais: vida difícil no Brasil; falta de oportunidade de emprego; baixa remuneração; muitas restrições na vida no Brasil. . Quando se atentou para o motivo pelo qual a pessoa decidiu emigrar, percebeu-se que quatro dos sete emigrantes em questão apontaram ‘ajudar a família’ como um dos motivos principais. Entretanto, é interessante observar que entre essas quatro pessoas, apenas uma teve o total apoio da própria família domiciliar. Em todos os outros casos, os parentes pediam que a pessoa ficasse, seja pela insatisfação com a ausência, seja pelo medo da travessia ilegal. Além da insatisfação com a emigração do filho, também aparece na fala dos entrevistados desse grupo uma sensação de impotência frente à decisão do outro, o que foi codificado como ‘não adiantava concordar ou discordar’, como revela a fala de Márcia, uma das mães:

Foi tudo tão rápido. A decisão de ir, a gente mexendo com os papéis. A única coisa que eu poderia fazer era apoiar. Como ele é muito determinado, se eu não desse esse apoio ele faria da minha vida um inferno de tanto falar. Então o que eu tinha que fazer era apoiar mesmo. (Márcia, Governador Valadares, 2016)

Assim, é visível que, ainda que ajudar a família apareça como uma motivação presente deste grupo, essa decisão não parece ser algo previamente acordado e negociado dentro da família domiciliar. Obviamente, há também uma parcela de retórica nas falas, na medida em que é mais socialmente aceito que os pais, e particularmente as mães, não desejem estar longe dos seus filhos, mesmo que economicamente essa estratégia traga retornos financeiros.

Entre as mães entrevistadas no grupo G1A, é notório que o único filho que tenha emigrado por motivos puramente individuais seja justamente aquele proveniente de uma família domiciliar de classe social mais alta. Entre o grupo G1B, os entrevistados que disseram ter emigrado por motivos individuais, por sua vez, eram de dois perfis bastante diferentes: William, que havia ido aos Estados Unidos e revelou já ter um pai vivendo no destino; e outro, Pedro, que havia ido a Portugal por motivos não-econômicos. No caso de William, é bastante provável que o pai emigrante já cumprisse o papel de enviar ajuda à família domiciliar na origem. Essa constatação é condizente com o que foi discutido no capítulo 5: na maior parte dos domicílios com dois ou mais emigrantes, apenas um é responsável por enviar as remessas.

O caso de Pedro, por sua vez, merece considerações à parte. Entre todos os entrevistados, tratava-se do domicílio mais empobrecido visitado. Pedro vivia no domicílio apenas com a mãe e relatou que seu pai havia sido assassinado devido a envolvimento com tráfico de drogas. O motivo da sua emigração, por sua vez, também estava relacionado ao tráfico: dada a recente ligação do rapaz com questões dessa natureza, sua família achou por bem mandá-lo para viver com os tios em Portugal. De fato, Machado (2007) também já apontava que Portugal representa uma espécie de refúgio para aqueles cercados por situações de insegurança nas periferias de Governador Valadares. Segundo o autor:

Portugal passa a contar nos planos familiares também como uma opção para afastar jovens de situações perigosas, curiosa inversão de perspectivas: em país estrangeiro, em situação ilegal, esses jovens parecem estar mais seguros aos pais que em Valadares. (MACHADO, 2007).

Essa dinâmica levanta uma hipótese sobre o porquê da significância do grupo de 15 a 19 anos em direção à Portugal. Além desse país figurar como uma alternativa barata – facilmente acessível aos jovens - também é um refúgio para adolescentes que vivenciam situações de violência. A preponderância da emigração a Portugal entre as famílias de

baixos estratos econômicos, tal como apontado no Capítulo 5, reforça ainda mais essa hipótese.

Além disso, esses processos levantam a discussão sobre as diferenças entre migração forçada e econômica e ressaltam que as divisões entre ambas nem sempre são tão claras quanto poderia parecer. Ademais, leva a repensar os pressupostos da NELM, que – ao deixar de analisar também mobilidades advindas de fatores não-econômicos – tende a subestimar a importância destes processos. Estes são essenciais para um entendimento completo dos fluxos migratórios nos países em desenvolvimento, especialmente naqueles contextos em que fatores de expulsão de natureza não econômica podem sinalizar uma forma distinta de contrato entre familiares.

Também é importante atentar para o fato de que a ausência paterna é fator importante de empobrecimento das famílias e pode gerar, como no caso de Pedro e da entrevistada Rosa, uma razão a mais para a emigração. Rosa, quando indagada sobre o porquê de o filho haver emigrado, respondeu: “Ah, por causa de dificuldade financeira, né? Criei eles sem pai, com muita dificuldade”. (Rosa, Governador Valadares, 2016).

Isso levanta uma nova hipótese, não considerada no Capítulo 5, sobre os motivos pelos quais há maior proporção de arranjos monoparentais entre os domicílios com emigrantes internacionais. É possível que esse arranjo seja também causa e não apenas consequência do processo migratório: haveria, assim, além de casos em que o cônjuge emigrou deixando chefe e filhos, também casos em que um dos filhos emigrou de um domicílio já monoparental, deixando no destino pai ou mãe e irmão. As pessoas que vêm de domicílios monoparentais, mais vulneráveis e empobrecidos, poderiam ter maior propensão a emigrar. Infelizmente, a ausência de informação no Censo sobre a relação do emigrante com o chefe de domicílio torna difícil testar tal hipótese, mas esta pode ser uma pergunta a ser respondida por pesquisas futuras.

### *6.1.2 Adaptação no Destino*

Apesar das motivações semelhantes para emigrar apontadas pelos retornados e, indiretamente, para os migrantes, a adaptação dos dois grupos no destino mostrou diferenças substantivas.

De modo geral, a maior parte das pessoas em ambos os grupos tiveram ajuda de familiar para o financiamento da viagem e também auxílio de parentes no destino, com os quais passaram a viver. Esses dois aspectos fazem saltar aos olhos a importância das redes, em especial familiares, para o entendimento da migração internacional. Neste caso é importante frisar que se trata da família transnacional no sentido amplo, e não só aquela centrada no núcleo domiciliar. Os parentes que auxiliam a adaptação no destino incluem tios, primos, sobrinhos, padrinhos e tantos outros parentes. Essas redes de suporte minimizam os custos das viagens e, por isso mesmo, fazem com que a emigração tenha uma inércia que independe, até certa medida, dos fatores puramente econômicos. (SOUZA, 2016; FAZITO, 2010).

Com relação ao trabalho, todos os migrantes entrevistados neste grupo ocupavam postos de baixa qualificação, o que é coerente com a literatura sobre o caso valadarense. Nas entrevistas são frequentes relatos de cargas de trabalho que chegam às 14 horas diárias, além de más condições que acarretam danos como lesões na coluna, nas articulações, etc. O desrespeito até mesmo ao período de licença maternidade também é comumente relatado nas entrevistas.

Apesar dessas semelhanças iniciais, a maioria dos emigrantes no destino, conforme relatos dos entrevistados do grupo G1A, estão bem adaptados: todos os três filhos das mães inqueridas não têm intenção de retornar. Essa é uma especificidade do grupo de pessoas que emigram nesta etapa do ciclo de vida: ao constituírem família no destino, as intenções de retorno – se existentes em algum momento – se esvaem. Além disso, é provável que a ausência do dilema entre ter que juntar dinheiro para investir na origem e gastar o dinheiro com amenidades os tornem, por princípio, mais adaptáveis ao modo de vida do destino.

Já os retornados relataram com muita frequência a necessidade de ter de escolher entre ‘viver aqui ou viver lá’. Aliás, esse é um ponto que apareceu com maior recorrência na fala de todos os participantes. William nos forneceu uma visão interessante do que vem a ser esse paradoxo:

Não gostava de lá pelo fato do tipo de vida que eu levava. Até porque eu levava a vida que eu levava porque eu tinha interesse em vir embora. Aí depois que a gente vem embora, a gente se dá conta de que se nós vivêssemos lá igual nós vivemos aqui, nós viveríamos melhor do que nós vivemos aqui. No aspecto de trabalhar o suficiente pra viver e não pra ficar juntando, juntando, juntando.

Então, depois que cê chega no Brasil, cê toma um choque de realidade, né? Porque aí que cê se dá conta de que, nossa senhora, os Estados Unidos é o céu. Por conta do trabalho, segurança, educação. A educação no aspecto de pessoas mesmo, pessoas educadas. Cidade limpa. Saúde fácil e de qualidade (William, Governador Valadares, 2016).

Também Laura faz um relato muito parecido:

Nós compramos aquele loteamento que tinha ali no Castanheira, que vendia parcelado, aí minha irmã foi lá e comprou pra mim. Aí foi aí que eu comecei. Aí eu tive que economizar o máximo que eu podia lá, pra pagar aqui. Porque pra você viver a vida lá e a vida aqui não tem como. Por isso que tem muitos brasileiros que ficam lá e não voltam mais. Vivem lá, entendeu? (Laura, Governador Valadares, 2016).

Eles, como muitos outros, retratam que o fato de emigrar com a vontade de retornar para investir o dinheiro no Brasil dificulta a própria adaptação no destino. Essa constatação é importante para pensar sobre o transnacionalismo. A hipótese que se levanta a partir da fala dos entrevistados é a de que o engajamento em atividades transnacionais é, muitas vezes, contraditório com a adaptação no destino. Dessa forma, é importante pensar criticamente na assertiva de que os transmigrantes conseguem, com êxito, se adaptar no destino e manter relações frequentes com a origem, conforme argumentavam Schiler, Basch e Szancton (1992).

Ao se ver transnacionalismo em tudo, perde-se uma dimensão importante das novas relações entre migrantes, origem e destino. É muito possível que aquelas pessoas de classe social mais baixa tenham dificuldade em efetivamente colocar as duas sociedades em um mesmo campo social e se engajar ativamente tanto na origem quanto no destino, como argumenta Portes (2003). Ao contrário, os que conseguem fazer isso com mais sucesso são aqueles que abdicam das intenções de retorno e, conseqüentemente, enfraquecem suas relações com a origem. Muitos dos imigrantes entrevistados dizem que gostariam de reemigrar para ‘viver a vida de lá’, em contraposição a emigrar para retornar. Outros também ressaltam a dificuldade de ‘viver a vida de lá’ e continuar ajudando a família na origem. Expressam, muitas vezes, a insatisfação de não haver conseguido cumprir com o que haviam prometido a si mesmos.

O que os relatos revelam é que, ainda que possa ter ocorrido um contrato entre emigrante e família domiciliar – o que por si só já é questionável, como discutido anteriormente –

este contrato deve ser continuamente negociado e, portanto, deve ser datado. Embora haja experiências daqueles que efetivamente cumpriram com o prometido às famílias, outros salientam que a realidade no destino era diferente do imaginado, propiciando quebras contratuais. Obviamente, como ressalta a NELM, o altruísmo é um importante fator protetor desses contratos. O problema principal, em realidade, não é ausência de altruísmo em uma situação em que a pessoa tem recursos e, ainda assim, não auxilia a família. O maior problema é que, em muitos casos, o rendimento do trabalho não é suficiente para que o emigrante siga enviando remessas à origem. Dessa forma, retifica-se o que já foi discutido por Massey et al (1993), para quem esta teoria, em geral, está focada apenas naqueles emigrantes que são bem-sucedidos em seu projeto migratório, ignorando a imensa quantidade de pessoas que se veem frustradas por dificuldades não premeditadas. Essa constatação também leva à conclusão de que há, de fato, um viés de seleção nas experiências dos retornados internacionais, sendo que a experiência dos imigrantes atuais só pode ser acessada indiretamente a partir de seus familiares. Em pesquisas futuras seria interessante realizar entrevistas com migrantes internacionais que atualmente vivem no destino e contrastá-las com a experiência dos retornados internacionais.

No caso de Pedro, emigrante que teve como destino Portugal, novamente a situação é bastante peculiar. Ao contrário de todos os outros entrevistados, que disseram ter muito auxílio de parentes no destino, o jovem revela que, no seu caso, a família transnacional no sentido amplo funcionou como uma fonte de exploração. Neste caso, o rapaz se via obrigado a trabalhar para o seu próprio tio, a um salário de 5 euros a hora, a contribuir com as despesas do aluguel – apesar de ainda estar em fase escolar – e ainda tinha negado o direito de ter um cômodo. Assim, se de modo geral entende-se a família transnacional no sentido amplo apenas como uma fonte de suporte no destino, também há que se levar em conta situações em que o trabalho do familiar é explorado pelos próprios parentes, que se aproveitam de vários fatores de vulnerabilidade.

### *6.1.3 Remessas e Balanço do Projeto Migratório*

As entrevistas em profundidade tiveram como grande qualidade não só a possibilidade de acessar o envio de remessas pelos emigrantes internacionais, como também as negociações em torno das mesmas entre a família transnacional.

No primeiro grupo, percebeu-se uma grande variação no que tange ao envio e uso das remessas pelas famílias domiciliares. A única mãe que disse não receber ajuda do emigrante no exterior é justamente aquela de estrato social mais elevado cujo filho havia saído para próprio benefício, sem a promessa de ajudar a família. Nesse caso, tampouco há conflito com relação a isso, uma vez que a própria entrevistada relata que não esperava receber auxílio do filho no exterior: “nunca que eu teria coragem de mandar um filho meu para morar fora e me ajudar aqui. Ele foi para fazer a vida dele e realizar os sonhos dele” (Entrevistada, Governador Valadares, 2016). Já dentre as famílias de classe social mais baixa, tem-se que os filhos enviam remessas aos pais na origem. Em nenhum dos casos sob estudo do grupo G1A, os emigrantes investiram em algo no Brasil. Algo interessante de se observar, ainda no grupo G1A, é o fato de que algumas entrevistadas relataram que os filhos, antes de se casarem, auxiliavam mais a família no Brasil. Confirma-se, assim, a ideia de que os filhos tendem a enviar menos remessas justamente porque têm menor aderência à família da origem, o que é especialmente verdade quando formam nova família no destino.

Já no que tange ao segundo grupo, o dos retornados, percebe-se uma mistura entre motivações altruístas e egoístas no envio de remessas. É notável que, de modo geral, os retornados investiram mais em negócios na origem do que aqueles emigrantes que atualmente residem no destino. Essa diferença é totalmente coerente com o planejamento inicial da emigração. De modo geral, parece haver dois tipos de projeto migratório: aquele em que o indivíduo emigra para ficar no destino e, portanto, não investe na origem; e aquele em que o indivíduo emigra já com intenção de retornar. O conflito entre viver lá ou viver aqui decorre, em geral, do segundo caso, quando a intenção de retorno é clara e a pessoa se vê obrigada a levar uma vida com restrições no destino com vistas a poder investir na origem. Esses planejamentos não são tão rígidos como poderiam parecer, mas de modo geral tendem a ser mais fixos para os Estados Unidos do que em Portugal. As entrevistas revelaram que a maior possibilidade de circulação no caso português flexibiliza o planejamento da migração, conforme fica claro na fala de um dos pais inqueridos no Grupo 3, que tem duas filhas vivendo em Portugal:

A Pâmela achou que dava pra ficar aqui, né? Mas chegou aqui, a situação não tava boa no país, o marido dela não arrumou nada. Arrumava um bico, um outro. Às vezes ele saía pra trabalhar, por temporada, ficava uns dois, três meses fora. Aí pra ficar longe assim do jeito que ele ficava era melhor ficar longe em Portugal. Cê tá entendendo? Agora a

Amanda, não. Ela é de veneta. Ela vem, fica um tempo, aí enjoa e fala “vou embora” e vai de novo. Ela não tem paradeiro (risos). (Entrevistado, Governador Valadares, 2016).

Apesar da diversidade no comportamento de envio de remessas, não foi relatado nenhum caso de conflito com relação a isso entre a família domiciliar na origem e o emigrante no destino. Muito provavelmente, essa ausência de cobrança por parte das famílias na origem decorre justamente da posição do emigrante no grupo familiar: os filhos, em geral, parecem não ter tantas obrigações para com seus pais que permaneceram no Brasil. Essa é uma diferença notável com relação ao caso ganês analisado por Wong (2006), que reportou diversas cobranças dos pais na origem para com suas filhas emigradas. É difícil explicar esse comportamento somente com base na normativa de família do Brasil. Como ressaltado no Capítulo 3, o país apresenta altas taxas de coresidência entre pais idosos e seus filhos adultos, bem como uma preferência generalizada por arranjos familiares de cuidado em detrimento de serviços privados de assistência. Nesse sentido, a obrigação de ajudar os pais no destino deveria, logicamente, ser maior, o que não se confirmou a partir das entrevistas. Entender por que a cobrança de ajuda entre esse tipo de família transnacional é mais baixa segue sendo uma pergunta em aberto, mas é totalmente coerente com a pouca negociação intradomiciliar em relação ao projeto migratório nesses casos.

Apesar de não cobrarem ajuda, a maioria das mães acredita que a emigração foi positiva, principalmente para o próprio emigrante, que julga estar bem adaptado. No que diz respeito à família, o sentimento é dúbio, uma vez que a condição financeira melhorou após a saída dos filhos, como resume bem Eunice:

Tem hora que eu penso – foi bom por uma parte ele ter ido. Porque melhorou a vida dele e melhorou pra nós também. Porque se ele não tivesse ido talvez tava do mesmo jeito aí, porque aqui não dá pra ganhar, pra melhorar nada. A pessoa faz pra comer, sobreviver, né? Eu penso assim [...] Tem um lado bom e um lado ruim. Vontade mesmo que ficasse aqui junto, né? Mas... (Eunice, Governador Valadares, 2016)

Ainda que o projeto migratório não tenha sido negociado em conjunto com a família, parece haver nesta configuração um ganho para aqueles que ficaram na origem, principalmente os de condição socioeconômica mais baixa. Já dentre os retornados, observou-se uma enorme variedade de motivos pelos quais as pessoas disseram haver

voltado. Tanto Laura quanto William revelaram não ter se adaptado bem ao destino, o que tem a ver justamente com o plano de retorno. Os entrevistados disseram, ainda, só não haver voltado antes porque as dívidas realizadas com a travessia em si e com investimentos no destino os impediram, o que confirma a rigidez do projeto migratório no caso estadunidense.

#### *6.1.4 Considerações Finais*

Concluindo, observa-se que há uma reorientação da maioria dos retornados, os quais, ainda que tenham ido com planos de investir no Brasil, perceberam a dificuldade de levar uma vida verdadeiramente transnacional. Também se observou, indiretamente a partir das famílias que aqui ficaram, que os emigrantes que conseguiram se estabelecer com êxito no destino não têm planos de investimento no Brasil e optaram por ‘viver a vida de lá’, conforme a fala dos entrevistados. As remessas nesse caso se resumem a ajudar a família no Brasil, no sentido altruísta da NELM ou no sentido de pagamentos por investimentos realizados pelos pais. No caso das famílias pobres, as remessas aumentaram significativamente seu bem-estar, ainda que não tenha sido um projeto negociado entre todos os membros.

Entre todos os entrevistados, o único que pôde usufruir da vida no destino, investir no Brasil e ainda enviar dinheiro à família foi João. Dentre as particularidades deste entrevistado, está o fato de haver emigrado ainda na década de 1980 e, de maneira legal, o que provavelmente diminuiu muito seus custos de travessia em relação aos outros. Os demais levaram, em média, dois anos somente para pagar as dívidas com o coioete.

A emigração, entre os casos analisados do GIA, não gerou mudanças significativas no domicílio. Essas foram fruto mais das mudanças naturais no ciclo de vida, que atingem qualquer família domiciliar. No caso de Rosa, a emigração do filho e a saída dos outros filhos de casa a levou a viver com o irmão, arranjo que se configura como o típico caso de domicílio estendido estudado no capítulo anterior. No caso de Eunice e Márcia, elas seguiram vivendo com os filhos mais novos e o cônjuge, o que geraria configurações de tipo casais com filhos. Assim, ainda que a emigração do filho antes da transição para maternidade ou casamento gere alterações principalmente no que diz respeito à condição

socioeconômica do domicílio, essa não acarreta mudanças significativas nos sistemas de cuidado como as que serão analisadas nas Seções 6.2 e 6.3.

## 6.2 Domicílios em que o Cônjuge ou Ex-Cônjuge Emigrou e Retornados que, ao Emigrar, deixaram Cônjuge na Origem

Serão analisadas a seguir as entrevistas dos familiares, chefes de domicílio, cujo cônjuge ou ex-cônjuge emigrou – congregados no grupo G2A - e, de maneira espelhada, os retornados que, ao emigrarem, deixaram cônjuges na origem. Estes últimos integrarão o grupo G2B. Os quadros 2 e 3 revelam o perfil dos entrevistados de cada um dos grupos.

Quadro 3-Perfil dos Entrevistados, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Escolaridade	Classe	Quem Emigrou	Ano da Migração	Destino
Antônio	41	Divorciado	Pintor	Fundamental Completo	C2	Ex-Cônjuge	2006	Portugal
Graça	51	Casada	Do lar	Superior Completo	B2	Cônjuge	2005	EUA
Solange	53	Casada	Professora	Superior Completo	B1	Cônjuge	2016	EUA
Maria	58	Casada	Faxineira	Fundamental Incompleto	C1	Cônjuge	1992	EUA

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 4-Perfil dos entrevistados, retornados que deixaram cônjuges ou ex-cônjuges na origem, Grupo G2B, Governador Valadares, 2016

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Escolaridade	Classe	Ano da Emigração	Destino	Ano do Retorno
Silvia	39	Divorciada	Faxineira	Fundamental Completo	C2	2008	Espanha	2012
Luís	56	Casado	Vigilante	Médio Completo	B2	2005	Portugal	2010
Otávio	61	Divorciado	Comerciante	Fundamental Completo	C2	1986	EUA	2010

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Há, nos dois grupos, o caso de homens que deixaram a esposa na origem para emigrar, como também dois casos de mulheres que deixaram seus cônjuges ou ex-cônjuges na origem com os filhos, sendo uma entrevista do ponto de vista de uma mulher emigrante, e outra de um homem que ficou. Esses dois casos são de pessoas que emigraram rumo à Europa, e não aos Estados Unidos.

### 6.2.1 *Motivação para Emigrar*

Como se pode constatar pelos Quadros 15 e 16, localizados no anexo deste trabalho, entre todos os entrevistados, apenas uma pessoa se mostrou totalmente favorável à emigração do cônjuge. Do lado dos retornados, nenhum contou com o apoio irrestrito do parceiro. Revela-se, assim, um alto grau de conflito intradomiciliar no que tange à decisão de migrar neste grupo de pessoas. Além de não concordar, muitos daqueles do grupo G2A revelaram-se impotentes frente à vontade do emigrante, como mostram os trechos abaixo:

E adianta concordar ou discordar? Homem só faz o que quer, minha filha. Não tem como concordar ou discordar, não. Homem faz o que ele quer fazer. (Solange, Governador Valadares, 2016)

A cabeça dela. Ela tem a dela e eu tenho a minha. Tem nada de achar, não. Ela que tem que achar se isso é bom pra ela ou não. Por mim, hoje tanto faz tanto fez. Com ela lá, ela aqui. (Otávio, Governador Valadares, 2016)

O primeiro trecho, de Solange, revela ainda um conflito de gênero presente dentro do domicílio e a opinião de que as decisões não são tomadas conjuntamente entre os parceiros, tendo os homens mais autonomia de decisão. Esse sentimento é coerente com o que foi discutido na conceituação teórica e faz coro à crítica a NELM, já que não se pode pensar o domicílio como um corpo único de aspirações semelhantes. (HAAS & FOKEMA, 2010). Mesmo Graça, que não fez nenhuma generalização sobre a relação entre homens e mulheres, mostrou-se bastante descontente com os planos de emigrar do marido. Tanto ela quanto Solange acreditam que o cônjuge poderia ter conseguido emprego ou oportunidade no Brasil, o que evitaria o projeto migratório. Aliás, em muitos momentos ao longo das entrevistas no Grupo G2A, a emigração foi reportada como ‘vício’. Ou seja, é algo que não necessariamente traz benefícios para a família domiciliar como um todo, mas que é vista pelo emigrante como a única saída possível para seus problemas. Em muitos casos, as mulheres disseram que o fato de o cônjuge não ter desenvolvido sua profissão no Brasil torna, por sua vez, mais difícil o projeto de retorno. Ainda, esse ‘vício’ reportado guarda relações estreitas com a cultura migratória da cidade, que coloca a emigração internacional como uma das principais alternativas no repertório de possibilidades das pessoas de médio e baixo poder aquisitivo.

No caso dos retornados, o quadro é bastante diverso, tendo apenas Luís negociado verdadeiramente o projeto com a cônjuge, apesar de suas objeções. Percebe-se, ainda, que a opinião do cônjuge guarda alguma rela o com a motiva o inicial para emigrar. Nos casos em que a emigra o teve fortes motiva es individuais, o cônjuge ou ex-cônjuge foram totalmente contrários ao projeto migratório; ao passo que nos demais, em que a emigra o tinha razões sobretudo familiares, os cônjuges acabaram por aceitar o projeto, ainda que relutantes.

  importante salientar que mesmo a emigra o aparecendo como estratégia de sobrevivência familiar, não se pode deixar de lado que muitas vezes ela ocorre também por motiva es individuais. Isso era notável no grupo dos jovens adultos que emigravam antes da transi o para maternidade ou casamento, confirmando-se também para alguns casos de pessoas que deixaram seus cônjuges na origem. Nestes, percebe-se que a emigra o tem, não raro, um efeito libertador, no qual a pessoa se vê longe do julgo familiar:

Eu vou saber? (risos) Tem que gravar tudo? Tem coisas ligadas ao relacionamento da pessoa, n ? Quando você tá trabalhando junto, os dois, um controla o financeiro. Aí, tem pessoas que não gostam de ser controladas no financeiro. De repente ele tem outras inten es de fazer com o dinheiro dele e que não quer que o outro companheiro saiba. (Entrevistada, Governador Valadares, 2016)

Finalmente,   importante salientar que as minúcias do processo de tomada de decisão e os conflitos existentes nesta etapa foram muito melhor desenvolvidos nas entrevistas das pessoas que aqui ficaram do que naquelas com retornados internacionais. Isso deixa claro que, para entender até que ponto a emigra o faz efetivamente parte de um projeto familiar,   necessário não somente ouvir as experiências daqueles que emigraram, mas, principalmente, dos que permaneceram, uma vez que são eles os que mais sofrem com as mudanças nos sistemas de cuidado ocasionados pela emigra o.

A adapta o das pessoas no destino nesse grupo se assemelhou muito àquela do grupo anterior. A maior parte teve auxílio da família no sentido amplo ou de amigos já instalados nos Estados Unidos e Portugal. Como os retornados do grupo G1A, os emigrantes e suas famílias relataram o conflito entre ‘viver aqui e viver l ’, justamente porque as obriga es com a família deixada no Brasil muitas vezes os impedia de se adaptar completamente no

destino. Os retornados, em especial, relataram o sentimento de que só vale a pena emigrar quando não se tem dependentes deixados para trás.

### *6.2.2 Uso e Envio de Remessas*

Novamente, a grande maioria dos entrevistados disse enviar ou receber remessas de algum tipo, com exceção de Antônio, cujo cônjuge foi para Portugal. Mais uma vez, como no caso de Pedro, do primeiro grupo, os emigrantes portugueses tendem a não enviar remessas à origem, diferentemente daqueles que vão com destino aos Estados Unidos. Ao contrário e ao que parece, esses têm como objetivo principal não o investimento em bens na origem, mas, simplesmente, viver com mais qualidade no destino, o que deve ocorrer, principalmente, devido aos baixos rendimentos do trabalho no país europeu. Diferentemente, entretanto, Sílvia, que teve como destino a Espanha, disse enviar remessas com regularidade aos filhos na origem. Mas, assim como outros, ela afirmou não ter realizado nenhum investimento no Brasil, tendo preferido ‘viver a vida de lá’.

Com relação ao uso das remessas, no caso do primeiro grupo, Maria e Graça disseram que as remessas são a principal fonte de renda da família e são usadas tanto para despesas correntes quanto para a reforma da casa. Neste ponto, é importante ressaltar uma questão essencial, muito pouco salientada nos estudos sobre famílias transnacionais e, menos ainda na abordagem da NELM. Enquanto a migração pode representar um contrato, na medida em que o homem, chefe de domicílio, se dispõe a enviar remessas ao domicílio na origem, a própria dependência econômica das mulheres que ficaram no Brasil as leva a não poder romper tal contrato. Enquanto que um parceiro divorciado no Brasil é obrigado a prover pensão ao cônjuge na medida em que este comprove a dependência financeira, o mesmo não ocorre caso este mesmo homem se encontre no exterior. Esse aspecto não foi abordado nas entrevistas, até mesmo devido à sensibilidade do assunto. Mas há que se levar em consideração que o emigrante no destino fica juridicamente invisível e que, portanto, as mulheres nesta situação se veem impossibilitadas de se divorciar sem que isso acarrete a prejuízos financeiros muito elevados. Não se está dizendo que elas, em sua maioria, quisessem o divórcio e não o fizessem porque são economicamente dependentes dos maridos no exterior. No entanto, esse fator tem de ser levado em consideração para entender o impacto das migrações internacionais sobre a dinâmica de configuração domiciliar, especialmente quando se tem em conta situações

em que a mulher não está satisfeita com o arranjo e, ainda assim, persiste no casamento, como será analisado mais adiante.

No geral, mais uma vez, a maioria dos entrevistados não relatou conflito no que tange ao envio de remessas. Sílvia, entrevistada do grupo G2B, foi das poucas mulheres que disseram ter tido problemas. Segundo a entrevistada – que emigrou logo após o divórcio e sem o apoio do ex-marido – as remessas enviadas não eram gastas para os fins apropriados. De acordo com ela, que deixou quatro filhos com o ex-marido na origem, o dinheiro que supostamente deveria ser usado para pagar o aluguel, por exemplo, era frequentemente desviado para outras finalidades. Além disso, ela relatou que depois da sua emigração, o ex-cônjuge deixou de trabalhar e contribuir com as despesas da casa. Isso, somado ao fato de ele tampouco auxiliar na criação dos filhos, a fez desistir do projeto migratório.

Demais da conta. Aconteceu de vezes de eu mandar dinheiro pra pagar o talão de água e não pagar a água, entendeu? Às vezes acontecia/vamos supor, mandava comprar um calçado pros meus meninos, e não comprava [...] A primeira coisa que ele fez foi parar de trabalhar. Aí me incomodou. (Entrevistada, Governador Valadares, 2016)

Além de Sílvia, Solange relatou ter problemas com o cônjuge por questões financeiras. Segundo ela, o marido envia dinheiro apenas para despesas eventuais para os filhos na forma de presentes, não contribuindo para as despesas correntes da casa.

No caso de Solange, vale ressaltar ainda que o fato de ela ser a chefe de domicílio, possuir ensino superior e ter renda própria a coloca em uma situação diferente das demais, que tendem a depender mais da renda do marido. Coincidência ou não, das três mulheres entrevistadas no primeiro grupo, ela é a única que falou abertamente sobre vontade de se divorciar, questão que será melhor desenvolvida a seguir.

### *6.2.3 Relação Conjugal e Cuidado com os Filhos*

Quando se atenta apenas para as questões das relações conjugais, percebe-se que há uma enorme variedade de conflitos neste quesito. Tanto Graça quanto Solange expressaram uma enorme dificuldade de adaptação ao projeto migratório dos cônjuges. Ambas disseram que achavam que os maridos poderiam encontrar trabalho no Brasil e que

cobravam o retorno dos parceiros. Percebe-se, assim, uma nova faceta das negociações: há, de um lado, a negociação que tange à decisão de migrar em si; e, de outro, a negociação que tange à duração da emigração. Se no início concordaram com a decisão dos maridos, as duas mulheres afirmaram discordar da duração do projeto migratório após a sua realização. Essa constatação é coerente com os achados de Dias, Machado e Silva (2015) e de Siqueira e Santos (2012), segundo os quais grande parte das mulheres entrevistadas estava em desagrado com a duração do projeto migratório dos maridos.

Em relação a esse aspecto, é importante fazer uma breve digressão sobre a questão do retorno. De modo geral, entende-se que um arranjo do tipo em que o homem emigra para outro país e deixa na origem cônjuge e filhos há de ser uma combinação temporária, especialmente no caso estadunidense em que a circulação das pessoas é praticamente impossível. Este caso seria, assim, completamente diferente daquele dos filhos que emigram deixando pais idosos na origem. O que se nota, entretanto, é que a emigração dos cônjuges pode muitas vezes durar mais tempo do que o esperado, o que pode ou não gerar conflitos. No caso de Maria, por exemplo, a entrevistada afirma já ter se acostumado com a ausência do marido, que emigrou ainda nos anos 1980. Apesar da regularização do cônjuge no exterior, eles não têm planos de curto prazo de viver juntos, seja no Brasil ou nos Estados Unidos. Esse é um típico caso em que a coresidência não se revela tão importante e em que as relações de cuidado à distância – nas dimensões prática, emocional e econômica – parecem ser suficientes. Já as situações de Solange e Graça são bastante diferentes. No caso da segunda, ela afirmou que cobra o retorno do marido, como revela o trecho abaixo:

Ah, eu posso te falar a verdade? Ele parece que adaptou tanto naquele lugar. Ele não tá aguentando mais ficar lá e trabalhar. Mas parece que ele adaptou naquele lugar. Ele fala que quer vir embora, mas eu não acredito [...] Eu já parei/eu nem cobro mais, sabe? Eu tive várias esperanças. Toda vez que ele falava que vinha eu aguardava. Aí daqui a pouco ele não vinha mais. Daqui a pouco ele falava que vinha. Aí eu perdi aquela expectativa de ficar esperando.  
(Graça, Governador Valadares, 2016)

Nesse caso, percebe-se que a possível existência de um contrato inicial foi rompido com o tempo, na medida em que o emigrante não retorna, apesar dos pedidos do cônjuge. Tal situação guarda relação estreita com a percepção da migração como 'vício'. Solange mostra-se ainda mais insatisfeita com a ausência do marido e pensa até mesmo em pedir

divórcio, o que pode ser fruto da sua maior independência financeira. Além disso, também revela que essa não é uma insatisfação só sua, mas também de outras mulheres na mesma circunstância:

Bota complicado nisso. Eu tô pra falar pra ele “meu filho, vamos fazer o seguinte: vamos separar? Que é melhor. Nós já tamos separados tem dez anos. Porque esse zãzã seu”. Teve época dele ir pra Ásia 4 vezes por ano. Ele ficava 1 ano mais na Ásia do que aqui. Ué? Por isso. Por isso. A distância ela acaba com as relações. E com os vínculos. A falta de convivência, né, a distância. Porque não é a mesma coisa, gente. Cê tá com a pessoa. Antes nem tinha o computador, né? Hoje já tem o computador. Imagina antes que nem computador tinha. Você falava com a pessoa só por telefone. Ficava anos sem ver. Minha irmã passou por isso. Ela foi, depois ela vinha. Mesmo tendo documento, ela ficava um tempão aqui por causa de uma filha que não é americana. Aí tinha que ficar aqui. O marido ia, ficava lá 2, 3 anos. Ela aqui sozinha com dois meninos. Ela chegava a comentar comigo assim: “Solange, quando o Márcio chega aí, é tão chato, que eu nem sei mais viver do lado dele.” (Solange, Governador Valadares, 2016)

A NELM argumenta que a duração da migração é calculada com referência às necessidades do domicílio. Uma vez que as necessidades estejam preenchidas, o retorno deve ocorrer. (POREMBESCU, 2015). Fica claro, entretanto, que mais uma vez o contrato e os cálculos de custo e benefício entre emigrante e domicílio na origem nem sempre são tão simples como podem parecer. Entre os casos analisados neste grupo, apenas o de Luís pareceu perfeitamente ajustado ao que predizia a NELM. De modo geral, ignora-se que o emigrante, depois de muito tempo no exterior, perde seus vínculos na origem e até mesmo a capacidade de se especializar. Isso dificulta as possibilidades de conseguir um novo emprego no Brasil. Além disso, cria-se uma série de demandas e um padrão de vida para a família domiciliar que só podem ser atendidos com remessas em moeda estrangeira. Uma das dimensões estratégicas da migração tal como proposto pela NELM é, ainda, a de investimento. Entretanto, são inúmeros os relatos de pessoas que, após juntar dinheiro por muito tempo nos Estados Unidos, investiram em negócios que não derem certo na origem. Esse foi o caso de Graça, que tentou montar uma fábrica de sucos com as remessas do marido. Uma vez que o investimento não tem o resultado esperado, a solução é permanecer no destino, adiando cada vez mais o projeto de retorno.

Além das insatisfações das mulheres em relação à ausência dos maridos, também houve relatos de relações extraconjugais ou suspeitas de relações extraconjugais, tanto no Grupo

G2A e G2B. A entrevista de Otávio, em especial, revela a assimetria de poder dentro do domicílio: enquanto a sua infidelidade foi justificada, o mesmo comportamento por parte de sua esposa era considerado inadmissível:

Não, só levei ela porque ela pediu pra ir. “Pelo amor de deus, me leva praí”. Minha irmã já tinha falado pra ela que eu tava com namorada. Aí descobriram. Eles falaram: “um homem casado, sua mulher é boa, você vai fazer isso?”. Aí eu falei: “eu tô sozinho aqui”. Aí falaram: “mas ela também tá lá”. “Só que ela tá perto de família e tudo”, “mas aqui cê tá também, não tem eu, não tem seu irmão?”. Eu falei: “não, eu sinto falta demais de carinho, afeto, aqui não tô tendo com vocês”. [...] Eu nunca deixei ela trabalhar. Eu trabalhava muito com brasileiro, tudo cantando as mulheres. Aí falei: “não, você vai ficar em casa”. (Otávio, Governador Valadares, 2016).

Segundo o entrevistado, “não há casamento que dure nos Estados Unidos” (Otávio, Governador Valadares, 2016). Isso ocorreria porque:

Mulher chega lá e começa a trabalhar. Aí tem o dinheiro dela. Aí quer fazer as coisas dela. Aí um tá em cima, de olho, cantando, cantando. E tem o cara que fica olhando pra mulher, vai destruir um lar, destruir uma família. Tem mulher que você olha pra ela e já vê que ela é safada. (Otávio, Governador Valadares, 2016).

Nesse caso, claramente, percebe-se a questão dos choques advindos da mudança de percepção dos papéis de gênero ocasionada pela migração. Com o ganho de autonomia das mulheres no destino, surgem diversos conflitos entre a concepção de mulher responsável pelo lar – ainda muito prevalente no Brasil – e a concepção da mulher também como provedora. Assim, o fato de as famílias estarem desterritorializadas é um desafio a mais para a compreensão dos arranjos transnacionais.

Outro ponto interessante de se observar e que tem estreitas relações com as disparidades de gênero é o fato de que, nos dois casos analisados em que a mulher emigrou, o laço conjugal foi rompido ou já havia sido rompido. Ou seja, ainda que a emigração do marido seja admissível por parte das mulheres, o contrário não é verdadeiro e leva, quase que invariavelmente, à separação. No caso em que os homens são ainda encarregados de cuidar dos filhos, surge uma série de problemas, como relata Sílvia, levando-nos para o próximo ponto, que é a reflexão sobre a relação de maternidade e paternidade à distância:

Falava. Conversava com ele. Pedia a ele pra poder não deixar as meninas sair e ele nem tchum. Ele falava: “tô garrado, não, tô garrado, não. Se tá achando ruim, vem embora cuidar. Vou ficar cuidando de menino procê ficar vivendo igual solteira, não”. E realmente, ele não cuidava, não. (Sílvia, Governador Valadares, 2016)

Quando o cuidado pessoal dos filhos é atribuído ao homem que ficou na origem, estes reclamam de que aquele não deveria ser, a rigor, seu papel. No caso de Antônio, o mesmo ressentimento não foi relatado já que, segundo o entrevistado, os filhos já eram mais ligados ao pai. Entretanto, no decorrer da entrevista fica claro que o entrevistado conta com a ajuda da irmã no cuidado das tarefas domésticas: “Eu tenho minha irmã que me ajuda, que ela que lava minha roupa. Ela faz almoço pra mim todos os dias (risos)”. (Antônio, Governador Valadares, 2016).

Diferentemente, as mulheres cujos cônjuges emigraram não se eximem das tarefas domésticas ou do cuidado dos filhos. É interessante observar ainda que, como no caso de Graça e Maria, os emigrantes são retratados como bons pais, que ajudam no sustento da casa e não deixam que ‘nada falte aos filhos’. Dessa forma, revela-se que, enquanto a imagem do homem como provedor não é abalada, mas reforçada, com a emigração, o mesmo não se pode dizer da mulher. Ainda que Sílvia dissesse poder enviar mais dinheiro aos filhos estando em Portugal do que se houvesse permanecido no Brasil, ela admite ter voltado porque as filhas não estavam recebendo a devida atenção por parte do pai. Reifica-se, assim, o que Hondagneu-Sotelo e Ávila (1997) discutiam sobre a revolução de gênero que as mulheres empreendem ao emigrar, transformado radicalmente as expectativas sociais em relação à maternidade. Assim, embora os pais não estejam faltando com seu papel de sustento da família, fica claro que criar os filhos sozinhas não é uma tarefa fácil para aquelas que ficaram na origem. Graça, por exemplo, que disse ter tentado poupar o marido o máximo possível dos problemas que passava na origem, revelou que criou os filhos com imensa dificuldade. Além disso, entre as pessoas entrevistadas nos Grupo G2A e G2B, a migração do cônjuge não gerou nenhum rearranjo fundamental no domicílio. As pessoas na origem não passaram a residir na casa de nenhum familiar e nem trouxeram familiares para apoiá-las no cuidado com as crianças. Seria preciso investigar esses processos mais a fundo, de modo a perceber se esse achado é ou não generalizável. Uma hipótese possível é se a migração for a princípio temporária, ela não geraria mudanças drásticas nos sistemas de cuidado dentro do domicílio. Se isso for verdade, poder-se-ia pressupor que a emigração do cônjuge gera arranjos

eminentemente monoparentais na origem, e não estendidos, como se aventou no Capítulo 5.

Algo que ainda ficou claro na fala dos entrevistados é a importância da violência nos processos de tomada de decisão. Se, no caso de Pedro, Portugal figurou como uma solução para se desvincular do tráfico de drogas, os entrevistados que eram de estratos sociais mais baixos revelaram sua constante preocupação com o envolvimento dos filhos em atividades ilícitas, fosse tráfico ou prostituição. Esse é um motivo de retorno, como no caso de Luís e Sílvia, e um fardo a mais para aquelas mães que se responsabilizaram sozinhas pelo cuidado das crianças, como é o caso de Graça.

#### *6.2.4 Balanço do Projeto Migratório e Planos Futuros*

No grupo G2A, todos os entrevistados – com exceção de Antônio, que já havia emigrado – afirmaram não ter vontade de emigrar, a despeito de terem seus companheiros vivendo no exterior. Tampouco esse é um desejo muito difundido entre os filhos, especialmente entre os que estudaram. Entre os que retornaram, dois disseram ter vontade de reemigrar, seja com os filhos, seja para ficar com o filho que reside no exterior.

Nesta seção, é importante atentar-se para o balanço do projeto migratório discutido pelos entrevistados dos dois grupos. No caso do primeiro, G2A, as três mulheres entrevistadas fizeram balanços quase que em uma escala de mais otimista a mais pessimista. De um lado, Maria disse que a educação dos filhos não teria sido possível caso o marido não tivesse emigrado, o que representa bem a sua satisfação com o projeto migratório. No caso de Graça, o balanço é misto e ressalta o lado negativo e positivo da emigração – respectivamente, a falta de cuidado pessoal por parte do marido e a condição financeira que ele pôde prover à distância. A entrevistada, entretanto, cobra o retorno do parceiro e se frustra na medida em que essa volta é adiada. No caso de Solange, o balanço é amplamente negativo e tem a ver justamente com o fato de ela não tirar nenhum proveito da emigração do marido, na medida em que já conquistou a sua independência financeira e é a maior provedora do domicílio. A sua sensação é ainda a de que a emigração destrói as famílias – sensação esta que é compartilhada por Otávio, no segundo grupo:

É uma confusão. Esse negócio de homem em um lugar, mulher no outro, é uma separação de família. Eu entendo como isso é uma

separação familiar. Leva à segregação familiar. Não acho que vale a pena, não. (Entrevistada, Governador Valadares, 2016)

Talvez se eu nunca tivesse ido, talvez eu não tinha perdido a família. A família, não digo a esposa, não, a família. Aí tava nós todo mundo junto aqui. O meu menino pegou papel, nasceu lá, foi pra lá, divorciei, vim, a minha menina foi pra Belo Horizonte. A minha menina podia estar aqui comigo e o meu menino também. (Entrevistado, Governador Valadares, 2016)

Luís, por outro lado, argumenta que a migração só pode ser bem-sucedida para pessoas que ainda não fizeram a transição para maternidade ou casamento, como no caso daqueles dos grupos G1A e G1B, o que também é corroborado por Otávio: “Só tem que preocupar lá. Não tem nenhum passarinho pra dar água, igual eu. Eles tão por conta deles” (Entrevistado, Governador Valadares, 2016).

Conforme discutido no Capítulo 2, é fundamental, assim, considerar os custos não-econômicos da emigração quando se pensa nas relações entre famílias domiciliares na origem e emigrantes. Em realidade, a emigração parece um projeto muito benéfico, para ambas as partes, quando se toma exclusivamente o aspecto financeiro das remessas. Entretanto, quando se leva em conta os rearranjos de cuidado e os custos (não-financeiros) que eles podem trazer para os que permaneceram na origem – como, por exemplo, no caso daqueles que tem de cuidar sozinhos dos filhos –, este processo torna-se muito mais complexo. Além disso, percebe-se que o contrato não é tão simétrico nessas situações. Se em alguns casos ficou claro que houve negociação entre os parceiros, em outros percebe-se a impotência da mulher frente à vontade dos maridos, seja quanto à decisão de emigrar, seja quanto à decisão de retornar. Estas, inclusive, encontram-se em situações econômicas delicadas, que as tornam muito dependentes daquele que está no exterior. Se há um contrato, este poderia ser mais bem retratado como um contrato leonino, em que as cláusulas beneficiam desigualmente as partes, devido justamente à assimetria de poder entre elas.

### *6.2.5 Considerações Finais*

Concluindo, pode-se dizer que, quando as pessoas emigram internacionalmente deixando cônjuges e filhos na origem, os arranjos de cuidado são completamente diferentes daqueles em que os indivíduos emigram antes da transição para maternidade e casamento.

Nesse caso, a tomada de decisão é mais complexa e o projeto pode acarretar mais danos para aqueles que ficaram. Além disso, ficaram mais claros nesses exemplos os conflitos intradomiciliares, no que diz respeito ao projeto migratório, à duração da migração e aos planos de retorno, o que é, em parte, derivado de desequilíbrios de gênero. Tais desequilíbrios levam a expectativas desiguais entre a emigração de homens e mulheres: se os homens são frequentemente redimidos da sua ausência pelo fato de enviarem remessas à família, e, assim, seguirem cumprindo com seu papel de provedores, as mulheres sofrem com a culpa, na medida em que os cônjuges não estão dispostos a assumir o papel de cuidado dos filhos na origem, como representado no caso de Sílvia.

### **6.3 Domicílios em que os Filhos foram Deixados na Origem sob a Responsabilidade de Avós e Retornados que, ao Emigrar, deixaram Filhos com seus Pais**

A seguir estão dispostos os Quadros 5 e 6 com o perfil dos entrevistados de cada um dos grupos analisados. O primeiro grupo, composto por pais de pessoas que emigraram deixando filhos sob sua responsabilidade, foi difícil de ser selecionado, dado que representa um evento raro em meio ao universo populacional. Por isso, ainda que se tenha buscado entrevistar apenas os chefes de domicílio – que poderiam dar informações mais acuradas sobre como o dinheiro era recebido e gasto e também como foi feita a decisão da pessoa de emigrar – houve uma exceção a este padrão. É o caso de Tiago, de 19 anos, entrevistado como representante do primeiro grupo. O jovem tinha uma mãe residente nos Estados Unidos e vivia atualmente com a avó. No momento da análise, serão feitas ressalvas no que diz respeito a este caso em especial.

Quadro 5-Perfil Socioeconômico, familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, G3A, Governador Valadares, Brasil

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Profissão</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Classe</b>	<b>Quem Emigrou</b>	<b>Ano da Migração</b>	<b>Destino</b>
Laércio	53	Casado	Pintor	Fundamental Completo	C1	Filha	2005	Portugal
Cândida	56	Casada	Do lar	Analfabeta	C2	Filho	2006	Portugal
Tiago	19	Solteiro	Estudante	Médio Completo	C1	Mãe	2000	EUA

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 6-Perfil Socioeconômico, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, G3B, Governador Valadares, Brasil, 2016

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Escolaridade	Classe	Ano da Emigração	Destino	Ano do Retorno
Amanda	32	Casada	Comerciante	Médio Completo	B2	2013	Portugal	2015
Natália	41	Casada	Comerciante	Fundamental Completo	B2	2004	Portugal	2012
Lúcia	55	Casada	Do lar	Médio Completo	-	1990	EUA	-

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Apesar de não haver nenhum critério de escolha segundo o destino, observam-se mais casos de mulheres e pessoas que emigraram a Portugal neste grupo em particular, o que é coerente com a análise descritiva. A seguir será analisado o primeiro grupo de códigos, que diz respeito à decisão de emigrar.

### *6.3.1 Vida na Origem Antes da Emigração e Motivação para Emigrar*

O ponto, sem dúvida, mais notável dentre esses grupos de entrevistados é que, em todos os casos, as crianças deixadas na origem já viviam com os avós, sendo esses, em sua maioria, os responsáveis principais já antes da emigração. Essa constatação contraria o senso comum, segundo o qual os avós seriam uma alternativa para os pais, em especial mães solteiras, que precisam emigrar internacionalmente sem levar seus filhos. Ao contrário, esse arranjo não parece emergir da emigração, mas sim, pode ser um fator de seletividade para aqueles que desejam emigrar: em casos em que os pais e mães já deixam os filhos sob responsabilidade dos avós, a emigração internacional poderia ser mais viável. Nos outros grupos previamente estudados, percebeu-se que ter filhos pequenos era um motivo muito forte para que as pessoas não emigrassem, especialmente no caso das mulheres. Se esses filhos, entretanto, já vivem sob uma noção de maternidade compartilhada, onde avós e avôs, tios e tias, e outras figuras principalmente do sexo feminino já têm responsabilidade sobre as crianças, a emigração tende a ser mais viável. Obviamente, não é possível fazer nenhuma inferência sobre a real incidência desse tipo de processo, mas as entrevistas levantam uma hipótese importante que poderia ser testada em trabalhos futuros: os domicílios com chefia de avós podem ser causa e não consequência do processo migratório, conforme discutido no capítulo anterior. O trecho

a seguir ilustra o caso em que a avó já assumia responsabilidade pelos netos muito antes da emigração: “Morava com nós aqui, é como se fosse tudo filho. Como se fosse duas irmãs. Não tinha autoridade, a avó dela que tinha.” (Entrevistado, Governador Valadares, 2016).

Essa naturalização dos avós como provedores de cuidado guarda estreita relação com a normativa de família na origem. Trabalhos como os de Hondagneau-Sotelo e Ávila (1997); Segura e Pierce (1993); e Castillo (1984) apontam para o fato de que as famílias latino-americanas tendem a valorizar o *familismo* e *compadrazgo*, termos que denotam a importância dos laços estendidos nessas culturas. Esse tipo de normativa de família, oposta ao modelo anglo-saxão mais individualista, poderia facilitar noções de maternidade compartilhada, nas quais as crianças são criadas conjuntamente por avós, *comadres* e outras figuras femininas. Na prática, de acordo com Hondagneau-Sotelo e Ávila (1997), essa normativa poderia facilitar a emergência da maternidade transnacional ao naturalizar essas formas compartilhadas de cuidado. Tal achado também é consistente com os trabalhos de Mazzucato et al (2015) para o caso africano, segundo os quais as normas de paternidade e maternidade sociais em Gana, Nigéria e Angola facilitam a decisão dos migrantes de deixar seus filhos com outros provedores de cuidado, e que esses mesmos provedores tomam essa iniciativa sem questionamento. No Brasil e em outros países latino-americanos, esse fenômeno provavelmente guarda, ainda, estreita relação com os altos índices de gravidez na adolescência<sup>6</sup> – que fazem com que as meninas e seus filhos continuem corresidindo na casa dos pais sem formar um novo domicílio.

Tal como aponta Mazzucato et al (2015), os avós provedores entrevistados não questionam a responsabilidade pelos netos. Apesar do fardo econômico e emocional, a maior parte dos familiares apoiaram a decisão dos filhos e filhas de emigrar. Ainda mais surpreendente é que esse apoio não estava ligado à ideia de que, com a emigração, se vislumbrava um ganho econômico para a família domiciliar. Em um dos poucos casos em que a motivação de ajudar a família foi a única razão para emigrar – como o de Amanda – a mãe relutou em aceitar a emigração da filha, ao contrário das famílias dos outros entrevistados. É interessante observar como a aceitação da família com relação ao projeto migratório está muito mais ligada aos casos em que o emigrante corria riscos na origem:

---

<sup>6</sup> No Brasil, em 2010, cerca de 19,3% das crianças nascidas vivas em 2010 no Brasil eram filhos e filhas de mulheres de 19 anos ou menos. (UNFPA, 2010)

neste caso há uma pressão familiar para a emigração. Também essa aceitação está presente quando o jovem é visto como inconsequente, e, neste caso, a emigração aparece como uma forma de ganhar responsabilidade:

A minha família achou até bom eu ir. Eu não tinha juízo, não. Bebia, saía pra rua, minha mãe ficava preocupada. Gostava de me divertir. Só que tinha filhos pequenos e os pais naquela altura não achavam que era certo. Não era certo, eu sabia que não era certo. Mas eu era nova...eu já não tive juventude. Eu fui viver com o pai deles, eu tinha quinze anos. (Natália, Governador Valadares, 2016)

Assim, para esse grupo, não fica claro o nexó postulado pela NELM de que a emigração surge como uma estratégia de sobrevivência familiar. Tampouco é válido dizer que há conflitos intradomiciliares nos casos analisados. A emigração parece ter, muitas vezes, motivações individuais e as famílias domiciliares não se opõem a estes projetos, tendo frequentemente pouco poder de interferência, ainda que tenham que arcar com os custos de cuidar das crianças que permaneceram na origem.

De fato, as motivações para emigrar foram das mais diversas ordens dentre esses entrevistados. Segundo a entrevistada Lúcia, a emigração foi uma forma de escape dessas situações de abuso, em que o pai e ex-marido eram coniventes:

Era *bullying*. Ele era *bullying* comigo. Ele dizia pro meu ex-marido “mate essa condenada. Joga ela dentro do rio. Depois nós vamos conversar”. Quando eu reclamava que o outro rapaz me batia, ele dizia pro rapaz: “mata ela. Depois a gente vai conversar”. Então o rapaz ficava cheio de asa pra me dar em minha cara. Sabe? Porque “cê não tem pai mesmo pra te defender, eu vou te quebrar toda”. E aí eu não aguentei mais. Aí acabou. O valente só é valente até que o covarde se levanta. E eu me levantei do nada. Do pó da terra, me levantei disso. Já não sou mais covarde, agora eu sou valente. [...] Então eu fui pra fugir. Fugir do meu eu daqui e começar um novo eu lá. Uma nova mulher, em uma nova terra, onde ninguém me conhecesse. (Lúcia, Governador Valadares, 2016)

Relatos como esse corroboram os estudos de Assis e Siqueira (2009) sobre o caso valadarense, para os quais a emigração feminina tem de ser enxergada muitas vezes não sob uma ótica puramente econômica, mas como uma alternativa para fugir da violência doméstica, dos limites sexuais impostos e problemas conjugais das mais diversas ordens.

Também dentre os entrevistados, estava o caso do filho de Cândida, que emigrou a Portugal, deixando os filhos com a mãe, após ser jurado de morte em conflitos envolvendo

tráfico de drogas. Mais uma vez faz saltar aos olhos a importância da violência como fator motivador da migração internacional e, em especial, a questão de Portugal como refúgio para jovens em situações de violência.

### *6.3.2 Adaptação no Destino*

De modo geral, não há muita diferença entre a forma de adaptação desse grupo e daqueles já analisados, apesar das motivações serem bastante diferentes. É perceptível que muitas das pessoas entrevistadas formaram novas famílias no destino, a despeito de terem deixado filhos no Brasil. Enquanto em alguns casos isso não foi motivo de problemas, em outros, essa divisão entre a família ‘daqui’ e a família ‘de lá’ foi fruto de conflitos e problemas emocionais, como no caso de Lúcia:

Aí a partir de um ano que você já viu, que você sofreu tanto, aí você começa a pensar em você. Aí a ambição chega. Aí você quer comprar um carro, umas joias, umas roupas, você começa a se enxergar dentro do país. E você pensa: “agora já tô entendendo o inglês, já tô começando a falar inglês, eu vou me deixar explorar menos”. Aí você começa a renunciar um pouco a sua família que ficou pra trás. Começa um ato de ambição tanto nas moças quanto nos rapazes. Começa a querer casar lá, ter filhos lá, a viver a vida de lá. E vai um ano, vai dois, três, quatro, cinco e se a pessoa adquire um esposo e filhos lá fica impossível regressar pra cá com filhos americanos. O que que passa? Você começa a ter um problema praticamente mental. (Lúcia, Governador Valadares, Brasil)

Esse trecho aponta, ainda, para uma hipótese que poderia responder ao fato das mulheres terem menor propensão a retornar do que os homens, conforme discutido no capítulo anterior. Ao contrário dos homens, que muitas vezes emigram deixando cônjuges na origem, as mulheres de modo geral ou emigram solteiras e divorciadas ou com seus maridos. Os seus incentivos para retornar são, assim, menores, especialmente se têm filhos no destino, como é o caso de Lúcia.

Também Natalia, entrevistada que foi para Portugal, reportou problemas e conflitos entre formar uma nova família no destino e deixar a família no Brasil. Mais uma vez, foi frequente entre os entrevistados o sentimento de que a migração só vale a pena quando não são deixados dependentes no Brasil. Assim, confirma-se a dificuldade do migrante ilegal e de baixo estrato social efetivamente se engajar em atividades transnacionais.

### 6.3.3 *Uso e Envio de Remessas*

Das seis pessoas entrevistadas neste último grupo, quatro enviam ou enviavam remessas regulares à origem com objetivo de auxiliar nas despesas correntes dos filhos. Entretanto, apenas duas delas – Lúcia e Amanda – disseram cobrir todos os gastos dos filhos na origem. O restante tinha ajuda de outros familiares, como pais e irmãos. Apesar de muitas vezes não serem capazes de custear os filhos no Brasil, são novamente escassos os casos reportados de conflito com relação ao envio e uso de dinheiro. Neste caso, o único que disse cobrar uma maior participação da filha com as despesas da neta foi Laércio: “Às vezes a gente pede ela pra ajudar, pelo menos um plano de saúde, uma coisa assim. Mas [...] ela vive lá igual ela vivia aqui. É só festa.” (Laércio, Governador Valadares, 2016)

A maior parte dos emigrantes de Portugal, como é o caso da filha de Laércio, do filho de Cândida e de Natália, disseram não conseguir enviar remessas significativas para o Brasil. Neste caso, as famílias domiciliares na origem têm papel primordial no cuidado econômico, prático e emocional dos netos. Ainda que tenham de arcar com esses custos, as queixas são muito poucas e a ideia de assumir a responsabilidade pelas crianças é algo visto como quase que natural. No caso de Cândida, a entrevistada reportou que ela própria envia remessas em espécie para o filho em Portugal e que mesmo que ele não tenha meios de sustentar as crianças deixadas na origem, ela não apoia a sua vontade de retornar:

Tá lá mesmo pra ficar lá mesmo, sabe? Porque eu tenho medo dele vir, sabe, e aí chega aqui ficar... né, sem trabalhar. Ficar no meio de coisa errada, se envolver aí, né? Aí ele tando lá, tá passando aperto mas eu sei que tá bem lá, sabe? (Cândida, Governador Valadares, 2016)

Além disso, percebe-se que, quando há remessas, essas não são destinadas a investir na origem, o que indica a não-intenção de retorno desses emigrantes. Sabendo que frequentemente os avós também arcam com os gastos monetários das crianças que ficaram na origem, serão analisados na Seção 6.3.4 os códigos referentes às outras dimensões de cuidado com as crianças e em como estas se relacionam com a maternidade transnacional.

### 6.3.4 Cuidado com os Filhos e Maternidade Transnacional

À primeira vista, o que se nota é uma enorme diversidade de arranjos de cuidado envolvendo as crianças que ficaram no Brasil. Há casos em que todos os filhos são deixados com apenas um responsável, enquanto que, em outros, cada criança ficou sob a guarda de uma pessoa diferente, nos casos em que os irmãos eram de pais diferentes. Mesmo quando todas as crianças residiam juntas na casa dos avós, o cuidado era muitas vezes subdividido com outros adultos, principalmente tias e madrinhas. Enquanto que na maioria dos casos analisados a responsabilidade principal era da avó materna, houve dois casos em que os avós paternos se fizeram responsáveis. Essa profusão de parentes responsáveis é coerente com o arranjo estendido em que vivem a maior parte das crianças filhas de emigrantes internacionais, conforme discutido no Capítulo 5.

Algo que chama a atenção é que não houve casos em que os dois pais tenham emigrado juntos; na maioria são as mães que ganham experiência internacional neste arranjo. O que dizer do pai ou da mãe que ficou no Brasil? Em todas as entrevistas, com exceção da de Tiago, foram relatados problemas com ausência paterna ou materna dos responsáveis que ficaram no Brasil. De modo geral, estes não estão presentes afetivamente ou economicamente na vida das crianças. Há ainda uma tendência por parte dos avós de não buscar alternativas legais para cobrar o pagamento de pensão alimentícia. A entrevista de Laércio ilustra bem esse comportamento:

Porque foi casual, né? e então, essas coisas assim o cara normalmente não volta. Ele mora em outra cidade e também a gente não mandou procurar, ir atrás nem nada, não. Nem de nada, nem de pensão, nem de nada. Se ele tá pra lá, não tem porque ficar cobrando ele nada. Não vai ajudar. Uma pensãozinha aí não vai ajudar nada. Não faz diferença, né? Os caras ganham tão pouco. Acho que é 30% uma pensão aí, 40%. Cê vai acabar atrapalhando a vida da pessoa lá por uma quantidade que não vai te ajudar aqui tanto. (Laércio, Governador Valadares, 2016)

Essa ausência paterna em especial é coerente com o fato de a maior parte das mulheres corresidirem com seus pais e filhos antes da emigração, indicando que houve ou separação ou que elas já eram mães solteiras. É provável que essa falta de vontade de cobrar uma participação do responsável que está no Brasil advenha novamente da

naturalização do arranjo em que os avós são os principais responsáveis pelos netos, afetiva e economicamente.

Essa naturalização leva justamente a situações em que as avós e os avôs são vistos como mães e pais das crianças que permaneceram na origem, sendo inclusive chamados como tais: “O mais velho mesmo me chama de mãe, né? De mãe e meu esposo de pai. E quando ele tava dentro de casa aqui, ia me chamando. E ele me chama de mãe até hoje. Tá com dezoito anos, me chama de mãe até hoje”. (Cândida, Governador Valadares, Brasil, 2016). Em quase todas as entrevistas, foi reportado que os avós têm total discricionariedade para tomar quaisquer decisões relacionadas à criação dos filhos: o poder da mãe passa a ser, assim, delegado, como numa espécie de adoção não-formal. O único caso em que a criação pareceu ser verdadeiramente compartilhada foi a de Tiago, cuja mãe dava conselhos frequentes por telefone e participava de todas as etapas da vida do menino. Fica claro, assim, que a maternidade transnacional não deve ser vista como um processo homogêneo. Frequentemente, as mães emigradas não participam ativamente da criação das crianças à distância, como muitas vezes a literatura do transnacionalismo faz parecer. Isso se dá por diversos motivos: naturalização da criação dos avós; falta de abertura das crianças; formação de novas famílias no destino, etc. Importante para um entendimento completo desses processos são, assim, as entrevistas simultâneas no destino – com os emigrantes – e na origem, com os provedores de cuidado. É provável, inclusive, que a tensão entre a maternidade que se espera das mulheres e a maternidade que é, na prática, delegada a outros parentes, leve muitas mães emigrantes a romantizarem suas experiências de maternidade transnacional.

Nesse mesmo sentido, a atribuição da paternidade aos avós por parte das crianças impactou de forma muito diferente os pais e, principalmente, mães emigrantes. Inclusive, vários dos entrevistados relataram que as crianças não sentem falta das mães emigradas justamente porque sempre viveram com os avós e estariam, assim, acostumadas com esse arranjo. De outro lado, os casos de Natália e Lúcia revelam que nem sempre essa situação é livre de conflitos. Ambas as entrevistadas relataram sofrimento ao ver que seus filhos não as reconheciam como mães, e, em algumas situações, as acusavam de abandono. Essa situação levou inclusive a reencontros problemáticos, marcados por tensões entre o que se esperava do afeto dos filhos e o que foi realmente recebido:

Eu na minha espera achava que ele ia sair de lá, ia ter comigo, me abraçar, me beijar e tal, aí ele veio correndo abraçou minha mãe, beijou minha mãe, e eu

fiquei quieta. Ele nem olhou pra minha cara. E eu comovi com aquilo e danei a chorar. Eu chorei, e chorei, e chorei tanto, tanto, tanto. Aí ele veio e me deu um abraço. Mas sabe aquele abraço seco? Pra fazer maldade pra mim. Ele falava “Ah, minha mãe, sabe, vó, que eu não fui criado com ela, que eu sou seco com ela”. Ele mesmo respondeu. Aí eu falei “Tudo bem, meu filho, é um direito seu. Eu não vou tirar o amor que cê tem pela sua vó nunca”. (Entrevistada, Governador Valadares, 2016).

Pode-se sugerir, assim, que não há um padrão claro entre a maneira como as várias pessoas exercem a maternidade ou paternidade transnacional e que o ideal seria fazer mais entrevistas dentre esse grupo particular de modo a perceber os padrões e tendências mais claramente.

### *6.3.5 Balanço da Migração e Considerações Finais*

As entrevistas revelam que, de modo geral, os filhos que ficaram no Brasil não pensam em emigrar, quaisquer que sejam as vontades dos pais. Os entrevistados do primeiro grupo não têm opinião muito clara sobre os benefícios do projeto migratório, o que é coerente com o fato de não esperarem retornos financeiros dos filhos que estão no exterior. No segundo grupo, Amanda também foi positiva com relação à emigração, e disse que, apesar de perder no plano afetivo com o filho, pode prover a ele uma melhor condição de vida estando em Portugal, o que configura claramente uma estratégia de sobrevivência familiar. Já nos casos de Lúcia e Amanda, revelou-se que os custos do projeto foram maiores que seus benefícios. Esse entendimento está profundamente relacionado aos problemas advindos da maternidade que ambas enfrentaram. Natália reforça uma assertiva feita por vários entrevistados, tal como relatado ao longo deste trabalho: o de que migrar só vale a pena quando se é solteiro e sem filhos. Neste caso, segundo os entrevistados seria mais fácil se adaptar completamente ao destino, sem ter que se privar para enviar remessas ou passar por problemas afetivos relacionados à distância.

A partir do capítulo 5 ficou claro a importância da chefia dos avós nos domicílios com emigrantes internacionais, indicando que esses devem ser os principais responsáveis pelas crianças filhas de emigrados internacionais. Se, à primeira vista, esse fenômeno parecia uma consequência da emigração, as entrevistas em profundidade levantam dúvida sobre

a verdadeira direção de causalidade. Deixar as crianças sob responsabilidade dos avós é posterior à emigração ou os arranjos estendidos diminuem os custos para as pessoas, especialmente mulheres solteiras, que querem emigrar internacionalmente? Essa pergunta não pode ser respondida apenas a partir das informações disponíveis, mas pode ser tema de trabalhos futuros.

O que se apreende das entrevistas deste grupo é, ainda, que muitas das pessoas que emigram deixando filhos na origem sob a responsabilidade de outros – principalmente avós – partem de situações de maior vulnerabilidade. Em geral, essas não são estratégias de sobrevivência familiar em que os custos e benefícios são cuidadosamente calculados por cada um dos membros do domicílio. Muitas são mães solteiras ou divorciadas que tiveram seus filhos muito jovens, às vezes mesmo de pais diferentes, e que já viviam na casa dos pais. As motivações incluem também considerações não-econômicas, como violência, relações abusivas na origem e mesmo irresponsabilidade, o que fazia com que as famílias apoiassem a decisão de emigrar a despeito de terem de arcar com grande parte das despesas dos netos.

## 7.CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objetivo compreender as negociações, arranjos e conflitos existentes, em torno da migração internacional dentro das famílias domiciliares na origem, para o caso específico do município de Governador Valadares, em Minas Gerais, Brasil. Mais especificamente, os objetivos foram analisar a composição por sexo e idade do fluxo migratório para os dois principais destinos dos emigrantes na região, Estados Unidos e Portugal; verificar quais são as principais configurações demográficas de domicílios que têm ao menos um de seus membros vivendo no exterior; levantar hipóteses sobre como essa configuração, incluindo a formação e dissolução dos domicílios, afetou ou foi afetada pelo processo migratório; compreender de que modo e por que os domicílios no local de origem influenciaram a decisão dos seus membros de migrar; observar se o processo de migração gerou conflitos intradomiciliares; por último, entender como se dá a circulação de cuidado, em sentido amplo, em diferentes arranjos domiciliares na origem.

Com relação ao primeiro objetivo, discutiram-se as enormes dificuldades de se aferir a real composição por sexo e idade dos fluxos segundo destino, a partir da informação censitária. Em termos gerais, revelou-se que o fluxo de Governador Valadares é relativamente equilibrado por sexo e concentrado nas idades ativas, sendo que os homens ganham preponderância sobre as mulheres a partir dos 30 anos para o caso estadunidense. Comparativamente, o fluxo para Portugal tende a ser mais jovem do que aquele rumo aos Estados Unidos, o que pode estar relacionado ao fato de os custos da viagem serem mais reduzidos para o destino europeu. Além disso, as entrevistas revelam que Portugal figura como uma alternativa para aqueles jovens que buscam escapar de situações de violência nas periferias de Governador Valadares. Esse fator pode ajudar a explicar a preponderância do grupo de 15 a 19 anos na emigração valadarense a Portugal, diferentemente do que se observa no caso americano.

Distintamente do que se pressupôs a partir da revisão da literatura, não há mais crianças emigrando para Portugal, a despeito das facilidades de reunião familiar do país europeu. Uma explicação para isso é que, em função das pessoas que emigram para Portugal pertencerem a estratos socioeconômicos mais baixos, o custo de se levar uma criança, ainda que por vias legais, é muito alto. Além disso, há que se ter em conta a falta de

suporte social no país de destino, que faz com que mães tenham frequentemente de optar por arranjos de cuidado não-familiares, como creches e babás. No Brasil, por outro lado, as pessoas contam com uma ampla rede de suporte, dada principalmente por avós e tias, o que facilita que essas crianças sejam deixadas na origem. Conclui-se, assim, que, se a política migratória formal é importante para moldar a seletividade migratória, talvez ainda mais relevante sejam as normativas de família que imperam nas sociedades de origem, bem como os custos da emigração e a disponibilidade de arranjos formais de cuidado acessíveis no destino.

Com relação à seletividade por sexo, os resultados revelaram que o estoque de emigrantes internacionais que emigraram na última década é majoritariamente masculino nos Estados Unidos e majoritariamente feminino em Portugal. Entretanto, ressaltou-se que a informação de estoque não é equivalente à informação do fluxo. Se há alguma seletividade no retorno, as pessoas de um determinado sexo podem retornar em maior proporção e inflar a proporção de pessoas do outro sexo que atualmente residem no exterior. De fato, ficou claro que pode haver seletividade por sexo no caso valadarense, tendo os homens maior propensão a retornar do que as mulheres. Entre os fatores que podem explicar a maior aderência das mulheres ao destino está o fato de muitas não terem emigrado por motivos de trabalho, mas de reunião familiar, o que as torna menos vulneráveis a oscilações de emprego; e também o fato de os homens muitas vezes deixarem cônjuges na origem, ao contrário das mulheres, que tendem a emigrar com seus maridos ou solteiras e divorciadas. Tendo em conta o retorno, reforça-se que a emigração aos Estados Unidos é preponderantemente masculina, uma vez que o estoque de homens é maior, bem como o seu volume nos fluxos de retornados. Já no caso português, a configuração é dúbia, uma vez que há mais mulheres no destino, porém mais homens retornando. Em linhas gerais, entretanto, é muito provável que o fluxo rumo a Portugal seja mais feminino do que aquele rumo aos Estados Unidos, o que pode ser resultado das especificidades da demanda de mão-de-obra na Europa, como também da facilidade da travessia, conforme discutido na revisão da literatura.

Ainda que haja algumas diferenças da seletividade dos fluxos para os dois países, as configurações dos domicílios que têm membros no exterior não diferem muito entre Estados Unidos e Portugal. A principal diferença entre os dois destinos está na condição socioeconômica dos domicílios analisados, sendo que aqueles com emigrantes em Portugal tendem a pertencer a estratos socioeconômicos mais baixos – o que,

provavelmente, já era um efeito de seleção e que é reforçado pelo valor reduzido das remessas desde o país europeu.

Com relação ao segundo objetivo, observou-se as diferenças fundamentais entre os domicílios com emigrantes internacionais e sem emigrantes internacionais, sendo que naqueles predominam configurações do tipo estendida e monoparental, em detrimento de arranjos com casais com filhos. Além disso, verificou-se que há maior incidência de mães ausentes, chefias de avós, crianças corresidindo com idosos e gerações puladas nesses casos. É difícil traçar uma única explicação conclusiva para a diferença entre esses arranjos, já que eles podem ser fruto de diversos fatores. Para o caso dos domicílios monoparentais, entendeu-se que eles seriam resultado da emigração de um chefe que deixou na origem cônjuge e filhos. Entretanto, ao analisar as entrevistas em profundidade, concluiu-se que os domicílios monoparentais também podem ser causa da emigração. Nesse caso, a ausência paterna torna o domicílio mais vulnerável e a emigração de um dos filhos surge como uma alternativa viável para superar essa condição. O maior número de domicílios estendidos, por sua vez, parecia ser fruto de situações em que os pais idosos passam a corresidir com seus filhos e seus respectivos núcleos familiares. Entretanto, dada a grande incidência de avós chefes de domicílio, também se inferiu que se deve tratar de situações em que as crianças são deixadas sob a responsabilidade dos avós durante a emigração. De fato, na maior parte dos domicílios com emigrantes internacionais e mães ausentes, os avós são os chefes de domicílio. Esses avós corresidem com outros parentes além dos netos, uma vez que a prevalência de domicílios com geração pulada é pequena.

Os resultados dessa dissertação são inferências e postulados imperfeitos, uma vez que não se tem certeza de qual era a posição do migrante em relação ao chefe do domicílio atual. Apesar das limitações, acredita-se ter chegado a resultados importantes e empiricamente fundamentados para entender os arranjos das famílias domiciliares dos emigrantes internacionais na origem. De modo geral, no caso valadarense prevalecem três situações. A primeira é aquela em que o filho emigra, deixando na origem pais idosos, os quais geralmente corresidem com outros parentes. Na segunda, o chefe de domicílio emigra, deixando na origem cônjuge e filhos, resultando em arranjos monoparentais ou estendidos, no caso em que o cônjuge passa a residir com outros parentes. Finalmente, na terceira, o jovem emigra, em geral solteiro, e deixa os filhos sob a responsabilidade dos avós, também resultando em arranjos estendidos.

Com relação aos objetivos 3, 4 e 5, quais sejam - compreender de que modo e por que os domicílios no local de origem influenciaram a decisão dos seus membros de migrar; observar se o processo de migração gerou conflitos intradomiciliares; e entender como se dá a circulação de cuidado em diferentes arranjos domiciliares na origem cada tipo de ciclo de vida do domicílio acarreta diferentes relações de cuidado entre migrante e família domiciliar na origem, assim como diferentes tipos de negociações quanto à decisão de emigrar, retornar e enviar remessas – chegou-se a resultados diversos. Ao contrário do que pressupunha a Nova Economia da Migração, não ficou claro o nexos entre a migração como estratégia familiar, ou domiciliar, e a decisão de emigrar. No caso dos domicílios em que os filhos emigraram antes do casamento ou paternidade, a motivação de emigrar para ajudar família não estava necessariamente relacionada ao apoio da família. Ainda que muitos tenham se beneficiado das remessas enviadas pelos residentes no exterior, a emigração se mostrou ser um projeto altamente individual e pouco negociado no seio da família domiciliar. Além disso, as remessas não foram fruto de conflitos. Uma das explicações é justamente a de que nesses casos a emigração não era vista como uma estratégia familiar, de modo que os pais não se sentiam no direito de cobrar maior participação dos filhos. Um resultado não esperado foi o de que os projetos migratórios mais apoiados pelas famílias eram justamente aqueles que não tinham nenhuma motivação econômica ou familiar: os casos das pessoas que emigraram para fugir de situações de violência na origem. De fato, ficou clara a importância do envolvimento em atividades ilícitas como fator de tomada de decisão entre as famílias mais pobres e, em especial, de Portugal, como uma espécie de refúgio em situações de violência. Ao deixar de ver a migração por motivos não exclusivamente econômicos e também a migração como projeto individual, a Nova Economia da Migração tende a ignorar processos que ocorrem de maneira recorrente na periferia das cidades dos países em desenvolvimento.

Ao contrário do que se esperava, tampouco as pessoas que emigraram deixando filhos na origem tinham motivações de tipo puramente estratégico e familiar. Observou-se que, em muitos casos, o arranjo em que os avós são os principais responsáveis pelos netos precede a emigração internacional. Contribui para isso a noção de maternidade compartilhada que impera nos países de cultura latina, conforme discutido a partir do referencial teórico. Nesse caso, o cuidado dos avós com as crianças aparece, até certo ponto, naturalizado e pode tender a favorecer a emigração de mulheres jovens, solteiras ou divorciadas, com filhos. O arranjo estendido seria, nesse caso, causa e não consequência do processo

migratório. Ainda ficou claro que não necessariamente os emigrantes eram capazes de cobrir todos os gastos das crianças na origem e que os avós eram seus grandes responsáveis econômicos e afetivos. De maneira geral, o cuidado com os filhos foi simplesmente delegado a outros responsáveis durante a emigração o que, frequentemente, gerou conflitos no retorno. Assim, ainda que a noção de maternidade compartilhada prevaleça na origem, ela parece estar em constante contradição com a noção de maternidade tradicional que muitas vezes se espera dessas mulheres.

No caso das famílias em que o chefe emigrou deixando cônjuge e filhos no Brasil, a emigração é aquela que parece ter o caráter mais verdadeiramente familiar. Entretanto, ao analisar as entrevistas ficou claro que tampouco nesses casos há sempre um contrato verdadeiramente acordado dentro da família. Em consonância com outros trabalhos já realizados na região (SILVA, MACHADO & DIAS, 2015), observou-se que grande parte das mulheres não estavam satisfeitas com a emigração dos maridos, seja no momento da tomada de decisão, seja no que diz respeito à duração do projeto migratório. Algumas revelaram que sentiam falta dos maridos na criação dos filhos, especialmente em contextos de violência urbana. Por sua vez, os retornados também relataram queixas das companheiras ou ex-companheiras. Fica claro, portanto, que ainda que se possa falar que a emigração trouxe ganhos econômicos na maior parte desses casos, fatores de ordem reprodutiva também são importantes para avaliar os custos e benefícios da emigração, algo que é frequentemente pouco explorado pelas teorias que tratam do tema.

Em geral, os entrevistados revelaram que não são capazes de levar uma vida verdadeiramente transnacional, ou seja, viver com qualidade no destino e seguir ajudando a família na origem. O balanço é de que emigrar só vale a pena quando não são deixados dependentes no Brasil, o que facilita o processo de adaptação no exterior. Essa constatação demonstra que é necessário enxergar o transnacionalismo com cautela e que, muitas vezes, as pessoas de classes socioeconômicas mais baixas não são capazes de levar vidas verdadeiramente transnacionais, como já alertavam Portes, Guarnizo e Landolt (1999).

À guisa de conclusão, percebe-se que há uma clara diferença entre os domicílios com emigrantes internacionais e sem emigrantes internacionais, inclusive quando comparados aos domicílios com apenas emigrantes internos, o que revela que a emigração internacional é um importante fator de rearranjo domiciliar, da mesma maneira em que

ela é afetada pela composição dos domicílios. Ainda que a análise censitária não pudesse ser suficiente para traçar considerações sobre a direção de causalidade desses processos, as entrevistas qualitativas fornecem pistas e permitem levantar hipóteses sobre alguns desses fenômenos. As mesmas também foram fundamentais no sentido de entender a complexidade dos processos de tomada de decisão e das relações de cuidado travadas à distância entre emigrantes e suas famílias domiciliares na origem. Percebeu-se que quando se trata a emigração internacional como um projeto puramente econômico, estratégico e familiar, perde-se a miríade de situações em que não há um contrato entre emigrante e domicílio; em que as pessoas emigram por motivos de violência; e em que os membros do domicílio têm poder de decisão distintos e não atuam como um corpo coeso de percepções e aspirações similares.

As questões que não puderam ser respondidas por meio desta análise podem, ainda, gerar trabalhos futuros. Em primeiro lugar, seria imprescindível a realização de entrevistas de histórias de vida, que pudessem determinar a ordem temporal das mudanças nos domicílios em relação à migração internacional, com um número representativo de participantes. Dessa forma, seria possível saber se determinado evento – por exemplo, o fato de as crianças residirem com os avós – precedeu ou não a migração e traçar conclusões generalizáveis a respeito da direção de causalidade entre migração e estrutura familiar. Em segundo lugar, em pesquisas futuras, seria interessante criar um algoritmo, baseado em características como idade e sexo, para a determinação da relação de parentesco provável entre migrante chefe de domicílio. Finalmente, um trabalho posterior também poderia se debruçar mais atentamente sobre a comparação entre a migração rumo os Estados Unidos e Portugal. Como se revelou por meio da análise censitária e das entrevistas em profundidade, esses dois fluxos possuem diferenças fundamentais capazes de relevar como regimes migratórios distintos impactam na seletividade migratória e nas relações entre famílias transnacionais.

## REFERÊNCIAS

- AIROLA, Jim. The Use of Remittance Income in Mexico. **The International Migration Review**, v.41, n.4, p.850-859, 2007.
- ARIZA, Marina. Care Circulation, Absence and Affect In Transnational Mothering. In: BALDASSAR, Loretta; MERLA, Laura. **Transnational Families, Migration and the Circulation of Care: understanding mobility and absence in family life**. London: Routledge, 2014.
- ASSIS, Gláucia; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres Emigrantes e a Configuração de Redes Sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. **REMHU**, v.16, p.25-46, 2009.
- BAKEWELL, Oliver. Some Reflections on Structure and Agency in Migration Theory. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v.36, n.10, p. 1689-1708, 2010.
- BALDASSAR, Loretta; WILDING, Raelene; BALDOCK, Cora. Long Distance Care-Giving, Transnational Families and The Provision of Aged Care. In: PAOLETTI, Isabella. **Family Caregiving for Older Disabled People: relational and institutional issues**. New York: Nova Science, 2007
- BLACKMAN, Tim. Defining Responsibility for Care: approaches to the care of older people in six European countries. **International Journal of Social Welfare**, v.9, n.3, p.181-190, 2000.
- BONIZZONI, Paola; BOCCAGNI, Paolo. Care and Circulation Revisited. In: MERLA, Laura; BALDASSAR, Loretta (org). **Transnational Families, Migration and the Circulation of Care: understanding mobility and absence in family life**. London: Routledge, 2014.
- BRIERE, Benedicte et al. **The Role of Destination, Gender, and Household Composition in Explaining Remittances: an analysis for the Dominican Sierra**. The World Bank, 2000.
- CAMARANO, A, et al. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. (Org). **Os Novos Idosos Brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.
- CAMPOS, Marden. Estimativas de Migração Internacional no Brasil: os velhos e os novos desafios. In: OLIVEIRA, Antônio; OLIVEIRA, Luis. (Org) **Reflexões Sobre os Deslocamentos Internacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- CAMPOS, Marden. Medidas de Emigración Internacional Basadas en la Información Proporcionada por Personas que Convivieron con los Emigrantes: la experiencia brasileña con el Censo Demográfico de 2010. In: CEPAL. **Notas de Población 98**. Santiago: CEPAL, 2014.
- CARLING, Jorgen. The Determinants of Migrant Remittances. **Oxford Review of Economic Policy**, v.24, n.3, p.581-598, 2008.

CARLING, Jorgen; MENJIVAR, Cecilia; SCHMALZBAUER, Leah. Central Themes in the Study of Transnational Parenthood. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v.38, n.2, p.191-217, 2012.

CARVALHO, José Aberto Magno de; RIGOTTI, José Irineu Rangel. As Migrações nas Cidades Médias de Minas Gerais e seus Impactos no Crescimento e na Composição por Sexo e Idade da População no Período 1980-2010. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.32, n.2, p.235-256, 2015.

CARVALHO, José Alberto Magno de., et al. Efeitos Diretos e Indiretos das Migrações Internacionais no Brasil: uma análise a partir do Censo Demográfico 2010. In: VII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE POPULAÇÃO, 2016, Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu: ALAP, 2016.

CONWAY, Dennis; COHEN, Jeffrey. Consequences of Migration and Remittances for Mexican Transnational Communities. **Economic Geography**, v.74, n.1, p.26-44, 1998.

COX, Alejandra; URETA, Manuelita. International Migration, Remittances, and Schooling: evidence from El Salvador. **Journal of Development Economics**, v.72, p.429-461, 2003.

CRESWELL, John; CLARK, Vicki. **Designing and Conducting Mixed Method Research**. London: Sage, 2011.

DALEN, Hendrik ;GROENEWOLD, George; FOKEMA, Tineke. The Effect of Remittances on Emigration Intentions in Egypt, Morocco and Turkey, **Population Studies**, v.59, n3, p.375-392, 2005

DAS, Marjolin; VALK de Helga; MERZ, Eva Maria. Mother's Mobility after Separation: do grandmothers matter? **Population, Space and Place**, v.1, n.1, 2016.

DODSON, Belinda. **Women on the Move**: gender and cross border migration to South Africa. Cape Town: Southern Africa Migration Project, 1998.

DEBIAGGI, Sylvia. Famílias Brasileiras em um Novo contexto Cultural. In: MARTES, Ana; FLEISCHER, Soraya. **Fronteiras Cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FAZITO, Dimitri. **Reflexões sobre os Sistemas de Migração Internacional**: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários. Tese de Doutorado, CEDEPLAR, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

FAZITO, Dimitri. Análise de Redes Sociais: dois aspectos fundamentais do retorno. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.25, n.2, 2010.

FAZITO, Dimitri; RIOS-NETO, Eduardo. Emigração Internacional de Brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel de intermediação nos deslocamentos exercido pelas agências de turismo. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.25, n.2, 2008.

FAZITO, Dimitri; SOARES, Weber. The Industry of Illegal Migration: Social Network Analysis of the Brazil-US Migration System. **International Migration**, v.53, n.6, 2013.

FERNANDES, Duval; CONSOLAÇÃO, Maria. Migração e Crise: o retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 21, n.4, p.99-116, 2013.

FINCH, Janet. **Family Obligations and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 1989

FUSCO, Wilson. **Redes Sociais na Migração Internacional**: o caso de Governador Valadares. Dissertação de Mestrado: NEPO, Unicamp, 2000.

FUSCO, Wilson. **Capital cordial**: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Tese de Doutorado: NEPO, Campinas, 2005.

GOZA, Franklin. Redes sociais e a Integração de Brasileiros no Canadá e nos Estados Unidos. In: MARTES, Ana; FLEISCHER, Soraya. **Fronteiras Cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GUZMÁN, José. **Envejecimiento y Desarrollo en América Latina y Caribe**. Santiago de Chile: CEPAL, 2002.

HAAS, Hein; FOKKEMA, Tineke. Intra-household Conflicts in Migration Decisionmaking: return and pendulum migration in Morocco. **Population and Development Review**, v.36, n.3, p.541-561, 2010

HAAS, Hein. Migration and Development: policy lessons from the Moroccan experience. In: CORTINA, Jeronimo; REZA, Ochoa. **New Perspectives on International Migration and Development**. New York: Columbia University Press, 2013.

HARBISON, S.F. Family Structure and Family Strategy in Migration Decision Making. In: JONG; GARDNER (org). **Migration Decision Making**: multidisciplinary approaches to microlevel studies in developed and developing countries. New York: Pergamon Press, 1981.

HOCHSHILD, Arlie Russel. Love and gold. In: RICCIUTELLI; MILES; MCFADDEN (Org). **Feminist Politics, Activism and Vision**: local and global challenges. Toronto: Zed/Innana Books, 2005.

HODDINOTT, John. A Model of Migration and Remittances Applied to Western Kenya. **Oxford Economic Papers**, v.46, n.3, p.459-476, 1994.

HONDAGNEAU-SOTELO, Pierrette. **Domestica**: immigrant workers cleaning and caring in the shadows of affluence. Los Angeles: University of California Press, 2007.

HONDAGNEAU-SOTELO, Pierrette; AVILA, Ernestine. I'm here but I'm there: the meanings of latina transnational motherhood. **Gender and Society**, v.11, n.5, p. 548-571, 1997.

JOFFE-BLOCK, Jude. Women crossing the U.S border face sexual assault with little protection. *Fronteras*, 2014.

LEEVES, Gareth. Migration Plan and Received Remittances: evidence from Fiji and Tonga. **The International Migration Review**, v.43, n.1, p.160-177, 2009.

LEVITT, Peggy; JAWORSKY, Nadya. Transnational Migration Studies: past developments and future trends. **The Annual Review of Sociology**, v.33, p.129-156, 2007.

LUCAS, Robert; STARK, Oded. Motivations to Remit: evidence from Botswana. **Journal of Political Economy**, v. 93, n.5, p. 901-918, 1985.

MACHADO, Igor. Reordenações da Casa no Contexto Migratório de Governador Valadares, Brasil. **Etnográfica**, v.14, n.1, p.5-26, 2010.

MACHADO, Igor; REINS, Ellen. Algumas Conclusões acerca do Fluxo de Valadarenses para Portugal. **Teoria & Pesquisa**, v. 16, p. 153-166, 2007.

MALHEIROS, Jorge. Brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos. In: MALHEIROS, Jorge. (Org). **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: Observatório da Imigração, 2007.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil**: Imigrantes brasileiros em Nova York. Campinas: Papirus, 1994.

MARGOLIS, Maxine. Na Virada do Milênio: A emigração brasileira para os Estados Unidos. In: MARTES, Ana; FLEISCHER, Soraya. **Fronteiras Cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003

MARTES, Ana; SOARES, Weber.. Remessas de Recursos dos Imigrantes. **Estudos avançados**, v.20, n.57, p.41-54, 2006.

MASSEY, D. et al. Theories of International Migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, v.19, n.3, p.431-466, 1993

MASSEY, D; PARRADO, Emilio. The Remittances and Savings of Mexican Migrants to the USA. **Population Research and Policy Review**, v.13, n.1, p.3-30, 1994.

MASSEY, D; SANA, Mariano. Household Composition, Family, Migration, and Community Context: migrant remittances in four countries. **Social Science Quarterly**, v.86, n.2, 2005.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAZZUCATO, V. et al. International Parental Migration and the Psychological Well-being of Children in Ghana, Nigeria and Angola. **Social Sciences & Medicine**, v. 132, pp.215-224, 2015.

MENG, Xin; YAMAUCHI, Chikako. Children of Immigrants: the impact of parental migration on their children's education and health outcomes. **GRIPS Discussion Papers**, National Graduate Institute for Policy Studies, 2015.

MERLA, Laura; BALDASSAR, Loretta. Locating Transnational Care Circulation in Migration and Family Studies. In: MERLA, Laura; BALDASSAR, Loretta (org). **Transnational Families, Migration and the Circulation of Care**: understanding mobility and absence in family life. London: Routledge, 2014.

ROSSI, Pedro Linhares. Remessas de Imigrantes Brasileiros em Portugal. Inquérito por Amostragem a Imigrantes Brasileiros em Lisboa, Porto e Setúbal. **Socius Working**

**Papers** n.º 10/2004 (Instituto Superior de Economia e Gestão ), Socius - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações (ISEG), 2005.

SOARES, Weber. **Da Metáfora à Substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. Tese de Doutoramento: Cedeplar, UFMG, 2002.

OSAKI, Keiko. Migrant Remittances in Thailand: economic necessity or social norm. **Journal of Population Studies**, v.20, n.2, Set.2003.

PADILHA, Beatriz. A Imigrante Brasileira em Portugal: considerando o género na análise. In: MALHEIROS, Jorge. (Org). **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: Observatório da Imigração, 2007.

PARREÑAS, Rhacel. Mothering from a Distance: emotions, gender, and intergenerational relations in Filipino transnational families. **Feminist Studies**, v.27, n.2, p.361-390, 2001.

PEIXOTO, João; FIGUEIREDO, Alexandra. Imigrantes Brasileiros e Mercado de Trabalho em Portugal. In: MALHEIROS, Jorge. (Org). **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: Observatório da Imigração, 2007.

PELLEGRINO, Adela. **Migration from Latin America to Europe**: trends and policy challenges. Genebra: IOM, 2004.

PINHO, Felipa. **Transformações na Emigração Brasileira para Portugal**: de profissionais a trabalhadores. Tese de Doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2014.

PORIO, Emma. Global Householding, Gender, and Filipino Migration: a Preliminary Review. **Philippine Studies**, v.55, n.2, p.211-242, 2007.

PORTES, Alejandro. Theoretical Convergences and Empirical Evidence in the Study of Immigrant Transnationalism. **The International Migration Review**, v. 37, n.3, 2003.

PORTES, Alejandro. Development and Segmented Assimilation: a conceptual review of evidence. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v.610, p.73-97, Mar.2007

PORTES, Alejandro; GUARNIZO, Luis; LANDOLT, Patricia. The Study of Transnationalism: pitfalls and promises of an emergent social field. **Ethnic and Racial Studies**, v. 22, n.2, p 217-237, 1999.

PORUMBESCU, Alexandra. Defining the New Economics of Labor Migration Theory Boundaries: a sociological-level analysis of international migration. **RSP**, n. 45, p. 55-64, 2015

QUAYSON, Ato; DASWANI, Girish. **A Companion to Diaspora and Transnationalism**. Oxford: Wiley Blackwell, 2013.

RAAD, Rodrigo; GUEDES, Gilvan. Private Transfer Choices under Uncertainty in Human Capital. **Revista Brasileira de Economia**, v.69, n.1, p.105-124, 2015.

- RAPPOPORT, Hillerl; DOCQUIER, Frédéric. **The Economics of Migrant's Remittances**. Iza: Bonn, 2005
- RENNER, Cecília H., PATARRA, Neide L. Migrações. In: SANTOS, Jair L. Ferreira, LEVY, Maria Stella Ferreira, SZMRECSÁNYI, Tamás (Orgs). **Dinâmica da População: teoria, métodos e técnicas de análise**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- REIS, Rossana; SALES, Teresa (Org.). **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Bointempo, 1999.
- RICHARD; ADAMS, Jr. The Economic Uses and Impact of International Remittances in Rural Egypt. **Economic Development and Cultural Change**, v.39, n.4, p.695-722, 1991.
- SALES, Teresa. **Brasileiros Longe de Casa**. São Paulo: Cortez, 1999
- SANA, Mariano. Buying Membership in the Transnational Community: migrant remittances, social status and assimilation. **Population Research and Policy Review**, v.24, n.3, p.231-261, 2005.
- SANTOS, Marcelo; SIQUEIRA, Sueli. Comunidade Rural de Emigração Masculina. A visão das mulheres cujos companheiros não emigraram sobre o fenômeno da emigração. In: SIQUEIRA, Sueli. **Diversas Facetas da Migração Internacional**. Governador Valadares: Univale, 2012.
- SEMYONOV, Moshe. Labor migration, Remittances and Household income: a comparison between Filipino and Filipina overseas workers. **The International Migration Review**, 2005.
- SEMYONOV, Moshe; GORODZEISKY, Anastasia. Labor migration, Remittances and Economic Well-being of Households in the Philippines, **Population Research and Policy Review**, v.27, n.5, p.619-637, 2008.
- SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLACN-SZANTON, Cristina. Transnationalism: a new framework for understanding migration. **Annals of the New York Academy of Sciences**, p.1-24, 1992.
- SHERBININ, Alex et al. Rural Household Demographics, Livelihoods and the Environment. **Global Environmental Change**, v.18, n.1, p.38-53, 2008.
- SILVA, Odacyr; MACHADO, Ana; DIAS, Carlos. Deixadas para Trás: sentimentos vivenciados por esposas de emigrantes submetidas ao isolamento conjugal. **Seminário de Ciências Sociais e Humanas**, v. 36, n.2, p.17-30, 2015.
- SIQUEIRA, Sueli. Emigrantes da microrregião de Governador Valadares nos EUA: projeto de retorno e investimento. 2004. In: XVº ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2006, Caxambú – MG. Campinas: ABEP, 2006. v. 1.
- SIQUEIRA, Sueli. Migracion y las distintas formas de retorno al suelo natal. Una perspectiva transnacional. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL - GEDIME, 2008, Barcelona. Barcelona: GEDIME, 2008.

SOARES, Weber. **Da Metáfora à Substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. Tese de Doutorado, CEDEPLAR, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

SOARES, Weber; FAZITO, Dimitri; FARIA, Sérgio. Do método para Estimar o Tamanho Médio das Redes Pessoais e o Tamanho de Populações Difíceis de Contar. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 29, n.1, 2012.

SORENSEN, Ninna; VAMMEN, Ida. Who cares? Transnational families in debates on migration and development. **New Diversities**, v.16, n.2, 2014.

SOUSA, Leonardo, et al. A Emigração Internacional de Valadarenses para os Estados Unidos: uma análise sob a luz das representações sociais. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 16, Diamantina, 2010. Diamantina: Seminário sobre a Economia Mineira, 2010

SOUSA, Leonardo. **Redes Sociais, Mercado e Cultura Migratória** – Um estudo sobre fatores associados à mobilidade populacional na Microrregião de Governador Valadares no Século XXI. Tese de Doutorado: CEDEPLAR, Belo Horizonte, 2016.

STARK, O; BLOOM, D.E. The New Economics of Labor Migration. **The American Economic Review**, v.75, n.2, p.173-178, 1985.

STARK, Oded; LUCAS, Robert. Migration Remittances and the Family. **Economic Development and Cultural Change**, v.36, n.3, p.465-481, 1988.

WAJMAN, Simone. **Demografia da Família e dos Domicílios Brasileiros**. Tese de Professor Titular: CEDEPLAR, Belo Horizonte, 2012.

WALL, Karin; BOLZMAN, Claudio. Mapping the New Plurality of Transnational Families. In: MERLA, Laura; BALDASSAR, Loretta (org). **Transnational Families, Migration and the Circulation of Care**: understanding mobility and absence in family life. London: Routledge, 2014.

WONG, Madeleine. The Gendered Politics of Remittances in Ghanaian Transnational Families. **Economic Geography**, v.82, n.4, p.355-381, 2006.

## ANEXOS

### **ANEXO A - Roteiro da Entrevista Semi-Estruturada com Famílias de Emigrantes Internacionais**

#### **1. Identificar Características Socioeconômicas do Entrevistado**

As características socioeconômicas dos entrevistados serão coletadas por meio de um questionário básico.

#### **2. Verificar a Relação do Entrevistado com o Emigrante**

2.1 quem da sua família migrou?

2.2 para onde migrou?

2.3 como era a sua relação com essa pessoa?

2.4 o que essa pessoa fazia no Brasil antes de migrar?

2.5 por que você acha que ela resolveu se mudar?

2.5 há quanto tempo ela já queria emigrar antes de ir?

2.6 por que ela escolheu esse local?

2.6 você teve algum papel na decisão dessa pessoa?

2.7 alguém da sua família teve algum papel nessa escolha? Como foi isso?

2.8 como você e sua família reagiram quando ela tomou a decisão?

2.9 vocês têm parentes na cidade onde ela vive agora?

2.10 alguém da sua família aqui mobilizou os parentes de lá?

2.11 eles a ajudaram a se estabelecer?

2.12 quem financiou a viagem?

#### **3. Entender a Percepção da Pessoa sobre a Vida do Migrante no Destino**

3.1 há quanto tempo ela migrou?

3.2 como essa pessoa está no local de destino?

3.3 o que ela te conta sobre a vida lá?

3.4 ela trabalha? Com o que?

- 3.5 ela levou alguém da família? Quem?
- 3.6 ela formou uma nova família lá? Quem?
- 3.7 você discorda de alguma prática desta pessoa no outro país (*perguntar sobre relações afetivas e de como gasta o dinheiro*)
- 3.8 você diria que ela está bem adaptada? Por que?
- 3.9 você acha que ela tem intenção de retornar? Por que?
- 3.10 E você, gostaria que ela voltasse? Por que?

#### **4. Entender o Impacto da Migração sobre a Família**

- 4.1 o que mudou na rotina da casa depois da saída dessa pessoa?
- 4.2 essa pessoa ajuda a casa de alguma forma?
- 4.3 se sim, como o dinheiro que ela envia é utilizado?
- 4.4 quem da casa administra o dinheiro? Quem da casa é o principal beneficiado?
- 4.5 como essa pessoa repassa o dinheiro às outras pessoas da casa?
- 4.6 com qual frequência ela manda dinheiro (nos últimos 12 meses) ? Qual o valor em média?
- 4.7 como vocês dispenderam esse dinheiro nos últimos 12 meses
- 4.7 de que forma ela manda dinheiro?
- 4.8 ela enviou algum bem? O que?
- 4.9 como se deu essa ajuda ao longo do tempo?
- 4.10 essa pessoa ajuda outras pessoas da família que não moram com você?
- 4.11 e você ou alguém da sua família já enviou ajuda para essa pessoa? Quando e Por quê?
- 4.12 já houve algum conflito com relação ao dinheiro?
- 4.13 você acredita que ela poderia enviar mais dinheiro ou envia o suficiente?
- 4.14 alguém veio morar nessa casa depois que a pessoa foi embora? Por que?
- 4.13 você tem planos de migrar para o lugar em que essa pessoa está?
- 4.14 alguém da sua família tem planos?

4.15 como é a comunicação com essa pessoa?

4.16 ela já visitou o Brasil desde que foi embora? E vocês, já a visitaram?

4.17 você acredita que as pessoas que você conhece (amigos, vizinhos, colegas) passaram a enxergar a sua família de forma diferente depois que essa pessoa migrou? Como?

*Prosseguir se houver filhos deixados na origem*

## **5 Entender a Relação do Emigrante com os Filhos Deixados na Origem**

5.1 como a criança/adolescente encara a saída do pai/mãe?

5.2 quem é o maior responsável pelo cuidado da criança/adolescente?

5.3 quem financia a maior parte dos gastos da criança/adolescente?

5.4 quanto é enviado mensalmente?

5.5 o emigrante influencia na maneira como os filhos são criados? De que forma?

5.6 já houve conflitos com relação a isso?

5.7 qual você acredita ter sido o impacto da emigração para a vida da criança/adolescente?

5.8 qual foi o impacto sobre o responsável pela criança?

## **ANEXO B - Roteiro da Entrevista Semi-Estruturada com Retornados Internacionais**

### **1. Identificar Características Socioeconômicas do Entrevistado**

As características socioeconômicas dos entrevistados serão coletadas por meio de um questionário

### **2. Verificar o que a Pessoa Entendia por Migração, antes de Migrar**

2.1 o que você pensava sobre migração antes de ir embora de Governador Valadares?

2.2 você já conhecia pessoas que tinham ido embora do país? O que elas diziam?

2.3 você planejou ir embora durante quanto tempo?

2.4 o que te levou a tomar essa decisão?

2.5 com quem você vivia na época? Me conte um pouco da sua família naquele tempo

2.6 qual foi o papel da sua família nessa decisão? Eles te apoiaram ou foram contra? Conte-me sobre esse processo.

2.7 você sentia que seria melhor para sua família que você migrasse ou que ficasse em Governador Valadares?

2.8 quem te auxiliou no processo? Já tinha parentes vivendo lá?

2.9 quem pagou pela sua viagem?

2.10 alguém da sua família migrou com você? Vocês foram juntos ou separados?

### **3 Entender como era a relação com a família na Origem**

3.1 quem da sua família ficou no Brasil?

3.2 como era a sua relação com a família no Brasil enquanto estava fora?

3.3 (Se o cônjuge ficou no Brasil) como era a relação à distância? Houve conflitos com relação a isso? Por que a pessoa não foi com você

- 3.4 você ajudava a sua família no Brasil? Como, quanto e por quê?
- 3.5 para quem você enviava o dinheiro?
- 3.6 como o dinheiro era gasto?
- 3.6 você dava ordens de como o dinheiro deveria ser gasto?
- 3.3 eles já te ajudaram financeiramente enquanto estava lá? Como, quando, e por quê?
- 3.4 vocês já discutiram por causa de dinheiro enquanto você estava lá?
- 3.5 como você acredita que a sua família te via lá?
- 3.6 você acha que ter migrado afetou os planos de outras pessoas da sua família de migrar?
- 3.7 você já ajudou alguém da sua família a se estabelecer em (...)? Quem, por que e como?
- 3.8 desde que você foi embora, houve mudanças na casa em que você morava em Governador Valadares? Alguém se mudou para lá ou saiu de lá? Por que?

*Prosseguir para o Item 4 apenas se havia filhos deixados na origem. Caso contrário, pular para o Item 5*

#### **4 Entender a Relação do Retornado com os Filhos Deixados na Origem**

- 4.1 como a criança/adolescente encarou a sua saída?
- 4.2 quem era o maior responsável pelo cuidado da criança/adolescente?
- 4.3 por que você escolheu essa pessoa como responsável?
- 4.4 quem financiava a maior parte dos gastos da criança/adolescente?
- 4.5 quanto era enviado mensalmente?
- 4.6 você influenciava na maneira como os filhos eram criados? De que forma?
- 4.7 já houve conflitos com relação a isso?
- 4.8 qual você acredita ter sido o impacto da sua saída para a vida da criança/adolescente?
- 4.9 qual foi o impacto sobre o responsável pela criança?
- 4.10 qual foi o impacto disso na sua vida?
- 4.11 como ficou a relação com o filho na volta?

## **5. Compreender o Retorno e Planos Futuros**

5.1 por que você voltou para o Brasil?

5.2 o que a sua família achou quando você decidiu voltar?

5.3 você trouxe alguém com você na volta?

5.4 com quem você está vivendo agora?

5.5 quais foram as mudanças na sua famílias antes e depois da emigração?

5.6 valeu a pena voltar?

5.7 você pensa em voltar para (...)? Por que?

5.8 você pensa em migrar para outro lugar? Por que?

## ANEXO C - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Migração Internacional em Governador Valadares: estratégias e conflitos intradomiciliares

**Pesquisador:** Alisson Flávio Barbieri

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 62773716.7.0000.5149

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.901.637

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce

**Pesquisador:** GILVAN RAMALHO GUEDES

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 12650413.0.0000.5149

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinador Principal:** CONS NAC DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLOGICO  
FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

## ANEXO D - Tabelas de Códigos das Entrevistas Semi-Estruturadas

Quadro 7-Códigos referentes à decisão de emigrar, familiares cujos filhos emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1A, Governador Valadares, 2016

	<b>Como Era a Vida de Familiar na Origem</b>	<b>Como foi o Planejamento da Migração</b>	<b>Motivo pelo Qual a Pessoa Decidiu Emigrar</b>	<b>Qual foi a Opinião da Família sobre a Migração</b>
Rosa	1. No Brasil, vida tinha muitas restrições 2. Emigrante não gostava de estudar	Decisão Repentina	1.Foi para Ajudar a Família 2. Febre de ir para os Estados Unidos 3. Dificuldade Financeira devido à ausência paterna	1.Emigrante escondeu plano de emigrar da família 2. Familiar não queria que a pessoa fosse
Márcia	1.No Brasil a vida tinha muitas restrições 2.O Brasil não canaliza a energia do jovem 3. Emigrante não gostava de estudar	Sempre falou em ir	1.Foi para si próprio 2.Trabalho no destino tem resultado imediato 3. Quis ir para Estudar	Familiar não tinha escolha senão apoiar
Eunice	1.Emigrante ganhava pouco no Brasil 2. No Brasil a vida tinha muitas restrições	Sempre falou em ir	Foi para ajudar a família	1.Achava que a pessoa podia conseguir algo no Brasil 2. Familiar não queria que a pessoa fosse 3. Familiar não tinha escolha senão apoiar

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 8-Códigos Referentes à Decisão de Emigrar, retornados que emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1B, Governador Valadares, 2016

	<b>Como Era a Vida de Emigrante na Origem</b>	<b>Como foi o Planejamento da Migração</b>	<b>Motivo pelo Qual a Pessoa Decidiu Emigrar</b>	<b>Qual foi a Opinião da Família sobre a Migração</b>
Laura	Vida era difícil no Brasil	Decisão repentina	Foi para Ajudar Família	Família apoiou
William	1.Largou Estudos para ir 2. Pai já vivia nos EUA	Decisão repentina	1.Foi para si próprio 2. Foi para Adquirir Bens	Família apoiou
João	1.Falta de Emprego em GV 2. Largou Estudos para ir	Decisão repentina	1.Falta de Emprego em GV 2. Foi para Ajudar Família 3. Foi porque Todos Iam	Família não apoiou

Pedro	Pai foi morto por Tráfico de Drogas	Foi por Pressão Familiar	1.Foi por Conflito com Familiar na Origem 2. Foi porque se Envolveu com Drogas	Família pressionou para que fosse
-------	-------------------------------------	--------------------------	---	-----------------------------------

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 9-Códigos referentes à adaptação no destino, familiares cujos filhos emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1A, Governador Valadares, 2016

	<b>Financiamento da viagem</b>	<b>Estabelecimento no Destino</b>	<b>Trabalho no Destino</b>	<b>Adaptação no Destino</b>	<b>Plano de Retorno</b>
Rosa	Familiar no destino financiou	Viveu com familiar no destino	1.Não têm direitos trabalhistas 2. Carga-horária de trabalho elevada 3. Más condições de trabalho	1.Formou nova família no destino 2. Gosta do modo de vida americano 3. Sente Saudades da Família	1.Não quer retornar 2. Vem esporadicamente ao Brasil depois de adquirir visto
Márcia	Familiar na origem financiou	1.Vive com familiar no destino 2. Trabalha com familiar no destino	Carga-horária de trabalho elevada	1.Gosta de Trabalhar Muito 2. Gosta do modo de vida americano	Não quer retornar
Eunice	Familiar no destino financiou	Viveu com familiar no destino	Carga horária de trabalho elevada	1.Vive a vida de lá 2. Formou nova família no destino 3. Gosta do modo de vida americano 5. Sente Saudades da Família	Não quer retornar

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 10-Códigos referentes à adaptação no destino, retornados que emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1B, Governador Valadares, 2016

	<b>Financiamento da viagem</b>	<b>Estabelecimento no Destino</b>	<b>Trabalho no Destino</b>	<b>Adaptação no Destino</b>
Laura	Familiar no destino financiou	Viveu com familiar no destino	1.Trabalhava 10h por dia 2. Más Condições de Trabalho	1.Conflito com Marido por Papeis de Gênero 2. Não falava inglês 3. Conflito entre Viver aqui e Viver lá 4. Realidade Diferente do Imaginado
William	Familiar na origem financiou	Viveu com familiar no destino	1.Trabalhava 10h por dia no Verão 2. Más Condições de Trabalho	1.Não falava inglês 2. Não gostava do destino 3. Conflito entre Viver aqui e Viver lá
João	Financiamento Próprio	Viveu com amigos no destino	Trabalhava 12h-14h por dia no Verão	1.Nos EUA é fácil viver como ilegal 2. Falava inglês, mas não lia ou escrevia 3. Gostava do Destino

Pedro	Familiar no destino financiou	Viveu com familiar no destino	1.Trabalhava 5h por dia e Estudava 2. Más Condições de Trabalho	1.Ganhava pouco no Destino 2. Conflito com a família no destino 3. Gostava de Portugal 4. Conflito entre viver aqui e viver lá
-------	-------------------------------	-------------------------------	--	---

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 11-Códigos referentes ao envio e uso das remessas, familiares cujos filhos emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1A, Governador Valadares, 2016

	<b>Envio de Remessas pelo Emigrante</b>	<b>Uso das Remessas</b>	<b>Frequência das Remessas</b>	<b>Conflito com Relação a Remessas</b>	<b>Investimento</b>
Rosa	Envia Remessas	Remessas para despesas correntes	1. Antes de casar filhos ajudavam mais 2. Remessas regulares 3. Valor das remessas diminuíram com a crise	Não tem conflito por remessas	Não quer investir em nada aqui
Márcia	Não envia remessas	–	–	1. Não quer que envie remessas 2. Não tem conflito por remessas	Não quer investir em nada aqui
Eunice	Envia Remessas	1. Remessas para reforma da casa 2. Remessas para gastos médicos	Remessas sob demanda	Não tem conflito por remessas	Não quer investir em nada aqui

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 12-Códigos referentes ao envio e uso das remessas, retornados que emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1B, Governador Valadares, 2016

	<b>Envio de Remessas</b>	<b>Uso das Remessas</b>	<b>Frequência das Remessas</b>	<b>Conflito com Relação a Remessas</b>	<b>Investimento</b>
Laura	Enviava Remessas	1. Remessas para despesas correntes da família na origem 2. Remessas para comprar casa para si	Remessas regulares	1. Ficava Triste por Não Conseguir Ajudar Família 2. Não havia conflito por remessas	1. Comprou Lote 2. Investiu em Negócio
William	Enviava Remessas	Remessas para comprar casa para si	Remessas regulares	Não havia conflito por remessas	1. Comprou Casa 2. Investiu em Negócio
João	Enviava Remessas	Remessas para despesas correntes da família na origem	Remessas Regulares	Não havia conflito por remessas	Investiu em Negócio

Pedro	Não Enviava Remessas	-	-	1. Não havia conflito por remessas 2. Ficava Triste por Não Conseguir Ajudar Família	Não conseguiu juntar dinheiro
-------	----------------------	---	---	---	-------------------------------

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 13-Balanco do Projeto Migratório e Planos Futuros, familiares cujos filhos emigraram antes da transição para paternidade ou casamento, G1A, Governador Valadares, 2016

	Contato com Emigrante	O que mudou no domicílio desde a emigração	Balanco do Projeto Migratório	Planos de Familiares de Emigrar
Rosa	1. Contato Frequente 2. Contato pela Internet	1. Mora com irmão 2. Todos os filhos ajudam	1. No destino não há direitos trabalhistas 2. No destino não há saúde pública	1. Outros filhos querem ir, mas não têm coragem 2. Pessoas não querem mais emigrar 3. Entrevistada não emigrou porque tinha filhos pequenos 4. Entrevistada se arrependeu de não haver emigrado
Márcia	1. Contato Frequente 2. Contato pela Internet	1. Mora com marido e filhos	Ao final, migração foi positiva	1. Não tem vontade de emigrar 2. Quer visitar filho
Eunice	1. Contato Frequente 2. Contato por Telefone	1. Mora com marido e filho	Ao final, migração foi positiva	1. Outros filhos querem ir, mas não têm coragem 2. Quer visitar filho 3. Não tem vontade de emigrar

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 14-Balanco do Projeto Migratório e Planos Futuros, retornados que emigraram antes da transição para paternidade ou casamento G1B, Governador Valadares, 2016

	Retorno	Balanco do Projeto Migratório	Planos Futuros	Influenciou Outras Pessoas
Laura	1. Voltou porque teve Depressão 2. Não voltou antes porque tinha dívidas a pagar	1. Relativizou Importância do Dinheiro 2. Ganhoun Experiência	1. Quer retornar para cuidar da saúde do filho 2. Quer retornar para viver a vida de lá	Ajudou Familiares a Emigrarem
William	1. Emigrou já pensando em Retornar 2. Voltou porque Queria Estudar	1. Relativizou Importância do Dinheiro 2. Ganhoun Experiência	1. Não quer retornar 2. Se retornasse gostaria de viver a vida de lá	Ajudou Familiares a Emigrarem
João	1. Não teria voltado se não fosse a família 2. Emigrou já pensando em Retornar	Vale a Pena Emigrar por causa do investimento no retorno	Não quer retornar	Ajudou Familiares a Emigrarem
Pedro	1. Voltou por Conflitos com Família no Destino 2. Voltou por Problema de Saúde	Vale a Pena Emigrar por causa de qualidade de vida no destino	1. Quer retornar 2. Quer investir em negócio no destino	Família pensa em Emigrar Também

	3. Voltou porque não conseguiu acompanhar escola			
--	--	--	--	--

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 15-Códigos Referentes à Decisão de Migrar, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016

	<b>Como Era a Vida de Familiar na Origem</b>	<b>Como foi o Planejamento da Migração</b>	<b>Motivo pelo Qual a Pessoa Decidiu Emigrar</b>	<b>Qual foi a Opinião da Família sobre a Migração</b>
Maria	1. Moravam de favor 2. Vida era difícil no Brasil	Decisão Repentina	1.Foi para Ajudar Família 2. Foi para pagar escola para os filhos	Apoiou decisão
Graça	1.Desemprego no Brasil 2. Empresa faliu 3. Vida era difícil no Brasil	Emigrante sempre quis morar nos EUA	1.Foi para Ajudar Família 2. Desemprego no Brasil	1.Acha que emigrante podia haver ficado no Brasil 2. Não concordou
Solange	1.Deixou a faculdade para emigrar 2. Deixou dívidas de viagens anteriores 3. Trabalhava com comércio de gemas 4. Não passavam dificuldade	Decisão Repentina	Foi para pagar dívidas de viagens anteriores	1.Acha que emigrante podia haver ficado no Brasil 2. Não adiantava concordar ou discordar 3. Homem faz o que quer 4. Acha que emigrante deveria ter investido em profissão no Brasil
Antônio	1.Vida era tranquila no Brasil 2. Familiar tinha carteira assinada no Brasil	Decisão Repentina	Sem motivo	1.Acha que emigrante podia haver ficado no Brasil 2. Não adiantava concordar ou discordar 3. Não concordou

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 16-Códigos Referentes à Decisão de Migrar, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016

	<b>Como Era a Vida de Emigrante na Origem</b>	<b>Como foi o Planejamento da Migração</b>	<b>Motivo pelo Qual a Pessoa Decidiu Emigrar</b>	<b>Qual foi a Opinião da Família sobre a Migração</b>
Otávio	1.Vida era difícil no Brasil 2. Família passava dificuldades	Sempre quis ir	1.Foi para Ajudar Família 2. Foi para Construir Casa para Mãe	Cônjuge Relutou em Aceitar
Luís	1. Vida era difícil no Brasil 2. Negócio no Brasil não estava dando certo	Teve oportunidade e decidiu ir	1.Foi para Ajudar Família 2. Foi para Reformar Casa	1.Cônjuge Relutou em Aceitar 2. Decisão Negociada com Cônjuge

Sílvia	Recém-divorciada	Teve oportunidade e decidiu ir	1.Foi para Comprar Casa 2. Foi para crescer como pessoa 3. Foi para conhecer outro país	1.Ex-Cônjuge não Apoiou 2. Emigrante não se importava com opinião de Ex-cônjuge
--------	------------------	--------------------------------	---	--

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 17-Códigos Referentes ao Recebimento e Uso de Remessas, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016

	<b>Envio de Remessas</b>	<b>Uso das Remessas</b>	<b>Frequência das Remessas</b>	<b>Negociações com Relação a Remessas</b>	<b>Investimento</b>
Maria	Envia Remessas	1.Remessas para pagar escola dos filhos 2. Remessas para construir casa	Remessas Regulares	1.Cônjuge complementa renda trabalhando 2. Não há conflito em torno de remessas	1.Comprou lote 2. Construiu Casa
Graça	Envia Remessas	1.Remessas para despesas correntes 2. Remessas para reforma da casa	Remessas Regulares	1.Cônjuge deixou o trabalho 2. Não há conflito em torno de remessas	1.Reformou Casa 2. Investiu em Negócio que não deu certo
Solange	Envia Remessas	Remessas para presentear filhos	Remessas sob Demanda	1.Cônjuge mantém maior parte das despesas da casa 2.Cônjuge sente que Emigrante não Ajuda Financeiramente	Não Investiu
Antônio	Não Envia Remessas	-	-	Não há conflito em torno de remessas	Não Investiu

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 18-Códigos Referentes ao Envio e Uso de Remessas, retornados que deixaram cônjuges ou ex-cônjuges na origem, G2B, Governador Valadares, 2016

	<b>Envio de Remessas</b>	<b>Uso das Remessas</b>	<b>Frequência das Remessas</b>	<b>Negociações com Relação a Remessas</b>	<b>Investimento</b>
Otávio	Enviava Remessas	1.Remessas para Despesas Correntes 2. Remessas para Reforma da Casa da mãe	Remessas Regulares	1.Não havia conflito quanto ao uso das Remessas 2. Cônjuge Complementava Renda com Trabalho na Origem 3. Cônjuge Administrava Dinheiro das Remessas	1.Comprou lote 2. Construiu Casa 3. Investiu em Negócio
Luís	Enviava Remessas	1.Remessas para Despesas Correntes 2. Remessas para Reforma da Casa	Remessas Regulares	1.Não havia conflito quanto ao uso das Remessas 2. Cônjuge Administrava Dinheiro das Remessas	Reformou Casa

Sílvia	Enviava Remessas	Remessas para Despesas Correntes	Remessas Regulares	1.Conflito quanto ao uso das Remessas 2. Remessas como 'saco sem fundo' 3. Dinheiro que enviava não era gasto corretamente	Não investiu
--------	------------------	----------------------------------	--------------------	--	--------------

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 19-Códigos Referentes ao Casamento e Cuidado com os Filhos, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016

	Relação Conjugal	Como foi criar os filhos sem cônjuge	Paternidade/maternidade à distância	Reencontro (se houve)
Maria	1.Se Acostumou com Ausência 2. Relacionamento à distância é o bastante	Foi tranquilo porque filhos não se envolveram com drogas	1.Pai presente financeiramente 2. Pai presente afetivamente	Reencontro foi estranho
Graça	1.Não se acostumou com ausência 2. Pede Retorno de Emigrante	1.Foi muito difícil 2. Evitava envolver cônjuge com os problemas daqui 3. Filho se envolveu com drogas	1.Pai presente financeiramente 2. Pai presente afetivamente	Não houve reencontro
Solange	1.Homem só faz o que quer 2. Vontade de se Divorciar 3. Suspeita de traição	1.Foi muito difícil 2. Não pode contar com cônjuge	1.Filhos não veem pai como autoridade 2. Filhos acham que não têm pai pra nada	1.Não reconhece a pessoa quando retorna 2. Não se acostuma com convivência no retorno
Antônio	Se Divorciou	Foi tranquilo porque filhos já estavam acostumados	Filhos visitam mãe regularmente	Não houve reencontro

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 20-Códigos Referentes ao Casamento e Cuidado com os Filhos, retornados que deixaram cônjuges ou ex-cônjuges na origem, G2B, Governador Valadares, 2016

	Relação Conjugal	Arranjos de Cuidado com os filhos na Origem	Paternidade/maternidade à distância	Reencontro (se houve)
Otávio	1.Se Acostumou com Ausência de Cônjuge 2. Relação Extra-Conjugal no Destino	Cônjuge tomava decisões sobre cuidado com filhos	Sentia saudade dos filhos	1.Não permitia que cônjuge trabalhasse no destino 2. Não reconhecia cônjuge 3. Divórcio
Luís	Decisões negociadas em conjunto	1.Cônjuge tomava decisões sobre cuidado com filhos 2. Cônjuge se sentia sobrecarregado no cuidado com filhos	1.Tinha medo que filhos se envolvessem com drogas 2. Sentia saudade dos filhos	Reencontro foi tranquilo

Sílvia	Migrou após separação	1. Cônjuge não cuidava corretamente dos filhos 2. Cônjuge não dividia as despesas 3. Conflitos com relação a papéis de gênero	1. Tinha medo que filhos se envolvessem com drogas/prostituição 2. Filhos gostavam do modo de vida que ela provia à distância	Perdeu autoridade com relação aos filhos
--------	-----------------------	---	--	--

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 21-Códigos Referentes a Retorno e Planos Futuros, familiares cujos cônjuges ou ex-cônjuges emigraram, G2A, Governador Valadares, 2016

	<b>Plano de Cônjuge Emigrar</b>	<b>Plano de Filhos Emigrarem</b>	<b>Plano de Retorno do Emigrante</b>	<b>Balço do Projeto Migratório</b>
Maria	1. Não quer emigrar porque trabalha aqui 2. Não quer emigrar pra não deixar netos	Filhas não querem emigrar porque estudaram	1. Não quer retornar 2. Já se acostumou com o modo de vida americano	1. Foi bom porque hoje filhos estudaram e são bem-sucedidos 2. Se cônjuge não houvesse emigrado, filhas hoje seriam domésticas
Graça	Não emigrou porque não quer deixar filhos	1. Filho mais velho não quer emigrar porque estudou 2. Filho mais novo quer se juntar ao pai/não estudou	1. Diz que vai retornar, mas não retorna 2. Cônjuge já perdeu as esperanças em Retorno 3. Já se acostumou com o modo de vida americano	1. Foi bom do ponto de vista financeiro 2. Foi ruim do ponto de vista pessoal 3. Cobra a ausência de pai e marido
Solange	Não emigrou porque não quer ter subemprego	1. Filha não quer emigrar porque estudou 2. Filho mais novo não quer emigrar porque gosta daqui	Pensa em ficar indo e voltando com visto de negócios	1. Migração destrói famílias 2. Migração como vício 3. Emigrante consegue as mesmas coisas do que quem ficou
Antônio	Emigrou e Retornou após Divórcio	Filhos não pensam em emigrar porque gostam daqui	Não pensa em retornar	Migrar não vale a pena

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 22-Códigos Referentes a Retorno e Planos Futuros, retornados que deixaram cônjuges ou ex-cônjuges na origem G2B, Governador Valadares, 2016

	<b>Motivo do Retorno</b>	<b>Plano Futuros</b>	<b>Plano de Filhos Emigrarem</b>	<b>Balço do Projeto Migratório</b>
Otávio	Foi deportado	Pensa em Reemigrar para Ficar perto do Filho	Filho nascido nos EUA	1. Migração destrói famílias 2. Migração vale a pena para pessoas solteiras
Luís	1. Saudades da Família 2. Rendimento menor do que no início	Não pensa em Reemigrar	1. Filha mais nova não quer emigrar porque estudou 2. Filho mais velho pensa em emigrar	1. Migração vale a pena para pessoas solteiras 2. Migração vale a pena com obtenção de visto

Sílvia	1. Medo que filhos se envolvessem com drogas 2. Não conseguia arcar com as despesas na origem	Pensa em Reemigrar com Filhas	1. Filhas pensam em emigrar 2. Acredita que filhas não vão se acostumar com falta de liberdade no destino	Migração valeu a pena pela experiência
--------	--	-------------------------------	--	--

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 23-Códigos Referentes à Decisão de Emigrar, Familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, G3A, Governador Valadares, 2016

	Como Era a Vida de Emigrante na Origem	Como foi o Planejamento da Migração	Motivo pelo Qual a Pessoa Decidiu Emigrar	Qual foi a Opinião da Família sobre a Migração
Laércio	1. Tinha três filhos de diferentes pais 2. Vivia com os três filhos na casa dos pais 3. Os avós já assumiam a responsabilidade principal pelas crianças	Sempre quis emigrar	Emigrou por curiosidade de conhecer outro país	Familiar apoiou
Cândida	1. Tinha dois filhos da mesma mãe 2. Vivia com os dois filhos na casa dos pais 3. Os avós já assumiam a responsabilidade principal pelas crianças	Foi pressionado pela família a emigrar	Emigrou para fugir de problemas com tráfico de drogas	Familiar apoiou
Tiago	1. Tinha dois filhos de diferentes pais 2. Pai do segundo filho foi morto pelo tráfico de drogas 3. Cada filho já vivia com as respectivas avós, que tinham sobre eles responsabilidade principal	Teve oportunidade e decidiu emigrar	Emigrou para ter uma vida melhor	Não Informado

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 24-Códigos Referentes à Decisão de Emigrar, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, G3B, Governador Valadares

	Como Era a Vida de Emigrante na Origem	Como foi o Planejamento da Migração	Motivo pelo Qual a Pessoa Decidiu Emigrar	Qual foi a Opinião da Família sobre a Migração
Lúcia	1. Vida no Brasil era difícil 2. Sofria abuso do ex-marido 3. Recém separada 4. Vivia com filhos na casa dos pais 5. Ex-marido não pagava pensão	Surgiu a oportunidade e decidiu emigrar	1. Emigrou para comprar casa na origem 2. Emigrou para fugir de violência do pai e do ex-marido	1. Familiar apoiou 2. Mãe pedia que filha fosse para cuidar dos irmãos que já estavam lá

	6. Sofria abuso do pai		3. Emigrou para investir em negócio na origem	
Natália	1. Vida no Brasil era difícil 2. Recém separada 4. Vivia com filhos na casa dos pais 5. Ex-marido não pagava pensão	Surgiu a oportunidade e decidiu emigrar	1. Emigrou para comprar casa na origem 2. Emigrou para dar vida melhor aos filhos	Familiar apoiou porque emigrante era inconsequente na origem
Amanda	1. Vida no Brasil era difícil 2. Vivia com filho na casa da mãe 3. Era mãe solteira	Sempre quis emigrar	1. Emigrou para comprar casa na origem	1. Mãe relutou em aceitar 2. Mãe não tinha outra opção senão aceitar

Quadro 25-Códigos referentes à Adaptação no Destino, Familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, G3A, Governador Valadares, 2016

	Financiamento da viagem	Estabelecimento no Destino	Trabalho no Destino	Adaptação no Destino
Laércio	1. Entrevistado financiou viagem 2. Entrevistado migrou aos Estados Unidos para financiar viagem da filha	Viveu com familiar no destino	Trabalho Irregular no Destino	1. Gosta da vida no destino 2. Vive a vida de lá 3. Gasta muito dinheiro com coisas supérfluas
Cândida	Familiar no destino financiou viagem	Viveu com familiar no destino	Trabalho Irregular no Destino	1. Casou e teve filhos no destino 2. Não gosta da vida no destino 3. Vive com subsídio concedido por governo no destino
Tiago	Familiar no destino financiou viagem	Viveu com familiar no destino	Trabalha em média 12h no Destino	1. Gosta da vida no destino 2. Não tem ligações com a origem a não ser com filhos 3. Casou -se no destino

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 26-Códigos referentes à Adaptação no Destino, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, G3B, Governador Valadares, 2016

	Financiamento da viagem	Estabelecimento no Destino	Trabalho no Destino	Adaptação no Destino
Lúcia	Familiar no destino financiou viagem	Viveu com familiar no destino	1. Trabalhava 12h no Destino quando chegou 2. Quando casou, cônjuge proibiu de trabalhar	1. Casou com mexicano e teve filhos no destino 2. Quando chegou, esqueceu de si para ajudar família no Brasil 3. Com o tempo, passou a viver a vida do destino 4. Conflito entre viver a vida de lá e a vida daqui 5. Depressão
Natália	Familiar na origem financiou viagem	1. Viveu com familiar no destino	Más condições de trabalho	1. Casou com português no destino 2. Conflitos com brasileiros no exterior

		2. Conflitos com família no destino		3. Realidade diferente do imaginado 4. Não conseguiu juntar dinheiro no destino
Amanda	Familiar no destino financiou viagem	Viveu com familiar no destino	Trabalha em média 12h no Destino	1. Gostava da vida no destino 2. Tinha vida social 3. Bom relacionamento com portugueses e africanos 4. Qualidade de vida

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 27-Códigos Referentes ao Uso e Envio de Remessas, Familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, Grupo 3GA, Governador Valadares, 2016

	<b>Envio de Remessas</b>	<b>Uso das Remessas</b>	<b>Frequência das Remessas</b>	<b>Negociações com Relação a Remessas</b>	<b>Investimento</b>
Laércio	Envia Remessas	Remessas para pagar curso profissionalizante da filha	Remessas sob Demanda	Pede que filha ajude mais com despesas da neta	Não investiu
Cândida	Não Envia Remessas	-	-	1. Não pede que envie remessas 2. Familiares enviam remessas em objetos ao emigrante no destino	Não investiu
Tiago	Envia Remessas	1. Remessas para despesas correntes 2. Remessas para presentear os filhos	Remessas Regulares	1. Não houve conflito em torno de remessas	Não investiu

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 28-Códigos Referentes ao Uso e Envio de Remessas, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, Grupo 3GB, Governador Valadares, Brasil

	<b>Envio de Remessas</b>	<b>Uso das Remessas</b>	<b>Frequência das Remessas</b>	<b>Negociações com Relação a Remessas</b>	<b>Investimento</b>
Lúcia	Enviava Remessas	1. Remessas para despesas correntes com filhos 2. Familiar administrava uso das remessas	Remessas regulares	1. Não houve conflito em torno das remessas 2. Remessas cobriam todos os gastos dos filhos na origem	Não investiu
Natália	Enviava Remessas	1. Remessas para despesas correntes com filhos	Remessas regulares	1. Não houve conflito em torno das remessas 2. Pais e irmãs contribuíam para as	1. Comprou Propriedade

		2. Familiar administrava uso das remessas		despesas dos filhos na origem	
Amanda	Envia Remessas	1. Remessas para despesas correntes com filhos 2. Familiar administrava uso das remessas	Remessas Regulares	1. Não houve conflito em torno de remessas 2. Remessas cobriam todos os gastos do filho na origem	Não investiu

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 29-Códigos Referentes ao Cuidado com os Filhos, Familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, Grupo 3GA, Governador Valadares, Brasil

	<b>Arranjos de Cuidado com os filhos na Origem</b>	<b>Paternidade/maternidade à distância</b>	<b>Reencontro (se houve)</b>
Laércio	1. As duas filhas vivem com os avós maternos e o filho vive com o pai 2. Pais das duas netas não são financeiramente ou afetivamente presentes 3. Netas tem avô como figura paterna e avó como figura materna	1. Filha é inconsequente 2. A neta mais velha é mais madura do que a própria mãe 3. Netas gostariam de haver sido criadas pela mãe 4. Netas não sentem falta da mãe e dos pais pois sempre foram criados pelos avós	Emigrante faz visitas esporádicas ao Brasil
Cândida	1. Os dois netos vivem com os avós paternos 2. Mãe dos dois netos não é financeiramente ou afetivamente presente 3. Netos tem avô como figura paterna e avó como figura materna 4. Netos de outros filhos também são deixados com avó durante o dia	1. Contato frequente pela internet 2. Netos não sentem falta do pai ou da mãe pois sempre foram criados pela avó	Não houve reencontro
Tiago	1. Cada um dos filhos vive com as respectivas avós paternas 2. Pai de filho mais novo foi morto pelo tráfico de drogas 3. Pai de filho mais velho é financeiramente e afetivamente presente	1. Contato frequente pela internet 2. Mãe mantém relação de cuidado à distância 3. Maternidade compartilhada entre mãe emigrante, avó e madrinha 4. Mãe dá muito conselhos, pois tem medo que filhos se envolvam com drogas	Não houve reencontro

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 30-Códigos Referentes ao Cuidado com os Filhos, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, Grupo 3GB, Governador Valadares, Brasil

	<b>Arranjos de Cuidado com os filhos na Origem</b>	<b>Paternidade/maternidade à distância</b>	<b>Reencontro</b>
Lúcia	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Maternidade compartilhada: filhos foram criados pela avó e pela tia</li> <li>2. Avó e tia tomavam todas as decisões quanto à criação dos filhos</li> <li>3. Avó e tia eram mães adotivas dos filhos</li> <li>4. Pedia ao pai das crianças que ajudasse na criação dos filhos</li> <li>5. Filhos já estavam acostumados a viver com avó e tia</li> <li>6. Avó disse que não aceitaria que os netos emigrassem</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Vibrava à distância com as conquistas dos filhos</li> <li>2. Contato irregular com filhos</li> <li>3. Filhos eram arredios no contato por telefone</li> <li>4. Filhos americanos e filhos brasileiros não mantinham contato</li> <li>5. Filhos se queixavam de abandono</li> <li>6. Filhos não reconhecem emigrante como mãe</li> <li>7. Perdeu momentos importantes da vida dos filhos</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Reencontro foi doloroso</li> <li>2. Reencontro reacendeu conflitos por ausência materna</li> <li>3. Esperava maior afeto dos filhos</li> </ol>
Natália	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Maternidade compartilhada: filhos foram criados pela avó e pela tia</li> <li>2. Avó e tia tomavam todas as decisões quanto à criação dos filhos</li> <li>3. Filhos já estavam acostumados a viver com avó e tia</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Contato frequente pela internet</li> <li>2. Filhos se queixavam de abandono</li> <li>3. Filho desenvolveu problemas de fala atribuídos à ausência materna</li> <li>4. Filho não reconhece emigrante como mãe</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Reencontro foi doloroso</li> <li>2. Reencontro reacendeu conflitos por ausência materna</li> <li>3. Esperava maior afeto dos filhos</li> </ol>
Amanda	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Filho foi criado pela avó</li> <li>2. Filho já estava acostumado a viver com avó</li> <li>3. Avó tomava todas as decisões quanto à criação do filho</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Contato frequente pela internet</li> <li>2. Ausência não teve impacto na criação do filho</li> <li>3. Filho compreendeu motivos da ausência da mãe</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Reencontro foi tranquilo</li> </ol>

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 31-Códigos Referentes a Planos Futuros, Familiares cujos filhos emigraram deixando netos sob sua responsabilidade, G3A, Governador Valadares, 2016

	<b>Plano Futuros de Emigrante</b>	<b>Plano de Filhos Emigrarem</b>	<b>Balço do Projeto Migratório</b>
Laércio	Emigrante diz que quer voltar ao Brasil	1.Neta mais nova quer emigrar 2. Neta mais velha não quer emigrar pois pretende cuidar dos avós	Não informado
Cândida	Emigrante diz que quer voltar ao Brasil	Netos não querem emigrar pois temem falta de liberdade no destino	Não quer que filho volte ao Brasil pois tem medo que se envolva com tráfico de drogas
Tiago	Emigrante não quer voltar ao Brasil	Entrevistado quer emigrar pois acredita que no destino pode ganhar mais dinheiro	Acha que emigrar vale a pena

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016

Quadro 32-Códigos Referentes a Planos Futuros, retornados que, ao emigrar, deixaram filhos sob responsabilidade dos avós, Grupo 3GB, Governador Valadares, 2016

	<b>Plano Futuros de Emigrante</b>	<b>Plano de Filhos Emigrarem</b>	<b>Balço do Projeto Migratório</b>
Lúcia	Não quer voltar a viver no Brasil	Filhos não querem emigrar	Hoje se sente como um rio que perdeu o curso
Natália	Quer ficar no Brasil	Filhos não querem emigrar	1.Realidade diferente do imaginado 2.Acha que emigrar só vale a pena quando se é solteiro
Amanda	Quer reemigrar para Portugal	Filho não quer emigrar	1.Acha que emigrar vale a pena 2.Acha que perdeu em termos afetivos com filho 3.Financeiramente, era melhor para o filho que ela estivesse lá do que aqui

Fonte: Entrevistas Qualitativas, 2016